

FRANCISCO TOPA

POESIA INÉDITA DE LUÍS ANTÓNIO VERNEI

Edição do Autor

Porto — 2001

Para o Paulo

ÍNDICE

Siglas e abreviaturas utilizadas	11
I. Introdução	13
II. Inventário testemunhal dos poemas de Luís António Vernei	41
III. Normas de transcrição dos poemas e critérios da edição	71
1. Opções de base	73
2. Normas de transcrição dos poemas	73
3. Apresentação do texto crítico e do aparato	78
IV. Edição crítica	81
A. Odes	83
1. <i>Subamos, Musa, aonde os Deuses moram</i>	85
2. <i>Não de Milton, Voltair, Camões divino</i>	91
3. <i>Que fúnebre rumor, que aflito pranto</i>	95
4. <i>A fecunda estação gostosa a Baco</i>	98
5. <i>Os pesados grilhões que os roixos pulsos</i>	100
6. <i>Eu fui um dia, em voos transportado</i>	102
7. <i>Nos Altares da Cândida Amizade</i>	106
8. <i>Enquanto grossa chuva está caindo</i>	108

9. <i>Não canto o fero Moço doutrinado</i>	110
10. <i>Numes da Poesia</i>	113
11. <i>Se algum dia, na Lira desgraçada</i>	116
12. <i>Fogem batendo as asas</i>	119
13. <i>A curvada Mulher que sempre fixos</i>	121
14. <i>Enquanto não se aparta o branco gelo</i>	123
15. <i>S'algum dia na Lira decantava</i>	126
16. <i>Graças ao Céu, Leitão, que já te vejo</i>	128
17. <i>Quando, Felinto, desandar veremos</i>	130
B. Epitalâmios	135
18. <i>Tebeias Musas do partido Monte</i>	137
C. Cantatas	143
19. <i>Agora que os ventos</i>	145
20. <i>Ateie de novo</i>	151
21. <i>Os raios de Febo</i>	159
22. <i>O Globo de Febo</i>	164
23. <i>Não sei, ó bela Márcia</i>	172
24. <i>Já piso as tristes Caldas</i>	177
25. <i>Graças ao Céu divino</i>	181
26. <i>Chegou, ó Bela Márcia</i>	186
D. Modas	193
27. <i>Meninas erraram</i>	195
28. <i>O Véu da desgraça</i>	198
E. Epístolas	203
29. <i>A lenta melancolia</i>	205
30. <i>Ilustre Pinto, companheiro Amigo</i>	210
31. <i>Já que a dura distância me separa</i>	216
32. <i>Sábio Leitão, Amável companheiro</i>	221

F. Elegias	225
33. <i>Não são os regozijos da Ventura</i>	227
G. Endechas	233
34. <i>Anarda, chegou</i>	235
H. Quintilhas	241
35. <i>Agora que o sono brando</i>	243
36. <i>Apenas teu Nome ouvi</i>	249
I. Cantigas	255
37. <i>Armânia, teus lindos olhos</i>	257
38. <i>Os teus olhos, linda Anarda</i>	260
39. <i>Tristes águas do Mondego</i>	264
40. <i>Os protestos que te fiz</i>	268
41. <i>Tristes ais, cruéis gemidos</i>	272
J. Idílios	275
42. <i>Havia já três anos que Janido</i>	277
43. <i>A rugidora porta que refreia</i>	282
44. <i>Já os raios de Délío vão subindo</i>	287
45. <i>Salve, ameno Vergel, aonde habita</i>	294
L. Églogas	303
46. <i>Depois que o frio Inverno carrancudo</i>	305
47. <i>Graças ao Céu, Cifrânio, que te vejo</i>	313
48. <i>Fugiam dos curvados horizontes</i>	321
49. <i>É este o belo campo aonde Elisa</i>	332
50. <i>Havia longos tempos que Janido</i>	338
M. Sonetos	345
51. <i>Com os finos cabelos esparzidos</i>	347
52. <i>Aqui exposta às Feras pavorosas</i>	348
53. <i>Mais me recreia Márcia em traje pobre</i>	349

54. <i>Da noite o negro manto se estendia</i>	350
55. <i>Enquanto as vivas chamas devoravam</i>	351
56. <i>Em um vale, que fica situado</i>	352
57. <i>Enquanto a prima idade nos obriga</i>	353
58. <i>Ao chão lançou a Aljava o Deus vendado</i>	354
59. <i>Qual branca Borboleta, namorada</i>	355
60. <i>Quantas vezes das redes se esquecia</i>	356
61. <i>Morreu-me de improviso o manso Gado</i>	357
62. <i>Sentado junto às margens do Ribeiro</i>	358
63. <i>Farta, ó Ninfa, o desejo furioso</i>	359
64. <i>Adeus, Lorana ingrata, adeus, pesares</i>	350
65. <i>Sonhei, ó Céus! (ainda congelado</i>	361
66. <i>Apenas que Leandro a facha via</i>	362
67. <i>Louvem embora mil apaixonados</i>	363
68. <i>Achando o Templo aberto do Vendado</i>	364
69. <i>O Frígio Capitão, de Dido amado</i>	365
70. <i>Ao longo do fraguedo cavernoso</i>	366
71. <i>C'os braços nus, os golpes alternavam</i>	367
72. <i>Saudades são efeitos da ternura</i>	368
73. <i>Se sentisses o meu apartamento</i>	369
74. <i>Vendo Amor os costumes corrompidos</i>	370
75. <i>Numa noite que o Céu se escurecia</i>	371
76. <i>Eu vi um dia, oh Céus!, que triste dia!</i>	372
77. <i>Irra! Tal não consinto; é corriola</i>	373
78. <i>Por três vezes, Marília, quis louvar-te</i>	374
79. <i>Apenas que os Humanos profanaram</i>	375
80. <i>Ordena o Pai dos Deuses que um só Dia</i>	376
81. <i>Passaram as Idades venturosas</i>	377

82. <i>Ao som das grossas vagas, que lambiam</i>	378
83. <i>Campos da minha glória já passada</i>	379
84. <i>As pandas asas solta carregado</i>	380
85. <i>Entrou no Averno Lília e de repente</i>	381
86. <i>Em vão pertendes, Silvio, com ternura</i>	382
87. <i>Na Forja de Vulcano acelerados</i>	383
88. <i>Alvíssaras! Amor ficou vencido</i>	384
89. <i>Oh! Como passa alegre a curta vida</i>	385
90. <i>Se nas cidades todos se vestissem</i>	386
91. <i>Embora em pobre lenho destroçado</i>	387
92. <i>Debaixo destes cedros levantados</i>	388
93. <i>Ao rude tom de ríspidos Tambores</i>	389
94. <i>As portas tornava a abrir da noite escura</i>	390
95. <i>Foge dos impinados altos Montes</i>	391
96. <i>Albano, por acaso caminhando</i>	392
97. <i>Rasgou enfim o véu da noite escura</i>	393
98. <i>Já, sem murmúrio, o Tejo caudaloso</i>	394
99. <i>Por mais que os olhos meus ao chão inclino</i>	395
100. <i>Onde existem, Aónia, os juramentos</i>	396
101. <i>É Lei indispensável da Natura</i>	397
102. <i>Bela Márcia, não foi por ser tirano</i>	398
103. <i>Não vires, Bela Márcia, o lindo rosto</i>	399
104. <i>A venda tira Amor dos olhos belos</i>	400
105. <i>Manda, gentil Anarda, o meu destino</i>	401
106. <i>Não julgues, Bela Márcia, que a tristura</i>	402
107. <i>Entrei no triste Reino de Cocito</i>	403
108. <i>Vendo a Castro o focinho um certo dia</i>	404
109. <i>Caldas de São Gemil, em dous d'Agosto</i>	405

110. <i>Prudente Guardião, o Santo Zelo</i>	406
N. <i>Glosas</i>	407
111. <i>Pode, Anarda, o rijo Fado</i>	409
112. <i>Os reveses da tristeza</i>	412
113. <i>Não fujas, Gentil Nancira</i>	415
114. <i>O tormento em que estã posto</i>	416
115. <i>Tristes campos desditosos</i>	417
116. <i>Triste Fado, por que ordenas</i>	420
117. <i>Depois que me separei</i>	423
118. <i>O caduco executor</i>	426
119. <i>Como setas voadoras</i>	429
120. <i>Tanto que a luz da razão</i>	430
121. <i>Não zombem, Ninfas, d'Amor</i>	433
122. <i>Tanto que o caos se uniu</i>	435
V. <i>Anexo — Os cinco sonetos jã conhecidos</i>	439
I. <i>Livraste, ó grande ARETE, os teus Pastores</i>	443
II. <i>És feia; mas de sorte que horrorosa</i>	444
III. <i>Que acção foi, Cloto indigna, Parca dura</i>	445
IV. <i>À morte o golpe, à fermosura a glória</i>	446
V. <i>Debalde a feres; sem razão rogá-la</i>	447
VI. <i>Bibliografia</i>	449
VII. <i>Índice alfabético de primeiros versos dos poemas editados</i>	457

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

BADE – Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora

BM – Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)

f. – fólho

FR – Fundo Rivara (Série de manuscritos da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora)

Ms. – Manuscrito

p. – página

var. – variante

I. INTRODUÇÃO

1. Apesar da relativa unanimidade no reconhecimento de Luís António Vernei (1713-1792) como uma das grandes figuras da cultura portuguesa de setecentos, a verdade é que vimos assistindo nas últimas décadas a um decréscimo do interesse pela sua obra, tanto no plano da edição como no do estudo. Em relação ao primeiro aspecto, basta observar que meio século passou desde a edição do *Verdadeiro Método de Estudar* preparada por António Salgado Júnior sem que a obra voltasse a ser publicada na íntegra. Quanto ao segundo, é suficiente notar que não apareceu nenhum trabalho relevante de conjunto depois da investigação decisiva de António Alberto de Andrade em *Vernei e a Cultura do Seu tempo*, que data de 1965. Por outro lado, parece-me significativo que, na época de cultura comemorativa em que vivemos, datas importantes relacionadas com o *Barbadinho* tenham passado mais ou menos em branco. Que eu saiba, apenas o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho assinalou, com um pequeno Colóquio, a passagem do segundo centenário da morte de Vernei. Pior sorte tiveram os 250 anos da publicação do *Verdadeiro Método de Estudar*, que não mobilizaram nenhuma iniciativa importante.

Foi justamente em 1996 que, de forma inesperada, tive oportunidade de descobrir o material que serve de base a esta publicação. Trabalhava na altura na minha tese de doutoramento, consagrada à edição crítica da poesia de Gregório de Matos, e tinha ido ao Brasil para terminar a recolha de material em diversas bibliotecas. Entre elas estava a biblioteca particular do Dr. José Mindlin, em São Paulo, que possui um pequeno conjunto de miscelâneas literárias com composições dos séculos XVII e XVIII. Num desses cancioneiros, viria a encontrar um conjunto

significativo de poemas atribuídos a “Vernei”, que obviamente me suscitaram interesse, embora de mistura com alguma incredulidade. Recolhi pois o material, mesmo sabendo que não iria poder dedicar-me de imediato ao seu estudo. Nos quase cinco anos que entretanto passaram, continuei a trabalhar no domínio da crítica textual, aplicada à edição e estudo de poetas portugueses e brasileiros do século XVIII cuja obra – no todo ou em parte – tinha permanecido inédita. Essa tarefa, ao permitir-me o contacto com centenas de miscelâneas poéticas setecentistas, pertencentes a mais de duas dezenas de bibliotecas, reforçou a minha perplexidade inicial perante o referido acervo inédito atribuído a Vernei. Na verdade, no decurso de tais pesquisas, não voltei a encontrar nenhum rasto de produção poética verneiana. Além disso, as informações disponíveis sobre a vida e a obra do *Barbadinho* não me pareciam autorizar que tal atribuição fosse aceite sem uma dúvida razoável.

Apesar disso, decidi estudar cuidadosamente o material em causa e acabei por concluir pela impossibilidade de impugnar a atribuição. Isso não significa contudo que esta seja uma questão encerrada e que todas as dúvidas tenham ficado dissipadas. Pelo contrário: parece-me que a publicação deste conjunto de poesias inéditas deve relançar a pesquisa em torno da vida e da obra do *Barbadinho*, de que poderá resultar a confirmação ou a denegação da autoria verneiana.

2. A produção poética de Luís António Vernei até agora conhecida resumia-se a cinco sonetos, dois publicados pelo autor e três que haviam ficado inéditos em manuscritos autógrafos. Tanto esse conjunto como as reflexões sobre poesia que o autor nos deixou no *Verdadeiro Método de Estudar* foram objecto de uma restrição consensual da parte dos especialistas modernos, que sublinharam a fraca qualidade dos poemas e o racionalismo excessivo da concepção poética do autor, o qual demonstraria, nas palavras recentes de Aguiar e Silva, «uma penosa incapacidade de entender o fenómeno estético-literário e de miopia, ou até cegueira, hermenêutica e crítica em relação a um poeta como Camões» (1995, p. 120). Não podendo

discordar de tais apreciações, parece-me contudo que nem sempre terá sido devidamente ponderado o contexto – antes de mais, histórico-cultural – em que os comentários de Vernei sobre teoria e crítica literárias foram feitos. Por outro lado, estou em crer que a contundência de muitas das afirmações não terá sido matizada, como a meu ver se impunha, pelo reconhecimento da orientação renovadoramente polémica do *Verdadeiro Método*.

Seja como for, tais elementos não fariam prever a existência de um Vernei detentor de uma efectiva vocação literária e de um verdadeiro talento poético. Há contudo nas suas cartas, inclusive nas do *Verdadeiro Método de Estudar*, indícios de uma actividade poética, eventualmente praticada na juventude e rejeitada mais tarde. A título de exemplo, atente-se na seguinte passagem da Carta VII, em que o autor fala sobre as glosas: «V. P. terá ouvido frequentissimamente que, quando em um outeiro se glosa um mote com facilidade, estão prontos mil aplausos para o Poeta. *Eu o presenciei muitas vezes*, e esta é a opinião comum» (Vernei: 1950, p. 267, *italico meu*). À luz de indícios deste tipo, o acervo poético verneiano que irei apresentar talvez seja um pouco menos surpreendente, sem que se dissipem contudo as dúvidas que facilmente ocorrem.

Creio que a interrogação mais imediata dirá respeito aos próprios testemunhos manuscritos e à forma como é feita a indicação de autoria. Como explicarei de modo mais detalhado no capítulo seguinte, os poemas atribuídos a Vernei surgem em dois – o I e o III – dos cinco tomos de uma miscelânea poética manuscrita que recolhe poesia setecentista. Num total de 122, essas composições repartem-se por 13 espécies: 60 sonetos, 17 odes, 12 glosas, 8 cantatas, 5 cantigas, 5 églogas, 4 epístolas, 4 idílios, 2 modas, 2 quintilhas, 1 elegia, 1 endecha e 1 epitalâmio. Quanto à distribuição, nota-se que elas surgem agrupadas em blocos, de extensão considerável. A indicação de autoria do primeiro poema de cada grupo é “Vernei”, passando à forma abreviada “V.” em todos os outros que se apresentam consecutivamente. Reconheço que esta informação autoral não é totalmente inequívoca. Mas,

examinando a lista – aliás curta – de portugueses com este apelido apresentada por António Alberto de Andrade (1965), o único candidato possível é Luís António. Isso não significa contudo que devam ser excluídos outros caminhos susceptíveis de fornecerem elementos para a confirmação – ou não – deste dado de partida. Foi essa justamente a minha opção e dela darei agora conta.

Numa situação deste género, em que a autoria é passível de alguma controvérsia, o passo que se impõe de seguida é o exame do conteúdo dos poemas, orientado para a identificação de traços históricos e biográficos que possam ser confrontados com aquilo que se sabe da vida do autor em causa. Embora ciente dos riscos que acarreta uma leitura “biografista” da poesia, foi isso que tentei fazer. Os resultados não foram contudo concludentes: lido nesta perspectiva, o *corpus* em questão não exclui Luís António Vernei como seu autor, mas também não reforça essa possibilidade. Creio que o carácter não conclusivo deste exame se ficou a dever, em grande medida, às muitas lacunas da biografia do *Barbadinho* tal como está fixada. De facto, tirando as informações respeitantes ao seu percurso escolar e à abortada aventura militar, nada sabemos, por exemplo, sobre o período da sua vida anterior à partida para Roma, ocorrida em Agosto de 1736. Também a informação relativa à fase italiana da sua existência é omissa em aspectos importantes: conhecemos as nomeações e o conflito com o ministro plenipotenciário Francisco de Almada e Mendonça, conhecemos os pormenores da polémica suscitada pela publicação do *Verdadeiro Método*, mas ignoramos os aspectos concretos da vida quotidiana de Vernei em Roma e em São Miniato, como ignoramos as suas relações de amizade intelectual e literária. E, dada a falta de documentação, é provável que estas e outras lacunas nunca possam vir a ser preenchidas.

Introduzida a questão, vejamos agora os elementos de incidência histórica e biográfica que o *corpus* nos apresenta, procurando seguir – na medida do possível – uma ordem cronológica.

Apesar de não datadas – e, em rigor, não datáveis –, suponho que as referências com contorno biográfico mais antigas são aquelas que remetem para uma fase em que o autor terá vivido algum tempo na zona do Dão, mais precisamente em Sangemil (localidade da freguesia de Lardosa do Dão, concelho de Tondela, distrito de Viseu). O primeiro poema em que vem referido esse espaço, de uma forma ainda imprecisa, é a epístola *Sábio Leitão, Amável companheiro* (peça 32 desta edição). Dando conta da sua chegada, o sujeito começa por qualificá-lo como uma espécie de degredo:

Aqui cheguei ao sítio desgraçado
Que o Destino cruel, com voz medonha,
Me ordena para encerro de meus dias (vv. 5-7).

Segue-se a descrição da paisagem e do ambiente físico, pautada pelo mesmo tom disfórico. A identificação do espaço surge apenas no v. 46: «Aqui, junto ao Dão (...)».

O poema seguinte, a elegia *Não são os regozijos da Ventura*, volta a ser dominado pelo cenário do Dão. Dando conta das saudades que padece pela sua Anarda, o sujeito continua a lamentar a rudeza do espaço que o envolve e a considerar-se vítima de um desterro. Numa dessas passagens, vem a referência ao sítio de Sangemil (grafado, por influência de uma falsa etimologia, *São Gemil*):

Para Ovídio não foi mais triste e duro
O desterro fatal do frio Ponto
Como foi para mim o agreste sítio
Do seco São Gemil, aonde me vejo,
Em triste encerro, com brabias feras (vv. 129-133).

Algo de semelhante acontece nas cantigas *Os protestos que te fiz* (peça 40). Dirigindo-se a Anarda, declara o sujeito:

Se não fora ver no peito
O teu semblante gentil,
Há muito que estava morto
No sítio de São Gemil (vv. 43-46).

Nas quintilhas começadas pelo verso *Apenas teu Nome ouvi* (peça 36), a referência espacial torna-se ainda mais precisa: o sujeito está «Nas Caldas de São Gemil» (v. 98). O mês seria Agosto, uma vez que declara a Anarda:

Buscar-te-ei, meu Bem amado,
Tanto que se acabe Agosto (vv. 101-102).

De acordo com Manuel de Jesus Ferreira Morais (1990, p. 10), as Caldas de Sangemil são conhecidas desde o início do século XVIII. Segundo o mesmo investigador, a primeira referência escrita data de 1726, sendo devida a Francisco Fonseca Henriques, médico de D. João V. Perante este conjunto de elementos, parece legítimo colocar a hipótese de que os poemas em causa tenham sido compostos durante uma temporada de Verão que Vernei estaria a passar nas Caldas de Sangemil. Isso significaria portanto que tais textos seriam anteriores a 1736, data em que Luís António partiu para Roma, de onde não mais regressaria.

No estado em que se encontra o conhecimento da biografia de Vernei, esta conclusão não é passível contudo de confirmação documental, não servindo pois de critério aferidor de autoria. Apesar disso, há dados familiares que, em meu entender, fortalecem a suposição. Por um lado, o facto de a mãe do futuro autor do *Verdadeiro Método de Estudar*, Maria da Conceição Arnaut, ser natural de uma zona relativamente próxima de Sangemil: Santa Eufémia, Penela, no distrito de Viseu.

Por outro, a circunstância de o seu pai, Dionísio Vernei, vendedor de drogas para boticas, trabalhar num ramo que indicia uma atenção qualificada a questões de saúde, compatível portanto com um tratamento termal.

Outro poema que se refere directamente ao espaço em discussão é a peça 109, em cujos dois primeiros versos se lê: «Caldas de São Gemil, em dous d’Agosto;/ Chegou Vernei, da entrega fez-se Acto». Menos explícitas são as quintilhas começadas por *Agora que o sono brando* (peça 35): se é legítimo ler este poema em conjunto com o seguinte – que já tive oportunidade de comentar –, o baile de província aí jocosamente descrito deve ser também situado em Sangemil.

Continuando a ler o *corpus* poético numa tentativa de encontrar elementos de incidência biográfica, o próximo texto que deve merecer a nossa atenção é a epístola *Ilustre Pinto, companheiro Amigo* (peça 30). Num tom de lamento, o sujeito vai descrevendo ao destinatário o ambiente de incultura que o rodeia:

Já que o mudo silêncio m’acompanha
Neste duro sertão em que me vejo,
Cercado de costumes e de Povos
Semelhantes àqueles que encontrara
O afouto sulcador do Oriente
Nas Costa Malabar e Cafraria (vv. 21-26).

Dominado pela «Santa Estupidez co’o Fanatismo» (v. 39), esse espaço obrigaria a «Ter cabeça de Burro e pés de Gato» (v. 35), impondo também particular cuidado com a sua influência:

Pois basta neste sítio entristecido
Demorar-se qualquer momentos breves
Para sentir opaco o entendimento (vv. 36-38).

O espaço não chega nunca a ser especificado, mas há uma passagem – na qual o sujeito dá conta do falhanço dos planos que traçara ao abandonar a pátria – que talvez permita situá-lo no tempo:

Ah, meu Querido Amigo, não pensava
Que depois de deixar os Pátrios lares
Não visse da Europa as várias Cortes,
Para a minh'alma encher de novas luzes (vv. 27-30).

Nos vv. 17-18, há um indicador temporal que ajudar a situar melhor a vivência em causa:

Pois quem não vê, há perto d'oito meses,
O semblante dos cândidos prazeres (...).

Confrontando estas declarações com os elementos conhecidos da biografia de Vernei, somos uma vez mais remetidos para o domínio da suposição. O único dado seguro é que o autor saiu de Portugal em Agosto de 1736 e que se estabeleceu em Roma. Não é pois possível confirmar que o objectivo da partida fosse ver «da Europa as várias Cortes» e a «alma encher de novas luzes», nem que Vernei, antes de se instalar em Roma tivesse vivido num espaço – cuja identidade não é revelada – com as características que são apontadas no poema.

A epístola seguinte – começada pelo verso *Já que a dura distância me separa* – talvez se refira à mesma fase da vida do autor, tanto mais que a descrição do «cruel degredo» (v. 5) é semelhante:

Assim me vejo aqui, com pena e mágoa,
Ora vagando por incultas serras,
Calcando o frio gelo embastecido,

Ora tratando com grosseiras Gentes,
Que só diferem das brabias Feras
Em dar, com desarranjo, algumas vozes.
‘té os usos daqui se não dif’reçam
Daqueles que encontrara o Invicto Gama
Na Costa Malabar e Cafraria (vv. 39-47).

Há um segundo grupo de poemas que também fornece indicações susceptíveis de serem confrontadas com aquilo que sabemos da vida de Vernei: trata-se de textos em que surgem antropónimos historicamente identificáveis. Contudo, como veremos, em nenhum dos casos resultará uma prova que sirva para aferir a autoria do *corpus*.

A primeira ocorrência diz respeito aos três irmãos da importante família Cruz Sobral, mencionados na ode *Subamos, Musa, aonde os Deuses moram* (peça 1): Teresa, freira de Chelas, cuja aclamação para Priora motiva o poema, Anselmo José e Joaquim Inácio, este último tesoureiro-mor do Real Erário no período pom-balino. Embora não tenha conseguido apurar a data do acontecimento referido no texto, há outras referências que permitem admitir que se tenha verificado na década de ’70. Seja como for, não dispomos de documentação que comprove o relacionamento de Vernei com a família em causa.

O segundo caso tem a ver com o nome *Felinto*, que surge na ode *Quando, Felinto, descansar veremos* (peça 17) e na epístola *A lenta melancolia* (peça 29). Nesta última, que seria a resposta a uma carta de *Felinto*, há um elogio entusiástico da poesia do destinatário:

Tu possúis do Deus Louro
A Grinalda, desde o berço;
Podia-se em Quadro d’ouro
Esculpir teu digno verso,

Para pasmo do vindouro (vv. 61-65).

A ode apresenta outros elementos importantes do perfil de *Felinto*, ao mesmo tempo que revela aspectos do pensamento do próprio autor. Atente-se na passagem em que o sujeito, identificando-se com o destinatário, se lamenta do facto de o seu trabalho não ser reconhecido publicamente:

De longas horas que a Morfeu roubámos,
Cansando o peito co' o pesado estudo,
Agora vemos igualado a zero
O nítido prémio (vv. 13-16).

Importante também é o momento em que se elogia a acção reformadora do Marquês de Pombal:

Da nossa vista separou-se cedo
O Grão Carvalho, defensor da Pátria,
A cuja sombra se abrigava a Gente
Da sorte oprimida.

Em curta idade, o Lusitano Reino
Rompeu as trevas da fatal cegueira,
Cortando astuto os arreigados troncos
Do vil Fanatismo (vv. 37-44).

Ou ainda aquele em que o autor critica a “viradeira”:

Mas hoje vemos as remotas sombras,
Que inda pranteiam os passados tempos,

Que pela praxe do presente giro
Aviva a saudade (vv. 53-56).

Por este conjunto de dados, creio que este *Felinto* não pode deixar de ser identificado com Filinto Elísio, pseudónimo de Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819). A referência, nos vv. 37-38 da ode, à morte do *Grão Carvalho*, obriga a pensar que pelo menos esse poema foi composto depois de 1782, num período portanto em que Filinto já se encontrava no amargo exílio parisiense. Estas observações esbarram contudo naquilo que se conhece – ou não conhece – da biografia de Vernei. Não custa admitir que tenha elogiado Pombal e criticado a “viradeira” – embora a sua reabilitação tenha ocorrido no reinado de D. Maria –, mas a verdade é que não há informações que comprovem o seu relacionamento com Filinto Elísio.

O mesmo se diga do «Príncipe Infeliz, Benigno e Justo» cuja «crua morte» é lamentada na ode *Que fúnebre rumor, que aflito pranto* (peça 3). Admitindo como correcta a identificação com D. José, Príncipe da Beira e do Brasil, que faleceu, em Lisboa, a 11 de Setembro de 1788, resta reconhecer como possível que Vernei – que viveria ainda mais quatro anos – tenha tratado poeticamente o acontecimento.

Não consegui identificar as outras pessoas mencionadas no *corpus*. Entre elas contam-se vários amigos: Sodrê (a quem é dirigida a ode *Nos Altares da Cândida Amizade*, peça 7); Leitão (referido na ode *Graças ao Céu, Leitão, que já te vejo*, peça 16, e nas epístolas *Já que a dura distância me separa* e *Sábio Leitão, Amável companheiro*, peças 31 e 32, através das quais se percebe que se trataria de alguém dado às ciências aplicadas e à poesia); Pinto (destinatário da epístola *Ilustre Pinto, companheiro Amigo*, peça 30, que seria também poeta); e Lacerda (companheiro do sujeito no baile descrito nas quintilhas *Agora que o sono brando*, peça 35). Há ainda o grupo dos desafectos, abordado no soneto *Entre no triste Reino de Cocito* (peça 107): «A Castro, todo o Rancho e minhas Tias» (v. 14). À primeira destas

figuras é dirigido o soneto seguinte, *Vendo a Castro o focinho um certo dia*, de índole satírica.

Conforme tinha anunciado, esta leitura do *corpus* voltada para a identificação de elementos biográficos e históricos que pudessem ser confrontados com aquilo que sabemos de Vernei não é conclusiva. Mais ainda: em lugar de nos fornecer respostas, coloca novas perguntas, que mostram o nosso grau de desconhecimento da vida do *Barbadinho*. Penso contudo que deve ser enfatizado o facto de tal leitura mostrar que não há razões que permitam pôr em causa a atribuição para que apontam os testemunhos manuscritos.

3. Um segundo caminho que é possível percorrer nessa tentativa de aferir a indicação autoral constante dos testemunhos passa pelo confronto da prática poética revelada pelo *corpus* com as cinco composições de Vernei já conhecidas e, sobretudo, com as reflexões de teoria e crítica literárias contidas na carta VII do *Verdadeiro Método de Estudar*. Colocam-se contudo diversos obstáculos, que, em minha opinião, inviabilizam conclusões minimamente seguras.

O primeiro é a desproporção numérica dos poemas a comparar e o facto de o grupo já conhecido ser formado apenas por sonetos. Outro factor que impede uma comparação rigorosa tem a ver com a datação dos textos: enquanto as cinco composições estão razoavelmente datadas, situando-se num período que, no máximo, se estenderá de 1736, ano da morte da Infanta D. Francisca, até antes de 1753, data da carta que contém o soneto *Debalde a feres; sem razão rogá-la*; a maior parte dos textos do *corpus* que descobri não pode ser datado com o mínimo de precisão. O terceiro obstáculo prende-se com o carácter assumidamente polémico do *Verdadeiro Método*, que não autoriza que tomemos à letra as reflexões nele contidas. De facto, em meu entender, o pensamento literário de Vernei não pode ser correctamente percebido e avaliado sem que reconheçamos o ponto de partida do autor e o seu objectivo principal: a oposição cáustica à poesia barroca e a defesa de uma

literatura pautada pela naturalidade e pela verosimilhança. Parece-me, portanto, que devemos relativizar certas afirmações mais “radicais” que os comentadores costumam destacar: definir a poesia como «uma Eloquência mais ornada» (1950, p. 201) ou dizer que ela «não é coisa necessária na República: é faculdade arbitrária e de divertimento» (1950, p. 336) parece-me sobretudo uma forma de marcar uma oposição face àqueles que «entendem que o compor bem consiste em dizer subtilezas, e inventar coisas que a ninguém ocorressem, e com esta ideia produzem partos verdadeiramente monstruosos» (1950, p. 204).

O reconhecimento destes três obstáculos não significa porém que o confronto não possa ser feito, ainda que, como já disse, seja provável que a segurança das conclusões resulte comprometida.

Começando pela comparação entre o novo *corpus* poético e os cinco sonetos de Vernei já conhecidos, a primeira observação é do domínio da surpresa. Conforme terei oportunidade de demonstrar mais largamente no ponto seguinte desta Introdução, os textos que editarei revelam um verdadeiro poeta e não um mero – e mau – versejador. A poesia aparece aí convertida em veículo de comunicação de uma gama variada de ideias e de sentimentos, revelando-nos um *eu* vivo e complexo. É certo que o domínio claro do lirismo amoroso, a utilização frequente do disfarce pastoril e a forte presença do motivo da ingratidão da amada tendem a direccionar esta poesia no sentido do que veio a ser um dos estereótipos da literatura da época. Mas é verdade também que a cedência à linguagem mais comum da chamada poesia arcádica não chega a ser total. Por um lado, porque nem sempre o amor é abordado na perspectiva de um *eu* fechado: há momentos em que o poeta nos dá uma visão mais complexa, mostrando-nos por exemplo que o sofrimento pode resultar de um desencontro encadeado de afectos. Por outro, porque emerge a espaços uma nota de sensualidade que vivifica esse tipo de lirismo amoroso. Por fim, porque o previsível efeito de monotonia é evitado pela diversidade de registos que decorre das formas poemáticas utilizadas. Além disso, a poesia não serve apenas

para veicular um lirismo deste tipo: ela mostra-nos também um *eu* amargurado, que se sente vítima de uma injustiça que tanto pode ser abstracta como particularizada; um *eu* atento às mudanças político-sociais; um *eu* que se dispõe ao encómio mas que se revela igualmente capaz de usar o sarcasmo e a sátira. Por outro lado, surpreende neste novo *corpus* poético a qualidade de alguns dos recursos expressivos de que o autor lança mão e a capacidade que ele demonstra de manejar formas tão diversas, das mais *cultas* às mais *populares*.

Não me parece contudo que esta constatação possa ser usada como argumento para contestar a autoria verneiana dos textos em discussão. Note-se, em primeiro lugar, que, dos cinco sonetos que servem de termo de comparação, dois são, por assim dizer, poemas de tese: tanto o do *Verdadeiro Método* como o da carta de 1753 servem para exemplificar a concepção que Vernei tinha dessa forma. Nesse sentido, parece-me incorrecto sublinhar apenas a sua fraca qualidade literária e, mais ainda, concluir pela incapacidade poética do autor. Em meu entender, tais sonetos revelam sobretudo a naturalidade que Vernei reivindicava para o soneto, em oposição ao exagero, à argúcia e à inverosimilhança da prática barroca. Quanto aos outros três, importa não esquecer que se trata de textos encomiásticos e, portanto, de algum modo condicionados. De resto, creio que a sua qualidade não é muito inferior à de poemas com idêntica orientação de autores tidos como grandes.

Em conclusão, este exercício de confronto entre os dois *corpus* acaba por revelar pouca utilidade: se mostra a qualidade surpreendente do segundo conjunto face ao primeiro, não fornece – pelas razões que fui expondo – argumentos substantivos que permitam pôr em causa a atribuição autoral.

Tomando agora como termo de comparação as reflexões de teoria e crítica literárias contidas na carta VII do *Verdadeiro Método de Estudar*, a primeira observação que se impõe é também de alguma surpresa. De facto, a poesia do *corpus* não parece obedecer de forma rigorosa à concepção racionalista que domina o

tratado. Por outro lado, alguns dos seus aspectos concretos estão em contradição com as ideias defendidas no *Verdadeiro Método*.

É o caso da glosa: Vernei condena de forma bastante enfática esta forma e a verdade é que o *corpus* inclui 12 poemas deste tipo. Poder-se-ia colocar a hipótese de que tais textos tivessem sido escritos na mocidade do autor e que Vernei tivesse entretanto mudado de opinião. Tratar-se-ia contudo de uma alegação impossível de provar. De resto, há outras contradições deste tipo.

Uma delas tem a ver com a utilização da mitologia, que, apesar de fortemente desaconselhada no *Verdadeiro Método*, surge com alguma frequência nos poemas em discussão. Por vezes, é usada apenas como imagem, destinada a sublinhar a beleza da amada ou o sofrimento amoroso do sujeito. Há textos contudo, e designadamente sonetos, cuja estrutura é de base mitológica. Veja-se, por exemplo, os sonetos 51, 52, 55 e 66, todos de tema mitológico: nos dois primeiros o motivo é Ariadne e Teseu, o seguinte toma por base a Guerra de Tróia, enquanto que o último aborda o caso de Hero e Leandro. Atente-se também nos sonetos 58, 68, 87 e 88, em que o autor – de modo aliás bastante feliz – se serve de um episódio mitológico para mostrar que o poder da Amada é superior ao de Cupido.

Outra contradição entre a teoria e a prática diz respeito à ode, que Vernei define como «aquela composição em que se louvam as acções dos Deuses ou homens ilustres» (1950, p. 299). A verdade porém é que das 17 odes do *corpus* poucas obedecem a esta concepção: o seu conteúdo é quase sempre lírico, estando com frequência ao serviço da expressão de um sentimento amoroso.

Apesar destas constatações, não me parece – uma vez mais – que daqui possam ser retirados argumentos para contestar a autoria verneiana. Em primeiro lugar, porque os poemas do *corpus* em discussão não contrariam o essencial do pensamento literário de Vernei expresso no *Verdadeiro Método*: apresentando uma orientação sem laivos de barroquismo, adaptam-se ao tipo de literatura pautada pela naturalidade e pela verosimilhança que o *Barbadinho* defendia. Quanto às

contradições específicas que detectei, creio que a consideração de outros casos semelhantes da mesma época impede a sua valorização excessiva: é comum que haja uma distância considerável entre a proposta teórica – sobretudo quando, como é o caso, esta é exposta de modo conciso e num contexto polémico – e a sua execução prática. De resto, importa não esquecer que o *Verdadeiro Método* não é propriamente um tratado normativo, mas antes um conjunto de propostas, a serem trabalhadas e desenvolvidas em função da sua aceitação.

Antes de passar a um breve comentário sobre os aspectos temático-estilísticos mais felizes do *corpus* poético em questão, impõe-se um balanço do caminho percorrido nos dois últimos pontos. Conforme fui dizendo, estou convencido de que a tentativa de aferir a credibilidade da atribuição autoral resultou inconclusiva: nem a consideração dos elementos de incidência biográfica e histórica que comparecem nos poemas nem o confronto das composições com os cinco sonetos conhecidos de Vernei e com as suas reflexões no domínio da teoria e da crítica literárias fornecem argumentos substantivos a favor ou contra essa atribuição dos testemunhos manuscritos. Subsistem portanto dúvidas, o que quer dizer que este trabalho não se encontra concluído. Está fora contudo das minhas competências levá-lo mais longe, pelo que a sua publicação pretende ser, antes de mais, um gesto de partilha e de pedido de auxílio. Resta-me esperar que seja assim entendido e que o apelo venha a encontrar alguma resposta.

4. Tentarei agora pôr em destaque os traços temático-estilísticos que melhor demonstram a mestria poética de Luís António Vernei.

Um primeiro aspecto que me parece importante tem a ver com o modo de representação da paisagem: em vez de a utilizar como mero cenário, Vernei estabelece com alguma frequência uma homologia entre a paisagem e os sentimentos do sujeito. E isso acontece mesmo nos momentos em que o autor adere à linha mais comum na poesia arcádica da época, adoptando a ficção pastoril – ou piscatória – e

apresentando um sujeito que reitera as suas promessas de amor ou lamenta o sofrimento causado pela inconstância da amada. Vejamos dois exemplos, bastante diferentes pelo tipo de paisagem que apresentam e pela forma poética em que se exprimem.

O primeiro é da cantata *Os raios de Febo* (peça 21):

Distante da costa,
Ao longe se via,
Em dura agonia,
Alfeu velejar;
Debalde intentava,
Ao Mastro amarrado,
Co'o vento pesado,
A vela amainar.

No meio da lida,
Com túrbido efeito,
Sentia no peito
O sangue esfriar;
Os ventos crescendo
O Mastro partiram
E as tábuas rugiram
Co'a força do ar.

Então enfiado,
Na Proa caiu
E a vela só viu
Nas ondas boiar.
Depois tristemente,
Nos Mares cavados,

Co'os remos pesados
Se pôs a remar (vv. 9-32).

Para além do realismo desta paisagem de tempestade marítima – que servirá depois para intensificar a declaração amorosa que o sujeito dirige a Anarda –, importa notar a adequação do tipo de metro e de estrofe: tanto o redondilho menor como a junção de duas quadras de rima emparelhada, tornando o ritmo mais rápido, sublinham a vivacidade e o dramatismo da cena.

O segundo exemplo é do idílio *Já os raios de Délio vão subindo* (peça 44):

Ah, minha Amada Lília, quantas vezes
Ausente de teus olhos, destes vales
Nos lisos Troncos das copadas Faias,
Tenho gravado o teu amante Nome,
Que o tempo guarda ileso dos rigores
Das várias Estações que os troncos quebram.
O seco Estio à casca não enruga,
Parecendo que a linda Primavera
Não se afasta das Árvores risonhas
Onde teu Nome existe permanente.
Tu bem viste também, Amada Lília,
Como sem rega alguma foi crescendo
Aquele meu Pomar de Macieiras
Onde gravei em cada pé destinto:
«Venere o Tempo as renascentes pontas,
Que todas são a Lília consagradas».
Em breve espaço os Troncos engrossaram
E nas pontas dos ramos encurvados,
As redondas Maçãs, que a cor imitam
Das tuas rubras faces majestosas,

Entre as folhas se viam balançando
Co'os brandos Euros, que sopravam meigos (vv. 101-122).

Aqui temos a situação oposta: a felicidade amorosa de que se acha imbuído o sujeito estende-se à paisagem, que fica dominada por uma eterna Primavera. Também neste caso é de sublinhar a adequação da opção formal: o ritmo mais lento, pausado, do decassílabo – branco – contribui para reforçar o tom idílico da descrição.

A capacidade descritiva de Vernei observa-se igualmente de outras formas. Veja-se a representação do trabalho agrícola num excerto da ode *Fogem batendo as asas* (peça 12):

Levam curvos Arados
Tardios Bois, cortando a branda terra;
Com mão nervosa espalha o louro Trigo
O Lavrador contente (vv. 9-12).

Ou a admirável descrição do Inverno no soneto 84:

As pandas asas solta carregado
O Inverno, escurecendo o sol luzente;
A lâ, à grossa chuva impertinente,
O corpo não aquece regelado (vv. 1-4),

que servirá no terceto final de termo de comparação com os efeitos do amor:

Ah, Bela Anarda! O peito que feriste
Mais tristonho que o Inverno vil, nefando,
Sem teu rosto gentil, agora existe.

Um segundo aspecto que me parece digno de realce é a nota realista que marca algumas das formas de concepção do amor. Uma delas traduz-se na integração do amor humano na esfera mais vasta da natureza, como estratégia – que lembra algumas das líras de Tomás António Gonzaga – para justificar a sua inevitabilidade. É o que se pode ver nesta passagem da moda *Meninas erraram* (peça 27):

Mas livre que importa
Que viva o Pastor,
Se os gostos de Amor
Não vem a provar?
D'exemplo nos sirvam
As Feras, as Aves,
Que em chamas suaves
Se vêm abraçar (vv. 33-40).

Mas a esfera em que esse traço realista é mais visível é a do amor físico, que chega a ser frontalmente assumido como opção, como acontece na ode *S'algum dia na Lira decantava* (peça 15):

Agora no meu Plectro altissonante
Canto somente os ternos passatemplos
Que as meigas Ninfas, a prazeres dadas,
Risonhas me concedem (vv. 5-8);

Chegou o tempo enfim do desengano:
Minha alma, com acerto, já conhece
Que Amor, sem se gozar, é só mania
Bem própria d'insensatos (vv. 17-20).

Mais frequente é a opção por um registo pautado pela sensualidade. Sirva de exemplo este momento da ode *Graças ao Céu, Leitão, que já te vejo* (peça 16):

Junto à face da tua Nise Bela,
Teu grato peito nutres de prazeres,
Ora tocando as virginais colunas,
Ora os marmóreos Pomos.

Ali contempas da Natura as graças
E quando pede o sangue desafogo,
A tua Nise Bela, com meiguice,
A sede te mitiga (vv. 9-16).

Outra vertente em que se sente esse modo mais realista de conceber o amor tem a ver com o modelo de mulher amada. Atente-se em duas passagens do soneto 53:

Mais me recreia Márcia em traje pobre,
Com as justas roupinhas de baeta,
Sem adorno a comprida trunfa preta,
Do que altas Damas de ornamento nobre (vv. 1-4);

Que importa ter saial de lã grosseira,
Andar c'o pé descalço na chinela,
Se tem uma alma pura e verdadeira? (vv. 9-11)

Um terceiro aspecto que evidencia a capacidade literária de Luís António Vernei é a expressividade que sabe imprimir ao discurso satírico. A título de exemplo, repare-se nesta passagem da epístola *Ilustre Pinto, companheiro Amigo* (peça

30), em que se descreve um sarau literário marcado pela pedantaria e pelo mau gosto:

Depois d'este falar imenso espaço,
Principia a mixer-se na cadeira
O maduro Sulão destes Países,
Que em tosca frase, salpicando a Gente
Com viscosos, nojentos perdigotos,
Repete algum Romance em castelhano,
Obra-prima do tempo dos Acrósticos (vv. 69-75).

Ou na jocosa descrição de um baile de província apresentada nas quintilhas *Agora que o sono brando* (peça 35):

A tal casa de Madamas
Achava-se singular:
Pareciam todas Amas,
E uma tal, de quem fui par,
Tinha as mãos cheias de escamas (vv. 46-50);

Ao som de cruéis Bandurras,
As Ninfas se bambolem,
E saltando como Burras,
Largo espaço pinoteiam,
Dando aos seus parceiros surras (vv. 61-65).

Embora estes me pareçam os mais felizes, há outros exemplos que podem ser referidos, como os sonetos *Em vão pertendes, Silvio, com ternura* (peça 86), que ridiculariza os amores serôdios, e *Prudente Guardiã, o Santo Zelo* (peça 110), uma sátira às aventuras amorosas de um frade:

De noite sai às Moças de Capote,
E nesses claustros tem Vossa Rev'rência
Envolto num burel a Dom Quixote (vv. 12-14).

A mestria poética de Vernei traduz-se também no uso particularmente feliz de certas figuras. Na égloga *Fugiam dos curvados horizontes* (peça 48), considere-se esta definição imagética do amor, de extracção popular:

Eu em ti não espero achar mudança;
É o amor com o vidro comparado:
Quem o quiser unir em vão se cansa,
Pois remédio não tem, sendo quebrado (vv. 89-92).

Repare-se igualmente na hipálage presente nesta passagem da égloga *Depois que o frio Inverno carrancudo* (peça 46):

Depois, enchendo os copos faladores,
Novos cultos a Baco foram dando (vv. 141-142).

Algo de semelhante se pode dizer dos recursos melódicos. São várias os momentos que revelam uma sensibilidade rítmica muito apurada. Sirva de exemplo o seguinte fragmento do idílio *Havia já três anos que Janido* (peça 42), em que o efeito melódico resulta da construção paralelística dos dísticos:

Por mais que n'alta noite se cansasse,
Armando n' água o rústico Tresmalho;
Por mais que sobre o Barco vigiasse,
Acossado dos ventos e d'orvalho;

Por mais que a testa com suor regasse,
Varando a curva proa com trabalho;
Sempre via, no fim da sua lida,
Perdido o tempo e trabalhosa a vida (vv. 25-32).

Um último ponto que deve ser mencionado tem a ver com a arte poética das diversas espécies representadas no *corpus*. Se é certo que, globalmente, Vernei não se revela muito inovador, não é menos verdade que há vários casos em que opta por uma solução diferente. É o que acontece com as endechas: o modelo estrófico e rimático é comum (duas quadras de redondilha menor, funcionando a segunda como refrão), mas o esquema rimático é pelo menos raro (ABBC). Há outro aspecto importante que também demonstra a habilidade do poeta, ainda que não revele uma inovação específica: a utilização de soluções formais variadas na mesma espécie poemática. Veja-se o caso da ode: do ponto de vista estrófico, há odes em quadras, em quintilhas, em sextilhas e em sétimas; quanto ao metro, o modelo habitual contempla a alternância entre o decassílabo e o seu quebrado, mas Vernei chega a usar apenas o primeiro; no que respeita à rima, há odes de versos brancos e outras que recorrem a diversos esquemas rimáticos.

Concluindo, creio que também a estatura do poeta que se revela no *corpus* em causa justifica – e exige até – a sua edição.

5. Uma palavra final, sobre a estrutura desta publicação. Depois da Introdução, vem o inventário testemunhal dos poemas inéditos de Vernei. No capítulo seguinte, apresento de forma esquemática as normas que segui na transcrição dos textos e exponho o modelo e os critérios da minha proposta de edição crítica. Esta ocupará o capítulo IV, que surgirá dividido em treze grupos, correspondentes às formas poéticas identificadas. O capítulo V é um anexo, reservado à reedição dos cinco sonetos de Vernei que já eram conhecidos. Vem depois a bibliografia, encer-

rando o volume com um índice alfabético de primeiros versos dos poemas editados.

II. INVENTÁRIO TESTEMUNHAL

DOS POEMAS DE LUÍS ANTÓNIO VERNEI

Os 122 poemas inéditos de Vernei que tive oportunidade de descobrir figuram em dois volumes – o I e o III de uma série de cinco – de uma miscelânea manuscrita que reúne poesia do século XVIII. O primeiro dos tomos não tem folha de rosto, apresentando contudo na lombada a seguinte inscrição: «FLORES/ DO/ PARNASO/ Manuscrito/ 1/ Seculo XVIII». O título do outro é o seguinte: «Flores do/ Parnazo/ ou/ Collecção/ de/ Obras Poeticas/ de/ Differentes Auctores/ Juntas pelo cuidado/ de/ J... N... S... M.../ Tomo V». Esta miscelânea pertenceu à coleção de Rubens Borba de Moraes e está hoje na biblioteca do Dr. José Mindlin, em São Paulo, sendo identificada pela cota RBM/5/b.

Feita esta rápida apresentação do manuscrito, passarei agora à inventariação dos poemas de Vernei. Num primeiro momento, tratarei separadamente cada um dos dois volumes. Haverá uma curta introdução, em que farei referência ao modo como se distribuem as composições atribuídas ao nosso autor, explicitarei a forma que apresentam as respectivas indicações de autoria e apresentarei a contabilização dos textos, separada por formas poemáticas. Seguidamente, virá um índice sequencial de primeiros versos, na ortografia original, acompanhado da informação sobre a sua forma.

Num segundo momento, resultante do cruzamento dos dados dos dois volumes, apresentarei um inventário global em que as composições virão repartidas pelas formas poemáticas. Estas suceder-se-ão de acordo com a sequência em que se apresentam nos testemunhos, o mesmo acontecendo relativamente à disposição dos textos no interior de cada uma delas. A citação continuará a ser feita a partir do primeiro verso, agora objecto de uma actualização ortográfica. Na indicação dos testemunhos usarei as siglas arroladas no início do volume. Em primeiro lugar, será

apontada a biblioteca a que o testemunho pertence, em seguida virá indicado o título do manuscrito e depois o volume e os fólhos em que o poema ocorre.

Tomo I

O manuscrito não está paginado, pelo que procedi à contagem manual dos fólhos, colocando essa indicação entre parênteses rectos.

Os poemas atribuídos a Vernei apresentam-se quase sempre de forma consecutiva. Com efeito ocupam os f. [22v-79v], [94v-97v], [100r-110v] e [114r-146r]. A indicação de autoria do primeiro dos poemas é “Vernei”. Em todos os outros que se apresentam consecutivamente, essa indicação passa à forma abreviada “V.”. Em cada nova secção, a atribuição autoral relativa ao primeiro texto volta a assumir a forma explícita.

A cantata começada pelo verso «O Globo de Febo» vem repetida, embora com variantes: [f. 51v-53v] e [f. 94v-97v].

A miscelânea inclui um total de 49 poemas atribuídos a Vernei, distribuídos da seguinte forma: cantatas – 8; cantigas – 5; églogas – 5; elegias – 1; endechas – 1; epístolas – 4; epitalâmios – 1; idílios – 4; modas – 2; odes – 17; quintilhas – 2.

Relação dos poemas pela ordem em que surgem no manuscrito e sem actualização ortográfica

Subamos, Muza, aonde os Deozes morão ([f. 22v-25r]) – Ode
Não de Milton, Voltaire, Camoens divino ([f. 25v-27r]) – Ode
Que funebre rumor, que afflicto pranto ([f. 27v-28r]) – Ode
A fecunda estação gostosa a Baco ([f. 28v-29r]) – Ode

Os pesados grilhoens que os roixos pulsos ([f. 29v-30r]) – Ode
Eu fui hũ dia, em vôos transportado ([f. 30v-31v]) – Ode
Nos Altares da Candida Amisade ([f. 32r-32v]) – Ode
Emquanto grossa chuva está cahindo ([f. 33r-33v]) – Ode
Não canto o fero Moço doutrinado ([f. 34r-35r]) – Ode
Nunes da Poesia ([f. 35v-36r]) – Ode
Se algũ dia, na Lira desgraçada ([f. 36v-37r]) – Ode
Fogem batendo as azas ([f. 37v-38r]) – Ode
A curvada Mulher, que sempre fixos ([f. 38v-39r]) – Ode
Em quanto não se aparta o branco gelo ([f. 39v-40r]) – Ode
Tebéas Muzas do partido Monte ([f. 40v-42r]) – Epitalâmio
Agora que os ventos ([f. 42v-45r]) – Cantata
Atêe de novo ([f. 45v-49r]) – Cantata
Os raios de Febo ([f. 49v-51r]) – Cantata
O Globo de Febo ([f. 51v-53v]) – Cantata
Não sei, oh bella Marcia ([f. 54r-55v]) – Cantata
Já piso as tristes Caldas ([f. 56r-57r]) – Cantata
Graças ao Céu divino ([f. 57v-59r]) – Cantata
Chegou, oh Bella Marcia ([f. 59v-61v]) – Cantata
Armania, teus lindos olhos ([f. 62r-62v]) – Cantigas
Meninas errarão ([f. 63r-63v]) – Moda
O Véu da desgraça ([f. 64r-65r]) – Moda
A lenta melancolia ([f. 65v-67r]) – Epístola
Illustre Pinto, companheiro Amigo ([f. 67v-69v]) – Epístola
S’algũ dia na Lira decantava ([f. 70r-70v]) – Ode
Graças ao Céu, Leitão, que ja te vejo ([f. 71r]) – Ode

Quando, Felinto, desandar veremos ([f. 71v-72v]) – Ode
Não são os regosijos da Ventura ([f. 73r-75v]) – Elegia
Ja que a dura distancia me separa ([f. 76r-77v]) – Epístola
Sabio Leitão, Amavel companheiro ([f. 78r-79v]) – Epístola
O Globo de Febo ([f. 94v-97v]) (var.) – Cantata
Annarda, chegou ([f. 100r-101r]) – Endechas
Agora que o sonno brando ([f. 101v-103v]) – Quintilhas
Os teus olhos, linda Annarda ([f. 104r-105r]) – Cantigas
Tristes agoas do Mondego ([f. 105v-106v]) – Cantigas
Os protestos, que te fiz ([f. 107r-108r]) – Cantigas
Apenas teu Nome ouvi ([f. 108v-110v]) – Quintilhas
Tristes ais, crueis gemidos ([f. 114r-114v]) – Cantigas
Havia ja tres annos, que Janido ([f. 115r-116v]) – Idílio
A rugidora porta, que refrea ([f. 117r-119r]) – Idílio
Ja os raios de Delio vão subindo ([f. 119v-122v]) – Idílio
Salve ameno Vergel, aonde habita ([f. 123r-126v]) – Idílio
Depois que o frio Inverno carrancudo ([f. 127r-131r]) – Égloga
Graças ao Céu, Cifranio, que te vejo ([f. 131v-135r]) – Égloga
Fugião dos curvados orisontes ([f. 135v-139v]) – Égloga
He este o bello campo aonde, Elisa ([f. 140r-142v]) – Égloga
Havia longos tempos, que Janido ([f. 143r-146r]) – Égloga

Tomo III

Este tomo também não está paginado. Procedi assim à contagem manual dos fólhos, colocando essa indicação entre parênteses rectos.

Os poemas atribuídos a Vernei apresentam-se agrupados em dois grandes blocos: os f. [29r-59r], reservados aos sonetos, e os f. [151r-161r], consagrados às glosas. A indicação de autoria da primeira das composições é “Vernei”, passando nas seguintes à forma abreviada “V.”. A forma explícita é retomada na abertura da segunda secção. Acrescente-se que, no último agrupamento, há três composições sem indicação de autoria, que não considere portanto no *corpus* de Vernei.

O soneto «Em vão pertendes, Silvio, com ternura» ([f. 46v]) vem repetido, com variantes, no [f. 58r].

Este volume abarca um total de 72 poemas atribuídos a Vernei, distribuídos do seguinte modo: glosas – 12; sonetos – 60.

No conjunto dos dois volumes temos assim um total de 122 poemas, pertencentes a 13 espécies: cantatas – 8; cantigas – 5; églogas – 5; elegias – 1; endechas – 1; epístolas – 4; epitalâmios – 1; glosas – 12; idílios – 4; modas – 2; odes – 17; quintilhas – 2; sonetos – 60.

Relação dos poemas pela ordem em que surgem no manuscrito
e sem actualização ortográfica

Com os finos cabellos esparzidos ([f. 29r]) – Soneto
Aqui exposta ás Feras pavorosas ([f. 29v]) – Soneto
Mais me recrea Marcia, em traje pobre ([f. 30r]) – Soneto
Da noite o negro manto se estendia ([f. 30v]) – Soneto
Emquanto as vivas chamas devoravão ([f. 31r]) – Soneto
Em hũ valle, que fica situado ([f. 31v]) – Soneto
Emquanto a prima idade nos obriga ([f. 32r]) – Soneto
Ao chão lançou a Aljava o Deos vendado ([f. 32v]) – Soneto

Qual branca Borboleta, namorada ([f. 33r]) – Soneto
Quantas vezes, das redes se esquecia ([f. 33v]) – Soneto
Morreo-me de improviso o manço Gado ([f. 34r]) – Soneto
Sentado junto ás margens do Ribeiro ([f. 34v]) – Soneto
Farta, oh Ninfa, o desejo furioso ([f. 35r]) – Soneto
Adeos, Lorana ingrata, adeos pezares ([f. 35v]) – Soneto
Sonhei, oh Céos! ainda congelado ([f. 36r]) – Soneto
Apenas que Leandro a facha via ([f. 36v]) – Soneto
Louvem embora mil apaixonados ([f. 37r]) – Soneto
Achando o Templo aberto do Vendado ([f. 37v]) – Soneto
O Frígio Capitão, de Dido amado ([f. 38r]) – Soneto
Ao longo do fraguedo cavernoso ([f. 38v]) – Soneto
Co’os braços nus, os golpes alternvão ([f. 39r]) – Soneto
Saudades, são effeitos da ternura ([f. 39v]) – Soneto
Se sentisses o meu apartamento ([f. 40r]) – Soneto
Vendo Amor, os costumes corrompidos ([f. 40v]) – Soneto
N’hũa noite, que o Céu se escurecia ([f. 41r]) – Soneto
Eu vi hũ dia, oh Céos! que triste dia ([f. 41v]) – Soneto
Irra! tal não consinto: he corriola ([f. 42r]) – Soneto
Por trez vezes, Marilia, quiz louvar-te ([f. 42v]) – Soneto
Apenas, que os Humanos profanarão ([f. 43r]) – Soneto
Ordena o Pai dos Deoses, que hũ só Dia ([f. 43v]) – Soneto
Passarão as Idades venturosas ([f. 44r]) – Soneto
Ao som das grossas vagas, que lambião ([f. 44v]) – Soneto
Campos da minha glória ja passada ([f. 45r]) – Soneto
As pandas azas solta carregado ([f. 45v]) – Soneto

Entrou no Averno, Lilia, e de repente ([f. 46r]) – Soneto
Em vão pertendes, Silvio, com ternura ([f. 46v]) – Soneto
Na Forja de Vulcano acelerados ([f. 47r]) – Soneto
Alviçaras! Amor ficou vencido ([f. 47v]) – Soneto
Oh! como passa alegre a curta vida ([f. 48r]) – Soneto
Se nas cidades todos se vestissem ([f. 48v]) – Soneto
Embora, em pobre lenho destroçado ([f. 49r]) – Soneto
Debaixo d’estes cedros levantados ([f. 49v]) – Soneto
Ao rude tom de rispídos Tambores ([f. 50r]) – Soneto
As portas tornava a abrir da noite escura ([f. 50v]) – Soneto
Foje dos impinados altos Montes ([f. 51r]) – Soneto
Albano, por acaso caminhando ([f. 51v]) – Soneto
Rasgou enfim o véo da noite escura ([f. 52r]) – Soneto
Ja, sem murmurio, o Tejo caudaloso ([f. 52v]) – Soneto
Por mais que os olhos meus ao chão inclino ([f. 53r]) – Soneto
Onde existem, Aonia, os juramentos ([f. 53v]) – Soneto
He Lei indispensável da Natura ([f. 54r]) – Soneto
Bella Marcia, não foi por ser tiranno ([f. 54v]) – Soneto
Não vires, Bella Marcia, o lindo rosto ([f. 55r]) – Soneto
A venda tira Amor dos olhos bellos ([f. 55v]) – Soneto
Manda, gentil Annarda, o meu destino ([f. 56r]) – Soneto
Não julgues, Bella Marcia, que a tristura ([f. 56v]) – Soneto
Entreí no triste Reino de Cocito ([f. 57r]) – Soneto
Vendo a Castro o focinho hũ certo dia ([f. 57v]) – Soneto
Em vão pertendes, Canto, com ternura ([f. 58r]) (var.) – Soneto
Caldas de São Gemil, em dous d’Agosto ([f. 58v]) – Soneto

Prudente Guardião, o Santo Zelo ([f. 59r]) – Soneto
Pode, Annarda, o rijo Fado ([f. 151r-151v]) – Glosa
Os revezes da tristeza ([f. 152r-152v]) – Glosa
Não fujas, Gentil Nancira ([f. 153r]) – Glosa
O tormento, em que está posto ([f. 153r]) – Glosa
Tristes campos desditosos ([f. 153v-154r]) – Glosa
Triste Fado, porque ordenas ([f. 154v-155r]) – Glosa
Depois que me separei ([f. 155v-156r]) – Glosa
O caduco executor ([f. 156v-157r]) – Glosa
Como setas voadoras ([f. 157v]) – Glosa
Tanto que a luz da rasão ([f. 158v-159r]) – Glosa
Não zombem, Ninfas, d' Amor ([f. 159v-160r]) – Glosa
Tanto que o cháos se unio ([f. 160v-161r]) – Glosa

Inventário Global

A. Odes

1. Subamos, Musa, aonde os Deuses moram

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 22v-25r]

2. Não de Milton, Voltair, Camões divino

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 25v-27r]

3. Que fúnebre rumor, que aflito pranto

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 27v-28r]

4. A fecunda estação gostosa a Baco

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 28v-29r]

5. Os pesados grilhões que os roixos pulsos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 29v-30r]

6. Eu fui um dia, em voos transportado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 30v-31v]

7. Nos Altares da Cândida Amizade

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 32r-32v]

8. Enquanto grossa chuva está caindo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 33r-33v]

9. Não canto o fero Moço doutrinado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 34r-35r]

10. Numes da Poesia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 35v-36r]

11. Se algum dia, na Lira desgraçada

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 36v-37r]

12 Fogem batendo as asas

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 37v-38r]

13. A curvada Mulher que sempre fixos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 38v-39r]

14. Enquanto não se aparta o branco gelo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 39v-40r]

15. S'algum dia na Lira decantava

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 70r-70v]

16. Graças ao Céu, Leitão, que já te vejo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 71r]

17. Quando, Felinto, desandar veremos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 71v-72v]

B. Epitalâmios

18. Tebeias Musas do partido Monte

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 40v-42r]

C. Cantatas

19. Agora que os ventos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 42v-45r]

20. Ateie de novo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 45v-49r]

21. Os raios de Febo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 49v-51r]

22. O Globo de Febo

Testemunhos manuscritos

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 51v-53v]

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 94v-97v] (var.)

23. Não sei, ó bela Márcia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 54r-55v]

24. Já piso as tristes Caldas

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 56r-57r]

25. Graças ao Céu divino

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 57v-59r]

26. Chegou, ó Bela Márcia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 59v-61v]

D. Modas

27. Meninas erraram

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 63r-63v]

28. O Véu da desgraça

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 64r-65r]

E. Epístolas

29. A lenta melancolia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 65v-67r]

30. Ilustre Pinto, companheiro Amigo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 67v-69v]

31. Já que a dura distância me separa

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 76r-77v]

32. Sábio Leitão, Amável companheiro

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 78r-79v]

F. Elegias

33. Não são os regozijos da Ventura

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 73r-75v]

G. Endechas

34. Anarda, chegou

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 100r-101r]

H. Quintilhas

35. Agora que o sono brando

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 101v-103v]

36. Apenas teu Nome ouvi

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 108v-110v]

I. Cantigas

37. Armânia, teus lindos olhos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 62r-62v]

38. Os teus olhos, linda Anarda

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 104r-105r]

39. Tristes águas do Mondego

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 105v-106v]

40. Os protestos que te fiz

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 107r-108r]

41. Tristes ais, cruéis gemidos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 114r-114v]

J. Idílios

42. Havia já três anos que Janido

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 115r-116v]

43. A rugidora porta que refreia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 117r-119r]

44. Já os raios de Délio vão subindo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 119v-122v]

45. Salve, ameno Vergel, aonde habita

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 123r-126v]

L. Églogas

46. Depois que o frio Inverno carrancudo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 127r-131r]

47. Graças ao Céu, Cifrânio, que te vejo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 131v-135r]

48. Fugiam dos curvados horizontes

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 135v-139v]

49. É este o belo campo aonde Elisa

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 140r-142v]

50. Havia longos tempos que Janido

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, I, [f. 143r-146r]

M. Sonetos

51. Com os finos cabelos esparzidos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 29r]

52. Aqui exposta às Feras pavorosas

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 29v]

53. Mais me recreia Márcia em traje pobre

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 30r]

54. Da noite o negro manto se estendia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 30v]

55. Enquanto as vivas chamas devoravam

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 31r]

56. Em um vale, que fica situado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 31v]

57. Enquanto a prima idade nos obriga

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 32r]

58. Ao chão lançou a Aljava o Deus vendado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 32v]

59. Qual branca Borboleta, namorada

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 33r]

60. Quantas vezes das redes se esquecia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 33v]

61. Morreu-me de improviso o manso Gado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 34r]

62. Sentado junto às margens do Ribeiro

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 34v]

63. Farta, ó Ninfa, o desejo furioso

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 35r]

64 Adeus, Lorana ingrata, adeus, pesares

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 35v]

65. Sonhei, ó Céus! (ainda congelado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 36r]

66. Apenas que Leandro a facha via

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 36v]

67. Louvem embora mil apaixonados

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 37r]

68. Achando o Templo aberto do Vendado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 37v]

69. O Frígio Capitão, de Dido amado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 38r]

70. Ao longo do fraguedo cavernoso

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 38v]

71. C'os braços nus, os golpes alternavam

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 39r]

72. Saudades são efeitos da ternura

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 39v]

73. Se sentisses o meu apartamento

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 40r]

74. Vendo Amor os costumes corrompidos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 40v]

75. Numa noite que o Céu se escurecia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 41r]

76. Eu vi um dia, oh Céus!, que triste dia!

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 41v]

77. Irra! Tal não consinto; é corriola

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 42r]

78. Por três vezes, Marília, quis louvar-te

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 42v]

79. Apenas que os Humanos profanaram

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 43r]

80. Ordena o Pai dos Deuses que um só Dia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 43v]

81. Passaram as Idades venturosas

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 44r]

82. Ao som das grossas vagas, que lambiam

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 44v]

83. Campos da minha glória já passada

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 45r]

84. As pandas asas solta carregado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 45v]

85. Entrou no Averno Lília e de repente

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 46r]

86. Em vão pertendes, Sílvio, com ternura

Testemunhos manuscritos

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 46v]

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 58r] (var.)

87. Na Forja de Vulcano acelerados

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 47r]

88. Alvissaras! Amor ficou vencido

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 47v]

89. Oh! Como passa alegre a curta vida

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 48r]

90. Se nas cidades todos se vestissem

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 48v]

91. Embora em pobre lenho destroçado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 49r]

92. Debaixo destes cedros levantados

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 49v]

93. Ao rude tom de ríspidos Tambores

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 50r]

94. As portas tornava a abrir da noite escura

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 50v]

95. Foge dos impinados altos Montes

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 51r]

96. Albano, por acaso caminhando

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 51v]

97. Rasgou enfim o véu da noite escura

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 52r]

98. Já, sem murmúrio, o Tejo caudaloso

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 52v]

99. Por mais que os olhos meus ao chão inclino

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 53r]

100. Onde existem, Aónia, os juramentos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 53v]

101. É Lei indispensável da Natura

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 54r]

102. Bela Márcia, não foi por ser tirano

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 54v]

103. Não vires, Bela Márcia, o lindo rosto

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 55r]

104. A venda tira Amor dos olhos belos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 55v]

105. Manda, gentil Anarda, o meu destino

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 56r]

106. Não julgues, Bela Márcia, que a tristura

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 56v]

107. Entrei no triste Reino de Cocito

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 57r]

108. Vendo a Castro o focinho um certo dia

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 57v]

109. Caldas de São Gemil, em dous d'Agosto

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 58v]

110. Prudente Guardião, o Santo Zelo

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 59r]

N. Glosas

111. Pode, Anarda, o rijo Fado

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 151r-151v]

112. Os reveses da tristeza

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 152r-152v]

113. Não fujas, Gentil Nancira

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 153r]

114. O tormento em que está posto

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 153r]

115. Tristes campos desditosos

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 153v-154r]

116. Triste Fado, por que ordenas

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 154v-155r]

117. Depois que me separei

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 155v-156r]

118. O caduco executor

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 156v-157r]

119. Como setas voadoras

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 157v]

120. Tanto que a luz da razão

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 158v-159r]

121. Não zombem, Ninfas, d'Amor

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 159v-160r]

122. Tanto que o caos se uniu

Testemunho manuscrito

BM, Flores do Parnazo, III, [f. 160v-161r]

III. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS

E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

1. Opções de base

Como se viu no capítulo anterior, a tradição destes poemas inéditos de Vernei é muito simples, dado que quase todos eles são transmitidos por um único testemunho. Há apenas dois textos – uma cantata e um soneto – que são veiculados por dois testemunhos divergentes. Nestes casos, decidi tomar como base a versão que surge em primeiro lugar, tanto mais que me pareceu a mais idónea e coerente.

Em ambas as situações, procurei editar da forma mais próxima possível o testemunho que me serviu de base. Apesar disso, não me furtei à responsabilidade de, em casos muito pontuais – todos devidamente assinalados e justificados – efectuar algumas correcções, quase sempre relacionadas com lapsos gramaticais ou com questões de pontuação.

A opção de me manter fiel aos testemunhos levou-me também a evitar a normalização dos traços susceptíveis de terem repercussões fonéticas ou sobre outros aspectos da arte poética das composições.

2. Normas de transcrição dos textos

Como é sabido, a ortografia do período em que previsivelmente foram compostos estes poemas de Vernei – entre o segundo quartel e o final do século XVIII – ainda não é uniforme. As oscilações são numerosas, sobretudo ao nível do vocalismo, pelo que nem sempre é fácil perceber se se trata de meras variantes

gráficas. Dispomos contudo de um ponto de apoio importante, fornecido pelo próprio autor: na carta I do *Verdadeiro Método de Estudar*, Vernei apresenta um conjunto bastante completo de reflexões linguísticas, aplicadas à ortografia. Não obstante as incongruências e o radicalismo de algumas das suas propostas, esse pequeno tratado ajuda a dissipar dúvidas que pudessem surgir no que respeita ao estabelecimento dos critérios de transcrição.

Com base também nesses elementos, e respeitando as opções de base expostas no ponto anterior, actualizei apenas os traços gráficos que não colocam dúvidas, procurando oferecer um texto crítico uno e fidedigno também do ponto de vista linguístico.

Vejamos então as normas de transcrição que adoptei:

I. Vogais

1. Normalizei de acordo com o uso moderno a representação da vogal oral fechada posterior em posição átona, grafando *puser* e *sopitar* em vez de *poser* e *supitar*;
2. Normalizei as grafias alternantes das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante; seguidas de *m* em final de vocábulo; com til antes de vogal *e*, em palavras como *lã*, em final de palavra;
3. Relativamente às formas femininas do artigo e do pronome indefinido, os testemunhos manuscritos oscilam entre a sua representação em hiato – *(h)ũa*, *algũa* – e a grafia com a consoante nasal bilabial. É sabido contudo que o desenvolvimento da consoante em causa terá ocorrido nos finais do século XVI, ainda que a grafia moderna tenha tardado a generalizar-se. Optei assim pela grafia actual dessas formas;
4. Normalizei a representação dos ditongos nasais, de acordo com a norma actual: vogal seguida de *e* (*e*, mais raramente, de *i*) ou de *o*, com til sobre a primeira, ou vogal seguida de *m* ou *n*. Assim, *tam*, *morão* ou *grilhoens* passaram a *tão*, *moram* e *grilhões*;

5. Modernizei a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais. São frequentes nos testemunhos as grafias que acusam vestígios do hiato, mas, de acordo com os dados da história da língua, ele já estaria resolvido desde, pelo menos, o início do século XVI. Assim: *mortaes* > *mortais*; as formas de 2.^a pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos da 1.^a conjugação (como *habitaes*) > *habitais*; *sarao* > *sarau*; *area* > *areia*; as formas rizotónicas do presente do indicativo de verbos em -ear (como *atea*) > *ateia*; *véo* > *véu*; as formas de 3.^a pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 2.^a conjugação (como *toltheo*) > *tolheu*; *heróe* > *herói*; as formas de 3.^a pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 3.^a conjugação (como *fugio*) > *fugiu*; as formas de 2.^a e 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo de verbos da 3.^a conjugação do tipo de *possuir* (como *possues*) > *possuis*;

6. Relativamente aos ditongos orais crescentes, em regra pouco estáveis, optei também por representar a semivogal através de *u* (*frágoa* > *frágua*), à excepção dos casos em que a grafia actual conservou o *o*, como acontece em *mágoa*;

7. Na medida em que correspondem a realizações alternantes, conservei certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, designadamente as oscilações entre *e* e *a*, como em *acelerado* / *acelarado*; entre *e* e *i*, como em *desgraça* / *disgraça*; entre *i* e *e*, como em *incendiar* / *encendiar*; entre *o* e *e*, como em *formoso* / *fermoso*;

II. Consoantes

8. Dado tratar-se de um mero diacrítico sem valor fonético, regularizei o emprego do *h* de acordo com a norma actual. Eliminei-o, designadamente em posição inicial (como nas formas do verbo *ser*), em posição intervocálica (como em *cahir*), nos casos em que apresenta valor etimológico (como *inhumano*) e nos chamados dígrafos helenizantes, como *th* (*thesouro*); introduzi-o em casos como *orizante*;

9. Por não serem reflexo da pronúncia, simplifiquei formas ortográficas latinizantes, como as consoantes dobradas, exceptuando *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respectivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda. Assim, por exemplo, *ecco* > *eco*; *soffrer* > *sofrer*; *fallar* > *falar*; *immortal* > *imortal*; *innocente* > *inocente*; *apparecer* > *aparecer*; *attender* > *atender*;

10. Por se tratar também de um mero latinismo gráfico que nunca chegou a reflectir-se na pronúncia do português, eliminei o *s* do grupo inicial *sc-*, passando *scena* a *cena*;

11. Pelos mesmos motivos, simplifiquei de acordo com a norma moderna grupos em posição medial como *-bs-* (*substar* > *sustar*); *-ct-* (*fructo* > *fruto*); *-gm-* (*augmentar* > *aumentar*); *-gn-* (*signal* > *sinal*); *-mn-* (*himno* > *hino*); *-pt-* (*prompto* > *pronto*). Mantive-os em todos os casos previstos no uso actual;

12. Representei as oclusivas velares segundo o uso moderno: *qu* e *gu* antes de *e* e *i* (*Acheronte* > *Aqueronte*); *c* e *g* antes de *a*, *o* e *u* (*Bacho* > *Baco*);

13. Regularizei também a representação das fricativas. Assim:

– a fricativa labiodental sonora virá transcrita como *f*, o que implica a substituição do dígrafo helenizante *ph* em palavras como *tropheu*;

– as fricativas alveolares virão grafadas segundo as normas actuais, pelo que *Muza* ou *praser* passarão a *Musa* e *prazer*;

– a fricativa palatal surda será representada como *ch*, *s*, *x* ou *z*, segundo o uso moderno, pelo que *endexa* ou *eix* passarão a *endecha* e *eis*;

– a fricativa palatal sonora virá transcrita como *g* ou *j*, de acordo com as regras de hoje, pelo que *magestoso* passará a *majestoso*;

14. Conservei certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, na medida em que parecem corresponder a realizações alternantes. É o caso das ocorrências metatáticas do grupo consoante + *r*, como em *pertender*. É o caso também de formas como *arrastrar*;

III. Aspectos morfológicos

15. Separei e uni as palavras de acordo com o uso moderno, escrevendo, por exemplo, *enquanto* (conj.) em lugar de *em quanto*;
16. Desenvolvi as abreviaturas, aliás pouco frequentes e de fácil resolução;
17. Distingui, de acordo com a grafia actual, as interjeições *ó* e *oh*, reservando a primeira para uma função de invocação e a segunda para enunciados que traduzem espanto, alegria ou desejo;
18. Conservei arcaísmos morfológicos do tipo de *aceito* (particípio passado de *aceitar*) e *consume* (3.^a pessoa do singular do presente do indicativo de *consumir*);
19. Respeitei todas as formas que evidenciam processos de redução ou ampliação silábica, frequentemente ao serviço do jogo sinalefa / dialefa, como *coronista* (em lugar de *cronista*) ou *polv'ra* (em vez de *pólvora*) e a forma de 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ver* (*vêm*);

IV. Diacríticos

20. Regularizei o uso dos acentos, respeitando contudo variantes prosódicas justificadas pela métrica ou pela rima, como *impio*;
21. Recorri ao trema para indicar determinados casos de diérese obrigatória, imposta pela métrica do verso em palavras em que habitualmente está um ditongo;
22. Eliminei o apóstrofo em contracções do tipo de *n'esta*, mas usei-o para indicar certos casos de elisão vocálica;
23. Regularizei a utilização do hífen, designadamente para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos;

V. Maiúsculas e pontuação

24. Evitei introduzir modificações no que respeita ao uso da maiúscula, pelo que – atendendo também ao seu provável valor expressivo – preferi mantê-la mesmo nos casos que se afastam do uso actual;

25. Ciente de que a pontuação intervém na configuração rítmica e entonacional do verso e tem reflexos sobre a sintaxe e a semântica, procurei intervir o mínimo possível neste aspecto. Apesar disso, não renunciei à tentativa de estabelecer algum compromisso entre aquilo que os testemunhos revelam ser os hábitos da época e as normas actualmente em vigor. Assim, nos frequentes casos em que os dois pontos desempenham uma função hoje atribuída ao ponto e vírgula, substituí aquele sinal por este. Por outro lado, suprimi a vírgula antes das conjunções *e*, *ou*, *nem* e *que*, à excepção dos casos previstos na norma actual e ainda nos momentos em que um critério melódico parece impor esse sinal de pontuação. As outras poucas modificações que me senti obrigado a fazer – tanto de supressão quanto de adição – virão devidamente anotadas nos casos em que têm reflexo sobre o sentido do texto. Refira-se ainda que, nas passagens em que o discurso directo não vinha assinalado nos testemunhos, introduzi as correspondentes aspas.

3. Apresentação do texto crítico e do aparato

As composições de Luís António Vernei surgirão repartidos em treze grupos, correspondentes às formas poéticas identificadas: A. Odes; B. Epitalâmios; C. Cantatas; D. Modas; E. Epístolas; F. Elegias; G. Endechas; H. Quintilhas; I. Cantigas; J. Idílios; L. Églogas; M. Sonetos; N. Glosas. Segui assim a orientação sugerida pelos testemunhos manuscritos, em que o critério formal é preponderante na disposição dos poemas. A sequência das formas poéticas e a ordenação dos textos no interior de cada uma também foram determinadas pelas indicações fornecidas pelos testemunhos.

A edição de cada composição terá quatro partes:

1. Um número de ordem, contínuo.

2. A relação dos testemunhos que transmitem o poema, apresentada em corpo menor. A sua citação é feita de acordo com o sistema de siglas já apresentado. Nos dois casos em que o texto é transmitido por testemunhos divergentes, estes receberão como siglas identificativas letras maiúsculas impressas em itálico. Reservarei sempre o *A* para designar o testemunho que me servirá de base.

3. Seguir-se-á, em corpo maior, o texto crítico, com os seus dois momentos: a legenda, caso exista, e o poema propriamente dito, com os versos numerados à esquerda de 5 em 5. As emendas que tiver efectuado virão, sempre que possível, assinaladas já no próprio corpo do poema: para as supressões usarei as chavetas e para as adições os colchetes. As leituras dubitadas surgirão entre barras oblíquas, precedidas de asterisco.

4. Virá depois, ao fundo da página, separado por uma linha e em corpo menor, o aparato crítico. Tive duas preocupações centrais na sua organização: por um lado, fornecer ao leitor os elementos em que me apoiei, de forma a que ele pudesse julgar o meu trabalho; por outro, evitar possíveis dificuldades de leitura e assegurar uma percepção literal do texto tão boa quanto possível. O meu modelo de aparato comporta quatro partes, vindo cada uma delas separada da seguinte por uma linha de intervalo:

a) O aparato das variantes, que será do tipo negativo, isto é, só anotarei as lições divergentes. Apresentarei as variantes de acordo com as mesmas regras utilizadas para a transcrição do texto crítico e só darei conta das que forem significativas. Este aparato das variantes tem, por assim dizer, dois momentos, correspondentes ao paratexto e ao texto propriamente dito. A chamada do primeiro desses elementos será feita por intermédio da abreviatura “Leg.”. A chamada do texto propriamente dito será feita pelo número do verso, seguido de um ponto final. A identificação do lema far-se-á de forma a não suscitar nenhuma dúvida. O lema será seguido de um meio colchete, vindo imediatamente depois a variante e a sigla que a identifica. Se um lema tiver duas ou mais variantes, estas serão consecutivamente apresentadas,

sem que entre elas exista qualquer sinal de pontuação. Entre o lema, a(s) variante(s) e a(s) sigla(s) também não haverá nenhum sinal de pontuação, a menos que a(s) variante(s) em causa diga(m) respeito a um sinal desse tipo. O lema e a(s) variante(s) serão impressos em redondo, ao passo que as siglas identificativas das variantes virão em itálico. Havendo necessidade de anotar variantes para mais do que um lema do mesmo verso, a passagem de um ao outro será assinalada por intermédio de uma vírgula, colocada depois da última sigla da variante do lema anterior. Nos casos em que um testemunho tenha uma versão de um verso ou da legenda muito diferente da apurada, dispensarei o recurso ao lema e apresentarei todo o verso ou toda a legenda da versão divergente. Eventuais observações da minha responsabilidade virão em itálico.

b) A justificação das emendas que tiver efectuado.

c) O glossário e as notas que entendi necessárias para o esclarecimento de qualquer aspecto do texto. Poderei também incluir neste espaço alguma observação sobre irregularidades – gramaticais, métricas, acentuais – dos versos.

d) Um breve apontamento sobre a poética do texto.

IV. EDIÇÃO CRÍTICA

A. ODES

1. Ode *Subamos, Musa, aonde os Deuses moram*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 22v-25r]

Na aclamação para Priora de Chelas da Irmã de Anselmo José da Cruz
Sobral

obrigada

Ode 1.^a

Subamos, Musa, aonde os Deuses moram,
Aonde manifestas
Se vêm as Sacras Urnas do Destino
E os Bustos reluzentes
5 Dos Preclaros Heróis que a Fama espalha;
Subamos dum só voo
Aos alvos Pólos nunca dantes vistos.

Eis a Terra se esconde; já diviso,
No rutilante Império,
10 O puro assento a Jove consagrado.
Que rara maravilha!
Conforta agora, ó Musa, os fracos membros,

Leg. Anselmo José da Cruz Sobral, pertencente a uma família que ganhou influência na época pom-
balina (J. J. Carvalhão Santos, 1991: 220), era administrador do contrato do tabaco.

Aviva meus sentidos,
Que o nítido clarão me tolhe a vista.

15 Que Nume sublimado e Venerando
Me guia os lentos passos!
Que furores s'acendem na minha alma
Co' a vista luminosa!
Piso o Celeste Globo! Que ventura!
20 Mas o Alto Deus excelso
Me impõe silêncio enquanto assim me fala:

«Esta Estátua que vês, de gesto Augusto,
É de José Primeiro,
Feliz Restaurador do Luso Império.

25 Eis o grande Carvalho...»
Curvou a frente o Nume; e continua...
«Suas Acções Heróicas
Em Bronze aqui estão eternizadas.

«A outra que ali vês de meio Busto
30 É do Sobral invicto,
Que as chaves sustentou do Erário Luso.»
Aqui parou o Nume.

30.-31. Joaquim Inácio da Cruz Sobral, irmão de Anselmo José. De acordo com J. J. Carvalhão Santos (1991: 220), era Morgado de Sobral de Monte Agraço, tendo-se destacado no período pombalino como tesoureiro-mor do Real Erário. Além desse, desempenhou outros cargos importantes, como o de administrador da Alfândega, inspector-geral das obras públicas, conselheiro efectivo da Real Fazenda e provedor da Junta de Comércio.

E dando mais dous passos me descobre
Da Urna do Destino
35 Os ocultos segredos do vindouro.

Torna dizendo o Deus Esclarecido:
«No peito oculta e cala
O que de ti confia o claro Jove,
Favor que os altos Deuses
40 A bem poucos Mortais têm concedido;
Vê do Preclaro Anselmo
A Memória que os Numes lhe consagram.

«Estas são as Insignias relevantes
Que em torno do seu Nome
45 Gravadas ficarão neste Aposento;
Eis os Fastos brilhantes
Da futura Progénie esclarecida
E os cargos sublimados
Que hão-de ter no frondente Luso Império.

50 «Esta que vês, calcando o fausto e glória,
Matrona respeitável,
C'roada d'Açucenas e de Palmas,
É a sábia Teresa,
Qu'há perto de três Lustros sofre o peso
55 Do Cargo Prelático
Que o justo Céu risonho lhe concede.

«Esta agora por votos uniformes
De novo foi eleita
Estável chefe de Inocentes Virgens;
60 Pulam os Céus em gozo
E os Povos reverentes d'Ulisseia
Enviam até ao Ganges
Terno pranto de gostos derramado.»

Assim falava o Omnipotente Jove;
65 Eis súbito largando
Da destra mão a Maça fulminante,
Da Urna portentosa
Entre Divinos Quadros me descobre,
Bordado em rica tela,
70 De Teresa as virtudes relevantes.

De lágrimas os olhos se arrasaram
Do Venerando Nume;
E em vozes de gosto entrecadentes
M'expressa como os Deuses
75 Dos Mortais a Virtude recompensam,
Deixando eternamente
Suas grandes Acções no Sacro Olimpo.

Vejo ali de Teresa os grandes factos
Qu'as Olímpicas Deusas
80 Cuidadasas bordaram por três Anos;
Vejo os futuros casos,

Ainda pelos Homens ignorados,
Qu'enchem de gosto e espanto
No mesmo Céu as Sacras Divindades.

85 Vejo a Cândida Paz em laço estreito
C'o Santo Pio Zelo;
O torpe vício qu'a Discórdia ateia
Ali também diviso,
Gemendo aferrolhado em magra cova;
90 Eu vejo doutro lado
A dura Inveja a Carne devorando.

Ainda mais a ver continuava,
Eis qu'um trissulco raio
De todo me cegou a humana vista
95 E o hórrido Trovão
Me fez gelar no peito o quente sangue;
De susto ainda cheio,
Ouvi que o Sacro Deus assim dizia:

«Já tens visto, Mortal, Portentos raros,
100 Já sabes os segredos
Que s'hão-de descobrir para futuro;
Mais tempo tu não podes
A morada pisar dos Altos Numes...»
Senti-me arrebatado
105 Tanto que o Deus findou estas palavras.

Eis que um rouco Trovão soou de novo
E sobre espessa Nuvem
Vim baixando à Terra d'improviso;
Co'a vista procurava
110 Os Casos Imortais que tinha visto;
Mas só, só descobria
As Filhas de Nereu cantando alegres.

Tu, Musa, não te afroixes; gratos Hinos
No Tejo espalha agora;
115 Sejam estes os Votos inflamados
Qu'a Teresa dedico,
Enquanto as Gratas Ninfas sobre a espuma,
Com terna melodia,
Sua glória imortal estão louvando.

A ode é constituída por sétimas de versos brancos. Quanto à métrica, o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo.

2. Ode *Não de Milton, Voltair, Camões divino*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 25v-27r]

Ode 2.^a

Não de Milton, Voltair{e}, Camões divino,
Os sublimados Estros louvo agora;

A Cítara Canora

Para mais alta empresa destro afino.

5 Vinde, Camenas da Castália Fonte,
De ramos imortais cingir-me a fronte.

O almo espumoso Néctar rubicundo
Entorne sobre mim, da Taça bela,

A formosa Donzela

10 Que as almas banha de prazer jucundo;
A pena apronto já e a Lira toco,
Mas para me ajudar Marfídia invoco.

Se o Vate Citarista relevante

Pôs em silêncio o brado pavoroso

1. A métrica impõe esta apócope.

5. Camenas – As ninfas das fontes, equiparadas às Musas.

Castália – Fonte consagrada a Apolo, associada por isso à inspiração poética.

13. o Vate Citarista – Orfeu.

15 Do Reino Cavernoso,
Tangendo a doce Lira altissonante,
Assim vejo nas fundas cavidades
Assombradas as mãos das Tempestades.

 A cinzas não seria reduzido
20 O Império de Dardânia venerado,
 Se ao Pleito desgraçado
Tivesses das Três Deusas assistido;
Pois Citereia o Pomo não tivera
Se o teu semblante Páris conhecera.

25 Tu, Marfídia Gentil, és mais formosa
Que a Trissemblante Deia Vigilante;
 O Teu gesto brilhante
É mais belo que a Estrela luminosa;
Parecem tuas faces nacaradas
30 De pura neve e rosas fabricadas.

 Da Cípria Divindade o Filho amado
A teus pés soluçando cai rendido;
 E o Templo desabrido
Também deixas por terra destroçado;
35 Só podiam teus olhos matadores
Meter em cativo o Deus d'Amores.

20. Dardânia – Tróia.

21.-24. Alusão ao episódio mitológico do julgamento de Páris.

31. Cupido, deus do amor.

Larga das mãos o Ceptro majestoso
A sábia Filha do Tonante Jove;
A tal acção a move
40 Saber de teu espírito luminoso
Reflectir que baixou do Céu à Terra
A Ciência imortal que em si encerra.

Mas onde me arrebatou, que diviso
O Globo já num ponto e o Sol tamanho!
45 Que novo clima estranho
De verdecente relva agora piso!
Que Estátuas Imortais, de Louro ornadas,
Enfeitam estas várzeas dilatadas!

Que multidão de Cisnes portentosos
50 Este Padrão em torno vai girando,
Branco Festões levando
Nos aguçados bicos sarrilhosos!
Lá pousam as Grinaldas com sentido
Sobre o cume do Mármore polido.

55 As vozes soltam! Que sonoro Canto,
Nunca ouvido por mim no Douro e Tejo!
Mas que ventura vejo!
O Nome de Marfídia, ó Céus (que encanto!),

40. A síncope é determinada pela métrica.

38. Atena, deusa da sabedoria.

60 Esculpido com letras d'ouro fino,
 Neste Padrão eterno e peregrino!

 Em tão remotos climas te respeitam
 Os Numes que residem neste Prado!
 Teu Nome venerado
 À Filha atroz d'Erbo não sujeitam;
65 Tu és bem qual Latona, pois dominas
 Na Terra e nas Esferas Cristalinas.

 Mas já espessa nuvem denegrada
 As luzes me tolheu do meu desejo,
 Pois só descubro o Tejo
70 Com a musgosa barba retorcida;
 E sobre as crespas ondas enroladas
 Aparecem as Ninfas delicadas.

 Já cansaste, Marfídia, d'inspirar-me
 O Metro qu'entoava a minha Lira;
75 Por mais que as cordas fira
 Já deixa a melodia de soar-me;
 Escuta, escuta agora os teus louvores
 Das Filhas de Nereu e dos Amores.

64. Filha atroz d'Erbo – Suponho que *Erbo* será uma variante de *Érebo*, filho de Caos e a personificação da treva infernal. Quanto à sua filha, é possível que se trate da ninfa infernal Estige.

A ode é constituída por sextilhas, que apresentam como esquema rimático ABBACC. Quanto à métrica, o decassílabo predomina, alternando contudo com o seu quebrado, o hexassílabo, no terceiro verso de cada estrofe.

3. Ode *Que fúnebre rumor, que aflito pranto*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 27v-28r]

Ode 3.^a

Que fúnebre rumor, que aflito pranto
Vaga de rua em rua desbotando
Os serenos impávidos semblantes
Dos ternos Lusitanos?

5 Mas que é isto? Os canhões despedem fogo!
Os ríspidos tambores s'enrouquecem!
Arrastam-se as belígeras Bandeiras!
As Naus se desmantilham!

Céus! Que escuto do povo consternado?
10 É morto o Grão Pastor do Pátrio Tejo.
Desanimou a Destra compassiva
A macilenta Parca?

Deixa, ó Musa, harmónicas Endechas,
Despe as nevadas roupas d'alegria,
15 Infunde no meu Plectro desgraçado
Enrouquecido Canto!

Afastem-se os prazeres destes sítios,

Cubram somente as hórridas tristezas
Com denegrido véu os Edifícios
20 Da desgrenhada Elisa.

Chorai, infausto Povo, a crua morte
Do Príncipe Infeliz, Benigno e Justo;
Mais não vereis o plácido semblante
Onde as Graças moravam.

25 Com as trémulas mãos, tirai das frentes
As festivas Grinaldas dos prazeres,
Adornando os cabelos esparzidos
De fúnebres ciprestes.

Sobre a urna fatal que a dor exprime
30 Nas venerandas cinzas silenciosas,
Vinde, ó Ninfas do Tejo dilatado,
Verter aflito pranto.

Mas lá surge das ondas cristalinas,
Sobre aquóreos, impávidos Golfinhos,
35 O Padre Venerando que governa
Os empolados Mares!

A cerúlea cabeça aos lados vira

22. Príncipe Infeliz – É possível que se trate do Príncipe da Beira e do Brasil, D. José, filho primogénito de D. Maria I e de D. Pedro III. Nascido em 1761, faleceu, em Lisboa, a 11 de Setembro de 1788.

E o pranto que dos olhos vai soltando,
Pela torcida barba emaranhada,
40 Em gotas fica preso.

Lá s'escondeu! E o Filho acelerado
As crespas ondas busca e o búzio toca;
O rancho das Nereidas aparece
 C'os rostos enfiados!

45 Mas já da rouca lira as cordas quebram;
Os dedos se me prendem; ouvi, Lusos,
Os /*agros/ ais que vagam pelo Tejo
 Das Deusas Neptuninas.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, os três primeiros versos de cada estrofe são decassílabos, ao passo que o último é hexassilábico.

4. Ode *A fecunda estação gostosa a Baco*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 28v-29r]

Ode 4.^a

A fecunda estação gostosa a Baco,
Que os sazoados Frutos nos concede
Nas curvadas vergontas tremulantes,
Já veloz fugiu.

5 Pesadas Nuvens prenhes vão cobrindo
O Manto de Planetas recamado;
As riquezas de Ceres arrebatada
O frígido Velho.

O Filho de Saturno, a quem compete
10 Do Proceloso Reino a vasta herança,
Desprende as rédeas das frementes vagas
Que jaziam presas.

O tormentoso Noto sibilante
As choças move e as portas despedaça;
15 D'anosos Cedros e arreigadas Faias
As raízes mostra.

Com horríssimos roncões, vibra Jove

- Tripartidos coriscos cintilantes;
A opaca, negra Noite se alumia,
20 Os Pólos tremem.
- Os lanígeros gados, nos apriscos,
Deixando a relva do gelado campo,
Encostam as cabeças uns aos outros,
Pávidos balando.
- 25 Quando, Elpino, outra vez chegar veremos
A formosa Donzela que serena
Do tormentoso Inverno o gesto horrível,
De Murta c{o}roada?
- Mas enquanto não limpa os turvos ares
30 A face do prazer e da alegria,
Disfarçaremos nossos cruéis males
Com o rubro Baco.

28. A métrica impõe esta aférese.

20. Este verso tem 4 sílabas.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, os três primeiros versos de cada estrofe são decassilábicos, ao passo que o último é pentassilábico.

5. Ode *Os pesados grilhões que os roixos pulsos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 29v-30r]

Ode 5.^a

Os pesados grilhões que os roixos pulsos
Sustentavam pendentes, retinindo,
Já, Márcia, com valor, em mil pedaços
Os lancei por terra.

5 Nas Cândidas Bandeiras que sustenta
A Matrona Gentil que livre impera,
O meu Nome alistei, aos pés prostrando
As cruéis Algemas.

Graças ao Céu, ó Márcia, que respiro
10 A doce Liberdade carinhosa;
A denegrada sombra da tristeza
Fugiu de minha alma!

Entregando a Morfeu os lassos membros,
Em sonhos já não vejo o teu retrato;
15 Os dias passam da minha idade
Sem que já me lembres.

Açacaladas setas, rijos Dardos,

Embora sofra aquele que deseja
O teu peito gozar, o doce agrado
20 Com que falsa encantas;

Que solto do tirano cativoiro,
De longe mostrarei nos livres pulsos
Os calosos sinais que tenho impressos
 Dos pesados ferros.

25 Cansadas esperanças não oprimem
O livre raciocínio que até agora
Gemia preso, suportando forte
 Dissabores tristes.

Os fracos pulsos livres não veria
30 Se tu, Ingrata Márcia, grata fosses;
Bem hajam teus desvios, que puseram
 Fim a meus tormentos.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, os três primeiros versos de cada estrofe são decassilábicos, ao passo que o último é pentassilábico.

6. Ode *Eu fui um dia, em voos transportado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 30v-31v]

Ode 6.^a

Eu fui um dia, em voos transportado,
Ao Reino escuro de Plutão severo;
Eis que à entrada vejo
O trifauce Rafeiro que amotina
5 A cega Região de eternas sombras.

Por entre espessas nuvens caminhando,
Diviso do Cocito o Rei tremendo,
Empunhando avarento
Na destra mão o Ceptro pavoroso,
10 D'aspecto enorme e desgrenhada barba.

Aqui dum lado, vejo em pena eterna
O Frígio Rei, do Filho ímpio homicida,
A mágoa suportando
De nunca mitigar a sede activa,
15 Por mais águas que veja estar correndo.

Doutro lado, vou vendo preso à roda,

12. Frígio Rei – Tântalo.

Girando sem cessar arrebatado,
Aquele que gerava,
Em torpe amor da nuvem fementida,
20 A tessálica Gente, enorme, dura.

Mais adiante está o torpe Tício,
Com as vivas entranhas laceradas
Por tirânico Abutre,
Sendo com tal tormento condenado
25 Porque manchar Latona pertendia.

Em seus ombros, o bárbaro Sisifo
Equilibrar não pode a rija penha,
Com lúbrica fadiga;
Ora subindo ao monte, ora descendo,
30 Atrozes penas sofre nesta lida.

Envolto em negro devorante fumo,
Eu vejo Salmoneu, que pertendia
De Júpiter sob'rano
Os raios imitar que a sua destra
35 Com rápido furor à Terra lança.

As torpes Filhas da Noite e d'Aqueronte,

18. Aquele – Íxion.

32. Salmoneu – Um dos filhos de Éoloe e de Enarete. Emigrando para a Élide, aí fundou a cidade a que chamou Salmone. Extremamente orgulhoso, tentou imitar Zeus, que acabaria por fulminá-lo.

36. Filhas da Noite e de Aqueronte – As Fúrias infernais.

Inspirando traição, discórdia, guerra,
Diviso enfurecidas;
Tesífone cruel atroz castigo
40 Executa na Turba condenada:

Megeira turbulenta, fera Harpia,
De serpentina Coma, aspecto enorme,
Os tormentos renova;
Raivosa se arrepela enfurecida
45 De seu mesmo repouso Harpia fera.

Alecto furibunda, doutro lado,
Dos olhos cruéis chamas venenosas
Sanguinolenta espalha,
Em Figuras diversas transformando
50 O corpo atroz, em sombras envolvido.

De Caos e da Noite as Torpes Filhas
Que a triste vida fiam inclementes
Dos Míseros humanos,
Eu as vejo, de negras vestiduras,
55 Com os pretos cabelos desgrenhados.

Espantosos gemidos atroavam

39. Tesífone (Tisífone) – Uma das Fúrias.

41. Megeira – Outra Fúria.

Harpia – Monstro fabuloso, com rosto de mulher e corpo de abutre.

46. Alecto – Outra das três Fúrias.

O cavernoso Reino de Cocito;
A macilenta Morte,
Em esqualido trono, presidia
60 À férrea Porta do letal Averno.

Densas nuvens de fumo denegrido
Os mais tormentos foram-me escondendo
Dos tristes Habitantes.
Eis que outra vez em voos me remonto
65 E do cândido Céu à Terra desço.

Os olhos viro a um e outro lado,
Mas dos fatais tormentos nada vejo.
Ah, Lília, ingrata Lília!
Que os tormentos que Eu vi no fundo Averno
70 Outros iguais por Ti minha alma sente.

A ode é constituída por quintilhas de versos brancos. Quanto à métrica, o decassílabo predomina, alternando contudo com o seu quebrado, o hexassílabo, no terceiro verso de cada estrofe.

7. *Ode Nos Altares da Cândida Amizade*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 32r-32v]

Ode 7.^a

Nos Altares da Cândida Amizade
Apenas se divisa o débil fumo
Da Tocha que a Lisonja pôs por terra
Quasi expirante.

5 Desprezadas relíquias, santo asilo,
Onde as almas sinceras repetiam
Naqueles tempos da Primeira Idade
Votivos cultos.

Agora giram denegridas nuvens
10 De leve pó, que tolda o pavimento,
No Templo aonde habita desprezada
A triste Deusa.

As vozes dos humanos não se escutam;
Só ressoa nas côncavas abóbadas
15 A rouca voz do fero desengano
Triste ululando.

Os frígidos ladrilhos não se gastam

Com o seguido rumo dos Devotos;
De par em par estão as livres Portas
20 Do vago Templo.

Que resto dos Mortais ainda guardam
Os puros votos de Amizade pura?
Quem ateia, no século corrupto,
 Da tocha o fogo?

25 Mas embora nas Aras da Vaidade
 Depositem os Trébulos fumantes;
 Ergam embora as lúbricas Bandeiras
 Da vil Lisonja;

30 Que tua alma, Sodré, à minha unida,
 Fugindo aladas do cruel contágio,
 Da Cândida Amizade ao Mundo inteiro
 Darão exemplo.

26. trébulu – Variante de *turíbulo*.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, os três primeiros versos são decassilábicos, ao passo que o último é um tetrassílabo.

8. Ode *Enquanto grossa chuva está caindo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 33r-33v]

Ode 8.^a

Enquanto grossa chuva está caindo
Das horríssonas nuvens carregadas,
Vamos contentes, caro meu Frondélio,
Festejar Baco.

5 Ao som da crepitante lavareda,
Por cristalinas Taças beberemos
O Divino Licor aos Deuses grato,
Almo dos risos.

Nas incendidas brasas lançaremos
10 As roliças castanhas saborosas
Que o despido Novembro nos concede
Neste Montado.

Enquanto nas cidades se festeja
A Deusa que d'espuma foi nascida,
15 Passaremos contentes, caro Amigo,
A fria noite.

Sem altos cotilhões, sem contradanças,

Nossos membros também aqueceremos,
Sentados aqui junto à lavareda
20 Que vai silvando.

Oh, quanto mais felizes, mais ditosos,
Passamos abrigados nesta choça
Do que aqueles que giram das cidades
 Nas ricas salas!

25 O prazer verdadeiro alado foge
Do pavimento aonde vive oculta
A dolosa Mulher que falsa engana
 C'os dous semblantes.

Mas quando o rubro Baco o peso alegre
30 Deixar cair nos nossos fitos olhos,
Ao lívido Morfeu entregaremos
 Os lassos corpos.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, os três primeiros versos são decassilábicos, ao passo que o último é um tetrassílabo.

9. Ode *Não canto o fero Moço doutrinado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 34r-35r]

Ode 9.^a

Não canto o fero Moço doutrinado
Na Peliónia cova
Por medonho centauro disvelado,
Que fora por dez anos
5 Perseguidor dos míseros Troianos;

Nem o forte Mancebo que deixara
Na lânguida Sidónia
A saudosa Rainha, amante e cara,
Qu'a força da desgraça,
10 Com duro ferro o peito a si trespassa.

Camenas que habitais na Santa Fonte,
Vinde em festivo Coro
D'invictas Palmas adornar-me a frente,
Pois entre os Lusitanos
15 Cantar da linda Márcia quero os Anos.

1. o fero Moço – Aquiles, educado pelo Centauro Quíron.

6. Forte Mancebo – Eneias.

8. saudosa Rainha – Dido.

11. Camenas – As ninfas das fontes, equiparadas às Musas.

Santa Fonte – A Castália, consagrada a Apolo e associada por isso à inspiração poética.

Tu, festiva Donzela, o som divino
Espalha subtilmente
No meu ligeiro Plectro peregrino;
Amor em mim s'esconda
20 E a lira «Márcia, Márcia» me responda.

Fogem batendo as asas apressadas
Dos ares procelosos
As fuzilantes nuvens arroxadas;
Nasce de novo agora,
25 Com brilhante clarão, a bela Aurora.

Desenrola, nas margens arenosas,
O Lusitano Tejo
As cristalinas ondas perguiçosas,
Trazendo sem queixume
30 À ruiva praia os Peixes em cardume.

Chegou enfim o Dia desejado
Das Ninfas e Serranos
Que habitam nos redores deste Prado;
Vemos o grato Dia
35 Que traz patente a face d'alegria.

A nivea mão da Carinhosa Graça
Impávida aferrolha,
Longe de Nós, a Lívida Desgraça,
Mostrando com candura

40 A causa de se ver tanta ventura.

Pode o Gado pascer a fria relva
Sem medo d'encontrar
Faminto Lobo na remota selva;
Pois Márcia, Márcia bela,

45 A tudo nos dará feliz estrela.

Já descem da montanha, cento a cento,
As Cândidas Pastoras,
Louvando o teu alegre Nascimento;
Nas brancas mãos formosas

50 Trazem soltos Fastões de frescas rosas.

Mas que raro prodígio agora vejo!
As humildes Nereidas,
Na longa praia do cerúleo Tejo,
Gravam com alegria

55 Os Anos que numeras neste Dia!

As vozes soltam; que sonoro canto!
Que bela maravilha!
Perdoa, ó Márcia, a voz não mais levanto;
Ouve somente os Hinos

60 Que ressoam nos campos Neptuninos.

A ode é constituída por quintilhas, que apresentam o esquema rimático ABACC. Quanto à métrica, o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo.

10. Ode *Numes da Poesia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 35v-36r]

Ode 10.^a

Numes da Poesia,
Enquanto firo agora as cordas d'ouro
Da minha grata Lira,
C{o}roai-me a testa com folhado Louro;
5 Enchei-me o plectro de furor Divino,
Pois quero subir mais que o Venusino.

Tu, Valíntia formosa,
Exemplo da mais sólida virtude,
Acolhe compassiva
10 Os versos que te ofrece um peito rude,
Que deseja com ecos sonoros
Levar teu Nome aos Astros luminosos.

Do Quadro da memória
Se risquem os antigos simulacros
15 Que a mente caprichosa
Nos Templos levantava em Bustos sacros,
Que mostravam nos séculos futuros

4. A aférese é imposta pela métrica.

Esculpida a Lisonja em Bronzes duros.

Levante o Tejo a frente,
20 Não para ver, em hórridas Batalhas,
Boiando sobre as ondas,
Partidas lanças, destroçadas malhas;
Não para ver entranhas palpitantes,
Tombadas Torres, como já viu dantes.

25 No peito de Valíntia,
Brilhar a cândida Virtude ilesa;
Na[s] Aras d'Amizade,
Sustentar com fervor a Tocha acesa;
São estes os portentos afamados
30 Que há-de ver em seus campos dilatados.

Torne-se a abrir a Porta
Que os perversos costumes ferrolharam
Do Templo majestoso
Aonde Heróicos Nomes s'entalharam,
35 Para em Quadros que o Tempo não consome
Se gravar de Valíntia o Alto Nome.

Vejam os Cultos Povos
No século presente a Idade d'Ouro;
De Dido se despoje
40 A Grinalda imortal de verde Louro;
Seja dada a quem só conserva afável

Do casto amor a Fé inseparável.

Tu, Valíntia formosa,
Em meus versos serás eternizada,
45 Para que Elisa veja,
Erguendo a frente de gemer cansada,
Que apesar das traições que o Mundo gera,
O sangue dos Heróis não degenera.

A ode é constituída por sextilhas, que obedecem ao esquema rimático ABCBDD. Quanto à métrica, predomina o decassílabo, que alterna contudo com o seu quebrado, o hexassílabo, no primeiro e terceiro versos de cada estrofe.

11. Ode *Se algum dia, na Lira desgraçada*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 36v-37r]

Ode 11.^a

Se algum dia, na Lira desgraçada,
Banhando em terno pranto o aflito rosto,
Com voz intercadente e perturbada,
Contava às duras Feras meu desgosto,
5 À minha sorte bárbara chamando
E sempre pela morte suspirando;

Agora rasgo o manto da tristeza
Que a face do prazer escurecia;
De novo tomo a Lira com presteza
10 E co'o Plectro da plácida harmonia
De mim separo o macilento pranto;
Do forte Alcides não, de Márcia canto.

Se ainda se venera Citereia
Como Deusa de estranha formosura
15 Da bela Turba da undosa veia
E entre as Ninfas da plácida verdura;
É porque o Tejo, ó Márcia, e este Prado
Inda não viu teu rosto delicado.

Tu és a minha Deusa, a quem dedico
20 A grata Liberdade, Fé, respeito;
D'Amor os puros votos ratifico
Sobre as Aras de teu constante peito,
Embora roube a Vénus esta glória,
Que os trofeus terás sempre da vitória.

25 Não só da bela Mãe do Deus Cupido
Os Altares tu deixas despojados
Dos trofeus que o Farpão endurecido
Sobre as Aras depunha ensanguentados;
Mas inda tiras glória relevante
30 À belicosa Filha do Tonante.

De verde Mirto, d'arrojado Louro,
As castas Musas do facundo Pindo
Concertam as compridas Tranças d'ouro
E vão em livre Dança repetindo
35 Teu Nome, tua glória celebrada,
Que até no etéreo Assento é decantada.

Tu serás imortal no Régio Templo
Da Deusa dos Heróis aclamadora;
Tu serás de Lísia o raro exemplo,
40 Assim como de Chipre Vénus fora;
O Velho executor das Leis dos Fados
Os dias não te marca limitados.

Enquanto o Plectro meu suspendo agora,
Vós, ó Ninfas gentis da clara veia,
45 Louvores entoai, com voz canora,
Da bela Márcia, que os mortais enleia;
De Márcia mais que as Deusas afamada,
Que em meus versos será eternizada.

A ode é constituída por sextilhas de versos decassilábicos, apresentando o seguinte esquema rimático:
ABABCC.

12. Ode *Fogem batendo as asas*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 37v-38r]

Ode 12.^a

Fogem batendo as asas
Do triste Inverno as denegridas nuvens;
Mostram os Troncos, no frondente Março,
Os Pomos renascidos.

5 Nas choças desabridas,
O Gado já não pasta o seco feno;
A branda relva, nos risonhos campos,
Libertos apascentam.

10 Levam curvos Arados
Tardios Bois, cortando a branda terra;
Com mão nervosa espalha o louro Trigo
O Lavrador contente.

15 Os Pássaros alegres
Ora gorjeiam nos serenos vales,
Ora tecem de penas castos ninhos
Nas floridas vergontas.

Giram ao pé das Flores

Solícitas Abelhas sussurrantes,
Seguindo a sábia Mestra, que primeiro
20 Do Favo alada voa.

A terna Filomela,
Da gentil Flora portentoso assombro,
Por entre os ramos do folhado Louro
Festeja a madrugada.

25 Vão os altos centeios
Os lascivos Favónios ondeando;
O prémio espera, na abundante espiga,
O robusto colono.

Em borbotões a Fonte
30 Com giro murmurante vai regando
As anosas raízes d'altos cedros
E mimosas Boninas.

Chegou enfim aquela
Qu'a Noite faz igual aos mesmos Dias,
35 Das várias Estações primeira Idade,
De Zéfiro consorte.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, alternam o hexassílabo (vv. 1 e 4) e o decassílabo (vv. 2 e 3).

13. Ode *A curvada Mulher que sempre fixos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 38v-39r]

Ode 13.^a

A curvada Mulher que sempre fixos
Sobre os joelhos tem os cotovelos,
Com hórridas visões em torno gira
De meus sentidos tristes.

5 Por mais que astuto disfarçar intente
Do aflito coração as mudas trevas,
O taciturno peso insuportável
Não vejo diminuto.

Os olhos lagrimosos trago sempre;
10 Oculta sombra a minha alma afroixa;
Dentro em mim umas vozes dolorosas
De noite e dia sinto.

Nada vejo que mais me não aumente
Este secreto mal que me flagela;
15 De todos fujo, com espanto raro;
Só busco tristes sítios.

Mas nem ainda em hórridos lugares

Eu deixo de sentir o mesmo efeito;
Em toda a parte a lívida tristeza
20 No peito se m'imprime.

Melancólica sombra em mim sacode
Pestífero licor, batendo as asas;
A Donzela risonha alada voa,
 A outros faz ditosos.

25 Oh, quem me dera que meus tristes olhos
 Não vissem mais o sol dar luz ao Mundo;
 Quem me dera ver sempre, a toda a hora,
 Espectros pavorosos.

 Mas deste mal cruel em que s'enfona
30 Meu triste coração inconsolável,
 Tu, Marília Gentil, tu és somente
 O bárbaro motivo.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, predomina o decassílabo, que alterna contudo com o seu quebrado, o hexassílabo, no quarto verso de cada estrofe.

14. Ode *Enquanto não se aparta o branco gelo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 39v-40r]

Ode 14.^a

Enquanto não se aparta o branco gelo
Da grossa lâ dos três rugosos Velhos,
Que sobre a terra avara unindo os corpos,
Gelados tremem;

5 Enquanto o Pátrio Tejo enfurecido
Aos ares s'ergue, borrifando as nuvens,
E pelos campos entra revolvendo
O verde Trigo;

Enquanto lançam os cerrados Pólos,
10 Com viva chama, tripartidos raios,
Que os semblantes impávidos descoram
E as Penhas quebram;

Demos, formosa Irídia, alegres cultos
Ao grato Nume de Semele Filho;
15 Com libações jucundas passaremos
A fria noite.

14. Nume de Semele (Sémele) Filho – Dioniso, ou Baco.

Por este copo de metal subido,
Que a cornígera Turba desenvolta
Tem de um lado esculpida subtilmente
20 Em livre dança;

Por este, que só serve de Ano em Ano,
Nas Festas do alto Baco sonolento,
De dous lustros te deito o rubro vinho;
 Empina, bebe.

25 Oh, como alegre vejo o teu semblante!
Os Prazeres em torno te rodeiam;
Despedem novas chamas amorosas
 Teus níveos Peitos.

30 Bebamos outro agora; toma, Irídia;
Viva o Grande Lico, que os Tigres doma;
O ébrio licor nas veias já pressinto,
 As faces coram.

35 Mas tu não vês, Irídia, como as Graças,
Com frondentes Fastões de largas parras,
A Lira de Mirtilo sublimada
 Subtis adornam?

Como os Génios s'escondem apinhados
No côncavo da Lira altissonante?
O copo falador de novo, Irídia,

- 40 A encher começa.
- Da nova Musa, que entre Nós alegre,
De frondíferos Pâmpanos c{ó}roada,
Cantam de Anarda os matadores olhos,
 Louva a constância.
- 45 Em honra de Mirtilo, bebo um golo...
De Mirtilo à saúde o empino todo...
Como pica o faceto humor Divino...
 Mas treme a Terra!
- Não te assustes, Irídia... Não é nada...
50 Senta-te no meu colo... Dá-me os braços;
E canta de Mirtilo os doces versos,
 Que a Lira afino.

42. A métrica impõe esta aférese.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, predomina o decassílabo, que alterna contudo com o tetrassílabo, no quarto verso de cada estrofe.

15. Ode *S'algum dia na Lira decantava*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 70r-70v]

Ode

S'algum dia na Lira decantava
Os amantes impulsos da minha alma,
Os ferinos gemidos e saudades
Que triste desprendia;

5 Agora no meu Plectro altissonante
Canto somente os ternos passatempos
Que as meigas Ninfas, a prazeres dadas,
Risonhas me concedem.

Já não temo a desgraça da mudança,
10 De que somente a ideia noutro tempo
Me fazia velar imensas noites,
Passar aflito os dias.

Agora em qualquer parte a minha vista
Encontra mil objectos conquistáveis,
15 Que o fisico saciam sem trabalho
De mil perdidas noites.

Chegou o tempo enfim do desengano:

Minha alma, com acerto, já conhece
Que Amor, sem se gozar, é só mania
20 Bem própria d'insensatos.

Repugna inteiramente ao gosto Humano
A séria contemplação dum fixo objecto,
Pois s'ignoram as raras maravilhas
Que a Natura concede.

25 Ali vemos de Lélia o doce encanto,
De Marília as colunas d'alabastro,
De Jónia os altos peitos, que arrebatava
As almas insensíveis.

Que importa que Natércia desenvolva
30 A muitos também faça a mesma graça,
Se quando por seu gesto me arrebatava
A vejo terna e meiga?

Tu, Amor, já comigo não tens nada;
Enquanto houverem Ninfas compassivas,
35 Terás sempre na Aljava ferrugentas
As setas passadoras.

22. Este verso tem 11 sílabas.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, predomina o decassílabo, que alterna contudo com o seu quebrado, o hexassílabo, no quarto verso de cada estrofe.

16. Ode *Graças ao Céu, Leitão, que já te vejo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 71r]

Ode

Graças ao Céu, Leitão, que já te vejo
Sem a pesada sombra da tristeza
Que tirana até agora te oprimia
O juvenil semblante.

5 Já não lamentas como antigamente
As desgraças que em torno te cercaram;
Agora vais passando os longos dias
Com ternos passatempos.

Junto à face da tua Nise Bela,
10 Teu grato peito nutres de prazeres,
Ora tocando as virginais colunas,
Ora os marmóreos Pomos.

Ali contemplas da Natura as graças
E quando pede o sangue desafogo,
15 A tua Nise Bela, com meiguice,
A sede te mitiga.

A sorte dos felizes não invejas,

Pois possúis um peito delicado,
Um semblante que ainda ateia zelos
20 Na Deusa Neptunina.

Continua, Leitão, os teus amores,
Goza quanto puderes Nise Bela,
Porque a Filha da Noite não se esquece
De nos cortar o fio.

18. A diérese é imposta pela métrica.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, predomina o decassílabo, que alterna contudo com o seu quebrado, o hexassílabo, no quarto verso de cada estrofe.

17. Ode *Quando, Felinto, desandar veremos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 71v-72v]

Ode Sáfica

Quando, Felinto, desandar veremos
A triste roda da Fortuna vária
Que aquele enruga com desgostos fortes
Na primeira Idade?

5 Quando veremos os cansados peitos
Romper constantes os ferinos laços
Por onde gira, com semblante vesgo,
A lúbrica sorte?

Os anos fogem e as teimosas mágoas
10 Desviam sempre, com malignas traças,
De nossas almas os alados toques
Dos cândidos gostos.

1. Felinto – Provavelmente Filinto Elísio, pseudónimo de Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819). Denunciado à Inquisição, fugiu para França em 1778, ficando exilado em Paris até à morte. O facto de não ser conhecida documentação que comprove um relacionamento entre Vernei e Filinto, não compromete esta identificação. É provável que o autor do *Verdadeiro Método*, que também passou por sérias dificuldades em Itália – a ponto de ter sido expulso de Roma, em 1771, pelo ministro plenipotenciário Francisco de Almada e Mendonça – conhecesse a situação do seu compatriota.

De longas horas que a Morfeu roubámos,
Cansando o peito co'o pesado estudo,
15 Agora vemos igualado a zero
O nítido prémio.

Os secos ramos dos robustos troncos
Somente gozam no País dos Lusos
Os mesmos prémios que os Avós Preclaros,
20 Defendendo o trono.

Não é preciso nos sertões remotos
O peito exporem às vibradas setas;
Basta mostrarem os indignos Netos
A antiga linhagem.

25 Ditosos reinos que os talentos prezam,
Dando a Minerva as laureadas c'roas
Dos próprios factos que abalança o Génio
A novos desenhos!

Todos cultivam os talentos próprios,
30 Pois estes são os oradores mudos
Que aos Reis obrigam a prestar afáveis
O prémio dividido.

Infaustos Povos do Império Luso,
Que gemem presos na miséria horrível,
35 Sentindo ainda na presente idade

O apático influxo!

Da nossa vista separou-se cedo
O Grão Carvalho, defensor da Pátria,
A cuja sombra se abrigava a Gente
40 Da sorte oprimida.

Em curta idade, o Lusitano Reino
Rompeu as trevas da fatal cegueira,
Cortando astuto os arreigados troncos
Do vil Fanatismo.

45 Vai-se no Tejo a oriental riqueza,
Findou-se o ócio no Indiano Povo,
Tremeu Europa, respeitando humilde
As Lusas Bandeiras.

As novas Artes dissiparam logo
50 O ranço vil da Fil{ó}sofia Antiga;
Brilhou de novo o desmedido Monte
Que banha o Mondego.

Mas hoje vemos as remotas sombras,
Que inda pranteiam os passados tempos,

50. A síncope é imposta pela métrica.

37.-38. Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, faleceu em 1782.

55 Que pela praxe do presente giro
 Aviva a saudade.

 Servir a Pátria de bem pouco serve;
 O são talento se avalia em nada;
 Sirva d'exemplo o desditoso Amigo¹
60 Do grato Bezerra.

 Fogem, Filinto, as esperanças gratas,
 Enquanto apalpa, com as mãos tardias,
 Dos tristes Povos os Papéis chorosos,
 Fanática Gente.

¹ José Anastácio.

59. Amigo – De acordo com a nota do próprio poema, trata-se de José Anastácio da Cunha (1744-1787), insigne matemático que cultivou também a poesia. Depois da queda do Marquês de Pombal, foi perseguido pela Inquisição.

60. Bezerra – Provavelmente Manuel Gomes de Lima Bezerra (1727-1806), destacado médico e investigador.

A ode é constituída por quadras de versos brancos. Quanto à métrica, predomina o decassílabo, que alterna contudo com o pentassílabo, no quarto verso de cada estrofe.

B. EPITALÂMIOS

18. Epitalâmio *Tebeias Musas do partido Monte*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 40v-42r]

Epitalâmio

Tebeias Musas do partido Monte,
Da Lira me afinai as cordas d'ouro,
Enquanto corto, para ornar-me a frente,
Os sacros ramos de Apolíneo Louro;
5 Torne a ferir de novo o liso Plectro,
Canoros sons, ao som de brando Metro.

As nuvens macilentas das desgraças
Entranhe em si a Terra, abrindo o seio;
Desçam do Céu as carinhosas Graças,
10 Em tríplice correia e casto enleio;
Quebre a Foice, gemendo agrilhoado,
O velho executor do triste Fado.

Não para falso culto a voz levanto,
Do tebano Lico profano Rito;
15 De Valíntia e Diálio agora canto

14. Lico – Há várias personagens com este nome, sendo provável que o autor se pretenda referir a um tebano desterrado que, aproveitando a ausência de Hércules, voltou à sua pátria e matou o rei Creonte, apoderando-se assim do reino. Regressando, o herói castigá-lo-ia com a morte.

O sagrado Himeneu, no Céu prescrito,
Prisão que nos promete venturosa
Heróica Descendência Luminosa.

20 Emboque a Tuba a Fama erguendo o colo;
Com as asas o ar veloz retalhe;
Suba do mundo ao mais excelso Pólo
E com sonora voz risonha espalhe
Que Lísia adornem de festivo Louro,
Pois fez tornar Valíntia a Idade d'ouro.

25 Já vejo, nas Esferas luminosas,
Os Nomes dos consortes enlaçados
Tremular em Bandeiras majestosas,
Mostrando nos Emblemas delicados
De Minerva as Insígnias radiantes
30 E do Cidálio Amor Prisões amantes.

A Turba dos Prazeres adejando,
Com terno riso, com sussurro quedo,
Ao Leito conjugal se vai chegando
E com festivo enleio o fogo ledo
35 Deixa cair das néveas asas leves,
Com mil Desejos e suspiros breves.

Dos tristes Povos a cruel procela
Veloz se acaba, renascendo o gosto;
O forte escudo de Valíntia Bela

40 Impede da Desgraça o feio rosto;
 Em sua alma, a Virtude s'entrelaça
 E do sincero Amor as leis abraça.

 Mas que novo rumor diviso agora
 No campo undoso do cerúleo Tejo!
45 A chusma de Nereu encantadora,
 Sobre as vagas, em árdido Festejo!
 Enastrando as ondívagas Donzelas
 De rosado coral as Tranças belas!

 Que caso estranho! O Padre Venerando
50 Do braço larga a urna, o Rio enfreia,
 E na húmida cabeça gotejando,
 Espalha d'ouro fino a rica areia!
 Mas lá desprende as vozes peregrinas,
 Falando assim às Deusas Neptuninas:

55 «Do Deus das Estações fugiu alado
 Este Dia p'ra ser no Mundo eterno,
 Pois nos Altares d'Himeneu sagrado
 De Valíntia se tece o laço terno;
 O cândido Prazer os Deuses move,
60 Por alto empenho do supremo Jove.

 «Esqueça-se de Ulisses a memória;
 A Valíntia se dê o culto Augusto,
 Pois já no Templo da risonha Glória

Seu Nome se gravou em bronzeo Busto;
65 E o ditoso Himeneu felizes sortes
Nos mostra vindas dos fiéis consortes.»

Disse o Velho; depois, com pranto ameno,
Gotejou a comprida barba hirsuta;
E olhando para o Céu, com ar sereno,
70 Foi o sítio buscar da Verde Gruta
Aonde a Turba da Marina Veia
Formou contente plácida correia.

Mas tu, ó Musa, agora onde me elevas,
Que o lúcido clarão me tolhe a vista?
75 Fogem do Céu as taciturnas trevas
E em rica tela d'ouro e pedras mista,
Benéfica Deidade, Ente Divino,
Os segredos me mostra do Destino.

De Valíntia não marcam pressurosas
80 As Três Filhas da Noite a Teia dura;
Suas raras virtudes portentosas
Os Dias lhe eternizam com ventura;
Mas, ah!, que mais não pode um fraco Humano
Compreender do Destino o alto Arcano!

80. As Três Filhas da Noite – As Erinias, ou Fúrias: Alecto, Tisífone e Megera.

85 Com o santo Himeneu, as Musas vejo
Brincando com Fastões de soltas plumas;
Também em leve concha cruza o Tejo
A bela Deusa Filha das espumas.
Mas, ah!, que a destra mão já pára o Plectro,
90 Pois ressoa do Pindo o sacro Metro.

O poema é formado por sextilhas de versos decassilábicos, sendo o esquema rimático do tipo ABABCC.

C. CANTATAS

19. Cantata *Agora que os ventos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 42v-45r]

Cantata 1.^a

Agora que os ventos
Raivosos não soam
E os Zéfiros voam
Com terno prazer;
5 Sem ter mais demora,
Meu curvo saveiro
Daquele Loureiro
Vou já desprender.

O quieto mar agora não impede
10 A plácida carreira à curva Proa;
Os tortos Remos sem cansaço movo,
Sem medo corto as cristalinas águas,
Que raras vezes deixam de assustar
Aos velhos Pescadores desta costa.

15 Não deixa a mansa noite os horizontes
De medonho negrume carregados;
Vê-se agora no lume destas águas
Os pendentes cabeços dos outeiros
Que os reflexos da Lua vai formando.

20 Anarda Gentil,
 A noite medonha
 Se torna risonha,
 Na Terra e no Mar;
 Vem ver teu Janido,
25 Que ausente suspira,
 Que aflito respira,
 Andando a remar.

 Não sejas dura, Anarda, às minhas vozes;
 Atende um peito firme que te adora,
30 Que à pura escravidão entrega os pulsos,
 Onde prendem os laços que me urdiste;
 Sem ti, meu Bem, a noite e o dia grato
 É mais triste a meus olhos que os chuveiros
 Que o frio Inverno lança sobre a terra,
35 Com hórridos trovões acompanhado;
 Tu fazes a ventura de minha alma,
 Desta alma que os teus olhos cativaram,
 Somente com a graça com que os moves.

 Aqui desterrado,
40 Não tenho descanso;
 Com lágrimas canso
 O meu coração;
 Mas pode abrandar
 Teu rosto divino
45 Do triste Destino

A bárbara mão.

Qu'importa ver a noite clara e bela,
Ver em cardume os inocentes Peixes
Pulando sobre as águas deste pego,
50 Se os meus cansados olhos lagrimosos
O teu rosto não vêm, Gentil Anarda?
Por mais que aflito chame por teu Nome,
Só torna a meus ouvidos tristemente
O rouco som que formam vivos ecos
55 Da minha voz, que embaça nos Penhascos.

A noite a prazeres
Está convidando;
Os Peixes brincando
Nas águas estão;
60 Só minha tristeza
Não tem melhoria;
Em mim agonia
Só tem união.

Tão confuso me traz o meu cuidado
65 Que até m'esqueço às vezes, bela Anarda,
De varar com presteza o meu saveiro
Quando fica entre os outros encalhado;
Quantas vezes dos rústicos Barqueiros
Não escuto as palestras murmurantes
70 Dizendo que no Tejo nunca fora

Do perito Palermo companheiro?
Não é por não saber, tu bem o sabes,
Se outro algum do meu trato m'excedia;
Mas agora as tristezas não me deixam
75 Cuidar um só instante no que faço.

Intento de balde
A rede nodosa
Da praia arenosa
Ao Barco arrojár;
80 Mas vendo-me ausente
De teu belo rosto,
Aflito m'encosto
No Barco a chorar.

Quebram as penhas em poladas ondas,
85 As pardas nuvens que fomentam raios
À viração ligeira não resistem;
Só meu Fado ligeiro nunca deixa
De aumentar a meus dias mais tormentos.
Mas já que a sorte avessa não modera
90 Os ferinos revezes que me oprimem,
Não sejas tu, Anarda, ingrata e dura
A quem t'entrega a vida e rende o peito;
Escuta compassiva as ternas vozes
Dum triste coração que te idolatra.

95 Os rígidos ventos,

Soprando raivosos,
Arbustos anosos
Bem podem quebrar;
Mas este amor puro
100 Que firme te rendo,
O Fado tremendo
Não pode afroixar.

Em teus pulsos envolve aqueles laços
Que os teus ferinos olhos me lançaram;
105 Passa[r] assim não deixes mais o tempo,
Pois não se recupera em largos anos
O momento que a sorte nos of'rece
Para darmos à verde Mocidade
O sensível tributo que devemos.
110 Não torna a vir, Anarda, o dia d'hoje;
Aparece a meus olhos, pois desejo
Unir teu peito ao meu incendiado,
Antes que a fria Morte nos divida.

Anarda, não tornam
115 Os dias finados;
Não vêm sempre os Prados
A mesma estação.
Enquanto a idade

105. Suponho que se trata de uma gralha do original.

120 A amar não obriga,
 Anarda, me liga
 A minha paixão.

A cantata alterna duas quadras consecutivas com uma estrofe cuja extensão varia entre os 9 e os 12 versos. O redondilho menor é o metro usado nas quadras, que obedecem ao esquema rimático ABBC. As outras estrofes são constituídas por decassílabos brancos.

20. Cantata *Ateie de novo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 45v-49r]

Cantata 2.^a

Ateie de novo,
Na Lira cansada,
A destra pesada
Saudades fiéis;
5 Revolva a lembrança
Molestos pesares,
Adejem nos ares
Suspiros cruéis.

O triste peito desafogue um pouco
10 O peso enorme dos cansados males;
 Às duras penhas da molesta sorte
 Não forme só queixumes doloridos.
 Saiba Anarda também, a minha Anarda,
 Os tormentos cruéis que a dura ausência
15 Em torno me dispõe dos tristes olhos;
 Escute Anarda, ainda que distante,
 Os últimos acentos lutuosos
 Dos gemidos e queixas que aqui formo.
 Mas se o fio perder das minhas vozes,
20 Saiba só que por Ela aqui suspiro.

Anarda formosa,
Escuta rendida
A queixa sentida
Dum triste Pastor;
25 Aqui nestas brenhas,
Ausente vagando,
Eu vou suportando
Do Fado o rigor.

De monte em monte, lamentando aflito
30 Os azares cruéis da minha sorte,
Eu ando, bela Anarda, tristemente
Há dez completas já redondas Luas;
Sem ser possível, em tão longo espaço,
Banhar meus olhos de prazer risonho;
35 Sondando por efeito de tristeza
Somente os mudos sítios escabrosos
Em que a sua desgraça macilenta
Aos olhos mostra, de prazer vedados,
A lúgubre caverna em que reside.

40 Não podem os pulsos
Dos fracos Humanos
Os males tiranos
Da sorte evitar.
Quem nasce no Mundo
45 Como um desgraçado

Não pode do Fado
A ira abrandar.

Aqui as Estações se não conhecem
Pelos gratos produtos da Natura;
50 Pois que no quente V'ção ou frio Inverno,
As escalvadas terras pedregosas
Não se adornam de verdes sementeiras.
Daqui fogem os míseros Pastores,
Por não verem morrer à fome os Gados;
55 Infeliz de quem vive por degredo
Em tão agreste sítio que parece
Que algum fero vulcão, do fundo centro
Vomitando enxurradas de betume,
De todo defecou os sais da Terra.

60 A Hera no tronco
Aqui não s'enlaça;
Somente a desgraça
Se vê adejar;
Aqui só s'escuta,
65 Nas balsas soturnas,
Das Aves nocturnas
O rouco piar.

Os duros toques do maligno Fado
Não deixam de ferir-me cruelmente,
70 Levando mais e mais veloz o giro

Da roda que os azares solta e espalha.
Aqui passei, ó minha Anarda bela,
A calmosa estação do seco Estio;
Também cadentes dos Arbustos tristes
75 Vi as pálidas folhas balançando;
Depois com som horrendo e desabrido,
Chegar também eu vi do frio Inverno
O negro manto escurecendo os ares.

80 Das nuvens pesadas
Qu'os Astros cobriam,
Os raios desciam
Com rouco trovão;
O sangue no peito
Convulso esfriava;
85 O susto girava
No meu coração.

Os hórridos chuveiros espantosos,
Do sul engrossa a ríspida corrente;
Vêm-se os montes lançar cascatas d'água,
90 E nas margens que o Rio tem cobertas,
Boiarem soltas, em canhões d'espuma,
Grossas raízes, enlaçados troncos
D'altos Pinheiros e Carvalhos fortes.
Prostram por terra os furacões dos ventos
95 Das rotas choças os tecidos tectos;
Tremem os membros dos mortais robustos,

E os frios corpos dos caducos velhos,
Em torno da fogueira cintilante,
Crestando a ruga pele o dia inteiro,
100 Passam tristes, contando o duro estrago
Que o desabrido Inverno em todos causa.

Enquanto na lenha
A chama se ateia,
Eu junto na ideia
105 Lembranças fatais;
D'Anarda recordo
Os gostos passados
E os feros cuidados
N'ausência mortais.

110 Entregue inteiramente à dor extrema,
Sem temer do Inverno a mão ferina,
Subindo os Montes, com trabalho imenso,
Com os socos quebrando a presa neve
Que o trilho cobre da seguida estrada;
115 Giro, corro, pranteio, falo e grito,
Chamo por ti, até que a voz já rouca
A pronúncia me impede das palavras.
Mas nada disto serve a ser ditoso;
Porque depois, com livre desengano,
120 Vejo da minha ideia, alucinada,
A cegueira fatal com que queria,
Apesar da distância em que vivemos,

Ver de teus olhos as brilhantes luzes.

Qual triste cativo,
125 Em sonho enganoso,
Que julga gostoso
Quebrado o grilhão;
Mas tanto que acorda,
De novo estremece,
130 Porque lhe aparece
A antiga prisão.

Tudo se nos opõe aos nossos gostos!
A mão terrível, que ferina, injusta,
Trama nos nossos peitos duros lances,
135 Com silêncio fiel jamais declara
A causa por que em lúgubres Altares
Quer que vítimas tristes da desgraça
Sejamos, caro Bem, eternamente;
Sem que os males cruéis que nós sofremos
140 Com justo castigo sejam dados;
Pois tu és mais sincera, terna e meiga
Do que inda as meigas Rolas carinhosas,
Inda mais Inocente do que as Pombas
Ou os níveos cordeiros renascidos;
145 Nem eu jamais também manchei sinistro
O puro Altar dos nossos sacrifícios.

140. Este verso tem 9 sílabas.

Intactos são meus votos, que Amor terno
A gravar me ensinou nos lisos troncos
Que crescem com a graça dos teus olhos
150 No venturoso Prado aonde habitas.

Enquanto nas veias
O sangue girar,
Não s'há-de mudar
A minha paixão;
155 Dum peito abrasado
Em chamas ardentes,
As juras ferventes
Não têm mutação.

Enquanto a destra da tirana sorte
160 Vai meus dias nutrindo amargamente,
Eu te protesto, ó minha Anarda bela,
Apesar de que os meus cansados olhos
Não possam ver dos teus a viva graça,
Que serás de minha alma inseparável;
165 Contigo vagarei por estas penhas,
Descerei só contigo aos fundos vales,
Levando os voos da cansada ideia
Atrás dos vivos ecos que o teu Nome,
Seguindo a minha voz saudosa e triste,
170 Com ronco som, repetirão constantes.
Aqui banhado em lívida amargura,
Tendo por companhia as Feras brutas,

Residirei até àquele prazo,
Ou que perca de todo a humana vida,
175 Ou que livre do fero cativoiro,
Torne a pisar de novo o sítio ameno
Onde estava contigo em paz ditosa,
Gozando na Estação da Mocidade
Os gratos prémios do Vendado Nume.

180 Teus olhos gentis,
Teu belo semblante,
Minha alma incessante
Deseja avistar;
Mas inda primeiro,
185 Aqui nestes Prados,
Os cachos curvados
Se hão-de pintar.

A cantata alterna duas quadras consecutivas com uma estrofe cuja extensão varia entre os 11 e os 21 versos. O redondilho menor é o metro usado nas quadras, que obedecem ao esquema rimático ABBC. As outras estrofes são constituídas por decassílabos brancos.

21. Cantata *Os raios de Febo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 49v-51r]

Cantata 3.^a

A Tempestade

Os raios de Febo
As Nuvens tapavam;
Nas costas berravam
As fúrias do Mar;
5 Temendo a tormenta,
Os lesto Barqueiros
Os curvos saveiros
Se viam atar.

Distante da costa,
10 Ao longe se via,
Em dura agonia,
Alfeu velejar;
Debalde intentava,
Ao Mastro amarrado,
15 Co'o vento pesado,
A vela amainar.

No meio da lida,

Com túbido efeito,
Sentia no peito
20 O sangue esfriar;
Os ventos crescendo
O Mastro partiram
E as tábuas rugiram
Co'a força do ar.

25 Então enfiado,
Na Proa caiu
E a vela só viu
Nas ondas boiar.
Depois tristemente,
30 Nos Mares cavados,
Co'os remos pesados
Se pôs a remar.

A vaga teimosa
Na Proa batia
35 E a espuma se via
Nos ares voar;
Co'a força dos remos
Que n'água cravava,
Alfeu intentava
40 A Praia buscar.

O Mar empolado
Os remos sacode;

Aflito não pode
O Barco virar;
45 Então os seus olhos
Socorro pediam,
Mas todos temiam
As fúrias do Mar.

Seu fim lastimoso
50 Submisso lamenta,
Pois vê na tormenta
A morte chegar;
Com vozes partidas
D'interna agonia,
55 Confuso dizia,
Lutando co'o Mar:

«Apressa-te, Anarda,
Com passos ardentes,
Que as ondas ferventes
60 Me querem tragar;
Enquanto me restam
Instantes de vida,
Vem, Ninfa querida,
Alfeu confortar.

65 «Em paga do afecto
Que em mim sempre viste,
Consente que um triste

Te possa avistar;
Pertendo que vejas,
70 Já falta de alento,
O meu juramento
Ainda guardar.

«Não tardes, Anarda;
Ah! Chega, meu Bem,
75 Que a Parca também
Não pode tardar.
Co'os últimos ais
Da morte fatal,
Teu Nome, Leal,
80 Vem ver-me formar.

«Debalde pertende
Meu corpo cansado,
Do Barco arrombado
As águas vedar;
85 Os novos canhões
O lastro gretaram
E as tábuas ficaram
Boiando no Mar.

«Mas ah! Não, não chegues
90 À praia medonha,
Que a Parca tristonha
Já sinto pulsar;

O ferro curvado
Nos ares ergueu;
95 Não queiras d'Alfeu
O fim avistar;

«O roto Batel
Já vejo em pedaços;
Não podem meus braços
100 A vida salvar;
Debalde procuram
A luz os meus olhos;
Já esses escolhos
Não chego a avistar.»

105 Ainda três vezes,
Com voz rouca e tarda,
O Nome d'Anarda
Alfeu quis formar;
Depois perturbado
110 Os olhos cerrou
E a onda o levou
Ao fundo do Mar.

A cantata é constituída por quadras – agrupadas aos pares – de redondilha menor, com o esquema rimático ABBC.

22. Cantata *O Globo de Febo*

Testemunhos manuscritos: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 51v-53v] = *A* / BM, Flores do Parnaso, I, [f. 94v-97v] = *B*

Versão de *A*

Cantata 4.^a

O Globo de Febo
No mar se metia,
E ao longe se via
A Lua apontar;
5 Com brando sussurro,
A onda ociosa,
A praia arenosa
Vem meiga beijar.

Não se ouve na margem
10 Ao Tejo vizinha
A Ninfa marinha
Por Ácis chamar;

Leg. Piscatória *B*

12. Ácis – Pastor siciliano considerado filho do deus latino Fauno. Foi amado pela nereida Galateia e teve de sofrer os ciúmes do gigante Polifemo.

Também do Gigante
Que vive em Ciúme
15 Não soa o queixume
Que faz aterrar.

Os brandos Favónios
As ondas bafejam;
Amores adejam
20 No lume do Mar;
Risonhos pertendem,
Em turba enlaçada,
Na vaga enrolada
As asas molhar.

25 Divisam-se ao longe,
Em arcos vistosos,
Os Peixes lustrosos
Erguerem-se ao ar;
Também os mariscos,
30 Por este cabeça,
Se vêm co' o reflexo
Que forma o Luar.

Anarda, não tardes

20. No lume] Por cima *B*

13. Gigante – Polifemo.

Em vir para o Tejo,
35 Se nutres desejo
De ver-me pescar;
Enquanto não chegas,
Meu Bem, não sossego,
Nem posso no pego
40 As redes lançar.

Sem ti, jamais tenho
Feliz pescaria;
A grata alegria,
Ah!, vem espalhar;
45 Verás como as Trutas,
Co'a luz dos teus olhos,
Nos rotos escolhos
Se deixam pescar.

Ao lume das águas
50 Apenas chegares,
Verás a milhares
Os Peixes saltar;
Então para as redes
Que tenho dispostas,
55 As curvas Lagostas

44. Ah!, vem] Vem tu *B*

51. a milhares] par a pares *B*

Na versão B, está escrito na margem direita: – milhares

55. As curvas] Também as *B*

Veremos entrar;

Das conchas que arrojam

As ondas ferventes,

As mais transparentes

60 Eu fui apanhar;

Com elas pertendem

Meus finos disvelos

Teus louros cabelos

Com arte enfeitar.

65 Também de coral

Eu hoje colhi

Um ramo que vi

No fundo do Mar;

Por ser, minha Anarda,

70 Vistoso e perfeito,

Só para teu peito

O quis reservar.

Enquanto se eleva

A Lua partida,

75 Vem, Ninfa querida,

Alfeu alegrar;

Aqui nos meus braços,

64. Anarda, tocar. *B*

76. Alfeu] Jónio *B*

Meu Bem, se quiseres,
Da noite os prazeres
80 Podemos gozar.

Não temas te espertem
Dos presos sentidos
Os roucos bramidos
Das vagas do Mar;
85 Promete bonança
O Tejo calado,
E eu hei-de acordado
Contigo ficar.

Não temas o fluxo
90 Que faz o Ribeiro,
Pois já meu saveiro
Eu fui ancorar;
A corda que o prende
Imóvel o tem;
95 Agora, meu Bem,
Não queiras tardar.

80. Podemos] Tu podes *B*

89. Não] Nem *B*, fluxo] afluxo *B*

90. Que faz o] Do grato *B*

92. fui] vou *B*

93.-96. *B apresenta uma quadra diferente*: O ferro já fica/ Na praia cravado;/ Ah, vem, Bem amado,/ Aqui descansar.

- Verás como vão
Meus olhos saudosos
Os teus luminosos
100 Rendidos buscar;
Também ouvirás,
Com ais inocentes,
Meus beijos ardentes
A furto estalar.
- 105 A noite presente
Não torna passada;
Ah!, deixa a Manada
Na choça ficar;
Reparte comigo
110 As tuas finezas,
Que as chamas acesas
Não posso calmar.
- Não seja teu Génio
Ainda severo;
115 Um peito sincero
Te quero ofertar;
O trato suspende
Das meigas Pastoras;

103. Meus] Os *B*

114. Ainda] Comigo *B*

- As plácidas horas
120 Não deixes voar.
- Não queiras que Alfeu,
Em queixa saudosa,
A noite vistosa
Esteja a passar;
125 Teus olhos brilhantes
A minha agonia
Em grande alegria
Só podem mudar.
- As vivas saudades
130 Que n'alma s'imprimem,
Meus olhos exprimem
Com mudo chorar;
Mais fortes que as ondas

120. voar] passar *B*

121.-124. *Em B, esta quadra é substituída por três outras:* Entregue a cuidados,/ Por ti só me vejo,/ Andando no Tejo/ Confuso a remar;/ Na ideia reside/ Um tal labirinto/ Que às vezes não sinto/ O Barco encalhar.// Anarda, suaviza/ O pranto inundado/ Que o vivo cuidado/ Me faz rebentar;

125. brilhantes] somente *B*

127. grande] grata *B*

128. Só] Bem *B*

Post 128. *Em B, sequem-se duas novas quadras:* Não queiras que Jónio,/ Em queixa saudosa,/ A noite vistosa/ Esteja a passar;/ O longo tormento/ Que o meu peito guarda/ Tu podes, Anarda,/ Agora findar.

132. mudo] terno *B*

135 Que movem as penhas,
Assim as entranhas
Eu sinto pular.

140 Não fujas, ó Ninfa,
De meu terno rosto,
Qu' o triste desgosto
O fez descorar;
Repara que a Aurora
Já muito não tarda;
Não queiras, Anarda,
Meu gosto vedar.

A cantata é constituída por quadras – agrupadas aos pares – de redondilha menor, com o esquema rimático ABBC.

23. Cantata *Não sei, ó bela Márcia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 54r-55v]

Cantata 5.^a

Não sei, ó bela Márcia,
Como inda enfim respiro,
Aqui neste retiro,
Sem teu semblante ver;
5 Mil vezes o teu Nome
Exalo entre gemidos,
E torna a meus ouvidos
O eco a responder.

De ti, meu Bem, distante,
10 De nada faço gosto;
A mágoa de meu rosto
Não tem separação;
Eu vejo o Prado ameno,
A Fonte em que te via,
15 Mas não como algum dia
Sem ter perturbação.

Os longos dias passo
Mil lágrimas soltando,
Aos ares exalando

20 Suspiros sem ter fim;
 As mesmas brutas Feras
 Que giram pelos vales,
 D'ouvirem os meus males,
 Se escondem já de mim.

25 Se às vezes o teu Nome
 Diviso nalgum tronco,
 Eu fico mudo e bronco,
 Sem voz articular;
 Depois, em mim tornando,
30 Com rápido disvelo,
 De Márcia o Nome belo
 Amante o vou beijar.

 Não passa, minha Márcia,
 No dia um só momento
35 Que o fixo pensamento
 Em Ti não chegue a ter;
 Ainda mesmo em sonhos,
 Na veia tremulante,
 O teu gentil semblante
40 Saudoso chego a ver.

 Não julgues que a tristeza
 Que viva me consume

42. consume – Formas arcaicas deste tipo já não eram correntes no século XVIII. Neste caso, talvez a justificação se prenda com a rima.

É filha do ciúme
Que tu me possas dar;
45 Eu sei qual é tua alma,
Não digo por fineza;
Modelo de firmeza
O Céu te quis formar.

O laço que me prende
50 Eu beijo lagrimoso;
Mas nunca pesaroso
Nem dele tendo horror;
Feliz, feliz o dia
Em que fiquei sujeito,
55 Sentindo no meu peito
O dardo abrasador.

Oh, quantas vezes, Márcia,
Eu peço ao meu destino
Que o teu rosto divino
60 Meus olhos possam ver;
Ao justo Céu imploro,
Banhado em agonia,
Que ainda grato um dia
Me queira conceder.

65 De mim tu não duvides,
Pois guardo a fé sincera;
Oh, quem, Márcia, pudera

Mostrar-te o coração!
Verias, na minha alma,
70 Gravado o teu semblante,
Brilhando cintilante
No fogo da paixão.

Diverso agora vejo
No Monte o sol nascer
75 E os raios submeter
Depois no crespo Mar;
Mas como a dor é forte
Que o peito me devora,
Já nada pode agora
80 Meus males disfarçar.

Qual terna, amante Rola,
Não vendo o caro Esposo,
No bosque pavoroso
Intenta perecer;
85 Assim também, não vendo
O teu cândido rosto,
À força de desgosto
Me vejo enfim morrer;

Enquanto a vil desgraça
90 Me traz de ti distante,
Os votos de constante,
Meu Bem, hei-de seguir;

Ainda mesmo ao longe,
O som de meus gemidos,
95 Com ecos repetidos,
Nas grutas se há-de ouvir.

A cantata é constituída por quadras – agrupadas aos pares – de versos hexassilábicos, com o esquema rimático ABBC.

24. Cantata *Já piso as tristes Caldas*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 56r-57r]

Cantata 6.^a

Já piso as tristes Caldas,
Com passo tremulante;
Agora a seta avante
A sorte pode alçar;
5 Expressam as tristezas,
Qu' o rosto m' enche[m] d' água,
Os ais que em viva frágua
Confuso estou a dar;

Oh, quem pudera, Anarda,
10 Fazer-te uma pintura
Da túrbida amargura
Que sente o coração;
Mas como bem não posso
Pintar-te os meus tormentos,
15 Os ais que lanço aos ventos
Te façam narração.

Eu vejo a toda a Gente
Que neste sítio mora,
Alegre a toda a hora

20 Cantando com prazer;
Mas Eu, que n'alma trago
As setas que brandiste,
Não pode um Génio triste
Ausente espairecer.

25 Eu busco só os sítios
Aonde as feras pascem,
Aonde as Flores nascem
Sem mão d'Agricultor.
Então, por ti chamando,

30 Minha alma só escuta,
Nalguma baixa gruta,
Aflito o meu clamor.

Não como em leve sonho,
Eu vejo a dura frágua

35 Daquela viva mágoa
Que turba o coração;
Não sente o vil tormento
Que em mim se arreiga forte,
Da meiga feliz sorte

40 A fresca viração.

Já vivo tão confuso
Que o dia em noite feia,
Na minha triste ideia,
Se chega a figurar;

45 Ainda entrando em casa
 E vendo a Gente dela,
 Duvido se é aquela
 Aonde devo entrar.

 Indica em toda a parte

50 O meu sentido rosto
 As penas e o desgosto
 Que oculta o coração;
 Que importa que reprima
 Os ais afectuosos,

55 Se os olhos lagrimosos
 Expressam a paixão?

 Não sei, Anarda, como
 A sorte vil, proterva,
 A vida me conserva

60 Sem teu semblante ver;
 Quisesse o justo Céu
 Que atrás desta agonia
 Pudesse vir um dia
 Que fosse de prazer.

65 Enquanto a dura ausência
 Me não permite o gosto
 De ver teu lindo rosto
 Que o peito me roubou;
 Meu Bem, eu te protesto

70 Ileso o amor perfeito
Que o meu constante peito
Sincero te jurou.

A cantata é constituída por quadras – agrupadas aos pares – de versos hexassilábicos, com o esquema rimático ABBC.

25. Cantata *Graças ao Céu divino*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 57v-59r]

Cantata 7.^a

Graças ao Céu divino
Que a tórbida agonia,
Agora neste dia,
De todo se acabou;
5 Já não me abala o peito
Tormento doloroso,
E o pranto lacrimoso
Nos olhos se enxugou.

Eu vejo satisfeito
10 Dourar o sol o Monte
E n'alva grata Fonte,
Os raios retratar;
Em torno as aves giram
Das Flores delicadas,
15 E as rústicas Manadas
Começam a pular.

Não ergue o Mar irado
Ao Céu os montes d'água
Nem se ouve em dura frágua

20 As ondas sussurrar;
Agora com sossego,
Os plácidos Barqueiros,
Nos côncavos saveiros,
Afoitos vão pescar.

25 O curvo Barco empurra
O Zéfiro soprando,
Que alegre vai brincando
Na vela, com prazer;
Marília, desce à praia,

30 Aonde Amor te espera;
A cristalina esfera,
Meu Bem, daqui vem ver.

Não sejas mais Ingrata;
Aonde estás, aonde?

35 Marília, enfim responde
À voz do teu Pastor!
Não queiras que a tristeza
Em mim se vá nutrindo,
Que os ecos repetindo

40 Estejam meu clamor.

Bem sabes que os meus olhos
Com lágrimas não cansam;
Do Céu jamais alcançam
Meus males compaixão.

45 Só tu, Marília Bela,
 Podias, num momento,
 Calmar o meu tormento
 No triste coração.

 Mas que ventura vejo!

50 És tu, meu Bem, a Ninfa
 Que vens cortando a Linfa
 Do grato e meigo Mar?
 As ondas já t'esp'ravam,
 E o Dia pressagioso

55 O manto nevooso
 Chegou a desterrar.

 Não canses com a pressa
 Teu corpo delicado;
 Não fujo, Bem Amado,

60 Aqui deste lugar;
 Mas ah!, que foi engano
 Do pensamento meu;
 As Filhas de Nereu
 Quiseram-me escutar.

65 Por entre a branca espuma,
 As frentes levantaram
 E ali se demoraram
 Julgando Focas ser;
 Mas vendo, de meus olhos,

70 Cair o pranto em fio,
Ao baixo centro frio
Se foram esconder.

Não pode, ó Bela Ninfa,
Quem vive como eu vivo
75 Achar o Fado esquivo
Um dia a seu favor;
As Aras dos prazeres
Não sofrem sacrifícios
Dos que não vê propícios
80 O grato Deus d'Amor.

O tempo não se cansa
Em dar ao meu tormento,
Com golpe violento,
Maior consumição;
85 Que importa ver o dia
Alegre e majestoso,
Se o peito doloroso
Não tem consolação?

Embora, ó minha Amada,
90 Sem ti esteja perto,
Aqui neste deserto,
D'a vida enfim perder;
Que ainda além da morte,
Em paga d'afeição,

95 As cinzas te dirão
 Que firme soube ser.

A cantata é constituída por quadras – agrupadas aos pares – de versos hexassilábicos, com o esquema rimático ABBC.

26. Cantata *Chegou, ó Bela Márcia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 59v-61v]

Cantata 8.^a

Chegou, ó Bela Márcia,
O tempo duro e triste
Ao peito que feriste
Com plácido farpão;
5 Agora nestes vales
Aonde fui ditoso,
Meu peito doloroso
Não tem consolação.

Eu subo tristemente
10 O mal trilhado Monte
E aflito desço à Fonte,
Por ti sempre a chamar;
Mas vendo só os Matos
Que a seca Terra cria,
15 Em mísera agonia
Começo a suspirar.

Se acaso ainda, ao longe,
Diviso a tua casa,
Minha alma então se abrasa
20 Em fogo turbador;

Intento com disfarce
Dali mover os passos,
Pois soam logo os laços
Que urdiu o Deus d'Amor.

25 Meu peito não se farta
De se ir nutrindo em mágoa;
Meus ais em viva frágua
Ao ar subindo vão;
Repetem tristemente
30 Os Montes bipartidos
O som dos meus gemidos
Que solta o coração.

Não tem meu pensamento
No dia instante vago;
35 Comigo as penas trago
Que a ausência me causou;
A sorte não podia
Conter o seu efeito,
Por isso de teu peito
40 Assim me separou.

Agora, ó Bela Márcia,
Tristonho vejo o Monte
E a mesma grata Fonte
Sem graça murmurar;
45 Os plácidos prazeres
Fiéis te acompanharam;

Tristezas só ficaram
Aqui neste lugar.

Já busco desta Aldeia
50 Os sítios retirados
Aonde os meus cuidados
S'aumentam com fervor;
Aqui só me responde,
À minha voz saudosa,
55 Com mágoa dolorosa,
O eco turbador.

Se acaso, por descanso,
No leito me recosto,
O teu nevado rosto
60 Em sonhos chego a ver;
Mas quando enfim acordo,
Não vendo o teu semblante,
De vida um só instante
Então não julgo ter.

65 Ah! Crê, meu Bem, que a vida
Às vezes eu sustenho,
Por ver que já não tenho
Domínio algum em mim.
Tu só, tu és senhora
70 Desta alma e coração;
Só pode a tua mão
À vida pôr-me fim.

Ainda aqui conservo,
Nos meus pendentes braços,
75 Dos teus amantes laços
O lívido vergão;
Por mais que o tempo corra,
As nódoas não desgasta;
De mim jamais se afasta
80 O impulso da paixão.

Mas sei também, ó Márcia,
Que eu só, só não padeço,
Que o mesmo Fado avesso
T'inquieta o coração;
85 Por mim aos ares soltas
Os férvidos gemidos,
Que faz em teus sentidos
Cruel perturbação.

Mas crê que mais me custa
90 Saber dos teus tormentos
Que os males violentos
Que estou a suportar;
Quisesse o justo Céu
Que penas não sentisses
95 E que somente visses
As Graças revoar.

De minha mágoa a força

Meus olhos patenteiam;
Os Astros não refreiam
100 Da sorte a dura mão;
A barba minha hirsuta,
A face amarelenta,
A todos representa
Imagem de aflição.

105 Se acaso por destino
Os passos rejo à Fonte
E n'água ali defronte
Me chego então a ver;
Meu gesto desconheço
110 E creio que ninguém
Dos que meu rosto vêm
Me possam conhecer.

Oh, quantas, quantas vezes,
Em mágoas embebido,
115 Do Céu já tem caído
Da noite a negra mão;
Depois, em mim tornando,
Da estrada perco o rumo
E então com ais consumo
120 Da noite a duração.

Por toda a parte que ando,
De ti me estou lembrando,
Pois vão-me renovando

Os Troncos nosso amor.
125 As juras que entalhámos
O tempo não consome,
E o teu amante Nome
Ileso o guarda Amor.

Ah! fora o Céu injusto,
130 Se unisse os nossos peitos
Só para unir efeitos
De mágoa, pena e dor.
Jamais as Aras puras
Sinistros profanámos;
135 As Almas só ligámos
Por gosto, génio e amor.

Se à força dos tormentos
A vida não perder,
Em mim tu hás-de ver
140 Constante o coração;
Não pode mais meu peito
Em chamas atear-se
Nem mais abalizar-se
D'Amor uma paixão.

A cantata é constituída por quadras – agrupadas aos pares – de versos hexassilábicos, com o esquema rimático ABBC.

D. MODAS

27. Moda *Meninas erraram*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 63r-63v]

Moda

- Meninas erraram;
Reparem na clave
E tornem suave
A letra a cantar.
5 Fá, mi, principia
A Moda que encanta;
A voz na garganta
Não deixem ficar.
- Os nossos descuidos
10 Desculpe, Senhor,
Que a chama d'amor
Nos faz vacilar.
Quem sente no peito
Farpões de Cupido
15 Não pode sentido
Na solfa tomar.
- Mas para que trazem
Os peitos inquietos,
Se vêm os affectos
20 Desgostos causar?

Mas já, já conheço
Que os ternos Humanos
Não podem os danos
D'Amor evitar.

25 Amor brandamente,
Subtil, disfarçado,
Ao laço pesado
Nos vem sujeitar.
Depois de cativos,
30 Então conhecemos
Que já não podemos
Os ferros quebrar.

Mas livre que importa
Que viva o Pastor,
35 Se os gostos de Amor
Não vem a provar?
D'exemplo nos sirvam
As Feras, as Aves,
Que em chamas suaves
40 Se vêm abrasar.

Quem livre isenção
Por teima procura,
Só quer da Natura
As leis macular.
45 Felizes, ditosos,

D'Amor os feridos,
Que os Prémios subidos
Só hão-de gozar.

O poema é formado por quadras – agrupadas aos pares – de redondilha menor, sendo o esquema rimático do tipo ABBC.

28. Moda *O Véu da desgraça*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 64r-65r]

Moda

O Véu da desgraça
A sorte tirana,
Com mão inumana,
Me veio enredar.

5 Aqui, neste encerro,
Anarda não vejo,
Nem vejo do Tejo
As ondas pular.

Meus presos queixumes

10 Já solto nos prados,
Aonde os cuidados
Se vêm revoar.

15 Aqui, neste encerro,
Anarda não vejo,
Nem vejo do Tejo
As ondas pular.

Enlaçam os braços
Os males tiranos,
Só para meus danos

20 Astutos vibrar.
 Aqui, neste encerro,
 Anarda não vejo,
 Nem vejo do Tejo
 As ondas pular.

25 Intento de balde,
 Em ardida frágua,
 O peso da mágoa
 Em mim não mostrar.
 Aqui, neste encerro,
30 Anarda não vejo,
 Nem vejo do Tejo
 As ondas pular.

 Mas vendo da ausência
 As chamas acesas,
35 As lágrimas presas
 Começo a soltar.
 Aqui, neste encerro,
 Anarda não vejo,
 Nem vejo do Tejo
40 As ondas pular.

 Então enfiado,
 Meu pálido rosto,
 Sem voz, o desgosto
 Intenta mostrar.

45 Aqui, neste encerro,
 Anarda não vejo,
 Nem vejo do Tejo
 As ondas pular.

 Em êxtase triste,
50 D'ideias já bronco,
 Qual sólido tronco
 Eu chego a ficar.
 Aqui, neste encerro,
 Anarda não vejo,
55 Nem vejo do Tejo
 As ondas pular.

 Que importa que Febo
 Alegre a Campina,
 Se a ausência ferina
60 Me faz desmaiar?
 Aqui, neste encerro,
 Anarda não vejo,
 Nem vejo do Tejo
 As ondas pular.

65 Aqui só se escuta,
 Por estas Florestas
 D'imagens funestas
 O rouco ulular.
 Aqui, neste encerro,

70 Anarda não vejo,
Nem vejo do Tejo
As ondas pular.

O cândido gosto,
No Tejo passado,
75 Em pranto cansado
Chegou-se a mudar.
Aqui, neste encerro,
Anarda não vejo,
Nem vejo do Tejo
80 As ondas pular.

Nas ondas do Vouga
Misturo cadente
A viva corrente
Que desce a saltar.
85 Aqui, neste encerro,
Anarda não vejo,
Nem vejo do Tejo
As ondas pular.

D'Anarda me priva
90 A ausência cruel,
Mas hei-de fiel
Por Ela bradar.
Aqui, neste encerro,
Anarda não vejo,

95 Nem vejo do Tejo
 As ondas pular.

O poema é formado por conjuntos estróficos resultantes do agrupamento de duas quadras de redondilha menor, sendo que uma delas funciona como refrão. O esquema rimático é sempre do tipo ABBC.

E. EPÍSTOLAS

29. Epístola *A lenta melancolia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 65v-67r]

Epístola

A lenta melancolia
Que estragar as vidas pode
Com sinistra mão impia,
Em mim as asas sacode,
5 Roubando minha alegria.

Por mais que intente a empresa
De ocultar o mal que sinto,
Os meus olhos com presteza,
Soltando pranto infinito,
10 Publicam minha tristeza.

Procuro o divertimento
Como remédio enganoso,
Mas voando o pensamento
Em torno do mal penoso,
15 Multiplica o meu tormento.

Com oculta voz então
D'injustos acuso os Céus,
E parando a reflexão,
Fito os tristes olhos meus

20 Contra o duro seco chão.

 Mas no meio desta cena,
 Que d'horrores se não farta,
 Essa mão que me condena
 Suspendeu, co'a tua carta,

25 A minha sensível pena.

 Gratos efeitos de gosto
 Velozmente se espalharam
 Pelo meu tristonho rosto
 E as duras mágoas sustaram,

30 Os lances do meu desgosto.

 Bem como risonho dia
 Seguido a voraz tormenta,
 Assim cruel agonia,
 Que acabar-me a vida intenta,

35 Se trocou em alegria.

 A ti, meu caro Felinto,
 Eu rendo as devidas graças,
 Pois puseste quasi extinto
 O duro véu das desgraças,

40 Que m'enreda, em labirinto.

36. Felinto – Conforme já disse, em nota à peça 17 (a ode *Quando, Felinto, desandar veremos*), trata-se provavelmente de Filinto Elísio, pseudónimo de Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819).

Oh, quanto feliz não fora
Se neste mesmo lugar
Da minha prisão traidora
Pudesse um Dia falar
45 Contigo, sequer uma hora!

Mas já que a sorte o recreio
Das tuas vozes m'empede,
Não se ponha ao gosto freio,
Pois podes calmar-me a sede
50 Com cartas pelo correio.

Acredita, na verdade,
Minha sincera expressão,
Pois com férvida vontade
T'entreguei meu coração,
55 Sobre as Aras da Amizade.

Mas pondo agora de parte
A minha paixão e fé,
Somente quero falar-te
No teu estro, em que se vê
60 Brilhar a Natura e arte.

Tu possúis do Deus Louro
A Grinalda, desde o berço;
Podia-se em Quadro d'ouro

61. A diérese é imposta pela métrica.

65 Esculpir teu digno verso,
 Para pasmo do vindouro.

 Não encontro que não veja
 Viva imagem do que pintas;
 A tua destra maneja
 De tal sorte as belas tintas
70 Que mais ver se não deseja.

 De Voltaire e de Garção
 Moves destro a mesma pena;
 Mas a tua sábia mão
 Faz mostrar ao Mundo a cena
75 Da mais sublime invenção.

 Tu revoas junto ao cume
 Da Montanha bipartida,
 Ateando o Santo Lume
 Na clara Tocha luzida
80 Que ministra o Délio Nume.

 Teu Estro recreador
 Não percisa estranha lima;
 Nem pode um rude cantor,
 Por mais que as vozes exprima,
85 Formar-te digno louvor.

 Com prudente reflexão,
 Quanto m' excedes conheço;
 E por esta só razão

Essa cantata te ofereço
90 Que urdiu a minha paixão.

Desejo que o teu bom gosto
Marque os erros que tiver,
Pois quem luta em vil desgosto
Não pode os defeitos ver,
95 Pela mágoa em que está posto.

Não me negues, meu Felinto,
De teu Estro as Obras raras,
Pois são estas, não te minto,
Somente as delícias claras
100 Que o prazer me dão que sinto.

Também o Canto d'amar
Quando puderes m'envia,
Para poder rechaçar
A cruel melancolia,
105 Nas Aras de triste azar.

Da minha fiel vontade
Serve-te sem ter reserva,
Pois com santa lealdade
A minha alma te conserva
110 Eterna, pura Amizade.

A epístola é formada por quintilhas, sendo os versos de redondilha maior. O esquema rimático é do tipo ABABA.

30. Epístola *Ilustre Pinto, companheiro Amigo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 67v-69v]

Epístola

Ilustre Pinto, companheiro Amigo
Das Apolíneas noites de Odiveias:
Se a lúgubre tristeza que envelhece
A premente Estação da minha idade
5 Não lançasse cruel no meu espírito
Do hipocôndrio humor o véu sombrio,
Há muito, caro Amigo, que verias
As ternas expressões que me intimasse
A amizade fiel que te consagro.
10 Mas ainda que o triste pensamento
Vibra teimoso desmedidos toques
Nas gotejantes brechas, que inda o tempo
Não pode calejar de todo as chagas;
Hoje largando o véu de azares tristes,
15 Vou alegre buscar notícias tuas,
Dar-te as minhas também e conversarmos,
Pois quem não vê, há perto d'oitto meses,
O semblante dos cândidos prazeres,
É justo que suavize d'algum modo
20 A interna mágoa dos penosos males,

Já que o mudo silêncio m'acompanha
Neste duro sertão em que me vejo,
Cercado de costumes e de Povos
Semelhantes àqueles que encontrara
25 O afouto sulcador do Oriente
Nas Costa Malabar e Cafraria.
Ah, meu Querido Amigo, não pensava
Que depois de deixar os Pátrios lares
Não visse da Europa as várias Cortes,
30 Para a minh'alma encher de novas luzes;
Meus ânsios e desejos eram próprios
Para a viva lição que o mundo of'rece.
Mas a sorte cortou minha vontade,
Degradando-me para onde se percisa
35 Ter cabeça de Burro e pés de Gato;
Pois basta neste sítio entristecido
Demorar-se qualquer momentos breves
Para sentir opaco o entendimento.
A Santa Estupidez co'o Fanatismo
40 Aqui vivem em grata paz ditosa,
Sem que perturbem os loquazes mortos
O crasso humor que sonolento vive
Nas tristes almas dos Santões Fidalgos,
Senhores mais que os Reis esclarecidos;
45 Mas por desgraça de estocadas d'honra,
Os tristes Netos, em Burel safado,
Cobrem os membros, revolvendo Pleitos,
Tristes esperanças de alcançarem inda

Os antigos solares que possuem
50 Os Marqueses de Tal injustamente.
Terríveis horas de tristeza amarga
Aqui passando vou, neste degredo,
Sem ser possível escapar do trato
Destes brutos Bufões que m'atormentam.
55 As frias noites do pesado Inverno,
Em longa sala de despido ornato,
Parecendo Armazém de Pólv'ra e Bala,
Em torno dum fogão nos ajuntamos;
Aqui o mais perito na Arte Rega
60 Fala primeiro na letal Palestra;
Todos atentos, descaindo os queixos,
Ouvem submissos as divinas regras,
E transportado o Venerando Mestre,
Na própria cama de castão lavrado,
65 Mostra valente, endireitando o corpo,
Em torno do salão, em picaria,
Move as pernas, mostrando que não teme
Os curvos saltos do Ginete brabo.
Depois d'este falar imenso espaço,
70 Principia a mixer-se na cadeira
O maduro Sulão destes Países,
Que em tosca frase, salpicando a Gente
Com viscosos, nojentos perdigotos,

71. Sulão – O mesmo que sultão.

Repete algum Romance em castelhano,
75 Obra-prima do tempo dos Acrósticos.
Os mais, que estudam só alta ciência,
De sã /*P{e}rissologia/ esclarecida,
Olhando para o tecto aonde gemem,
Em pesados caixilhos carunchosos,
80 As armas dos Varões assinalados,
Sem Pater Noster contam as proezas
Que seus Avós fizeram em Ourique;
Aqui mostram dum talho mil cabeças
D'arrenegados Mouros decepadas,
85 Acolá a razão do parentesco
Que ainda têm, sem ser por Bastardia,
Com três fechadas c'roas da Europa.
Depois, com ar de riso e tom mofante,
Concluem o sarau dizendo todos
90 Que a Casa de Bragança nada vale.
Eis aqui, meu Amigo, o Panem nostrum
Que fixo não se altera em todo o Ano,
Sendo estes os teatros, as partidas
E os leves cotilhões que aqui se formam.
95 Das Ninfas falarei, que é o que resta:
Estas, sendo Gentis, não são ingratas
E sabem mais a prática de Gnido
Do que ainda a teórica rançosa,
Pois abraçam, por génio e por vontade,

77. A métrica impõe esta aférese.

100 As poderosas leis da Natureza.
Não têm milindres e agradecem tanto
Qualquer pequena oferta que lhes façam
Que são capazes, por frisada Poupa,
De fazer escritura voluntária
105 Que hão-de suavizar imensos anos
Do terno Amante os árdidos desejos.
Com estas vou gastando alguns momentos,
Quando o calor do petulante sangue,
Pedindo à Natureza justo alívio,
110 Engrossa a testa do vaivém brunido.
Como sei que entre as Filhas do Deus louro
Tens o mais alto assento no Parnaso,
Desejo que o bom gosto do teu Estro
Das obras que te invio emende os erros.
115 Tu bem sabes que a minha parca Musa
Apenas toca do partido Monte
Na doce falda, com pesados voos,
Pois certas Aves remontar não podem
Aonde vão altivolantes Águias.
120 Entanto, a dura sorte desabrida
Meus dias acabrunha neste encerro;
Com as tuas notícias desejadas,
Modera, Ilustre Pinto, por piedade,
A tristeza cruel que me flagela;
125 Conta-me de Lisboa as novidades,
Se as Madamas frequentam o Salitre
Ou se inda do ligeiro Benvenuto

A leve oitava, o rigodão batido,
Pode mais que os farpões do Deus travesso.

A epístola é formada por decassílabos brancos.

31. Epístola *Já que a dura distância me separa*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 76r-77v]

Epístola

Já que a dura distância me separa
Da tua companhia deleitosa,
Seja, caro Leitão, o refrigério
De meus teimosos males e saudades
5 Inviar-te deste meu cruel degredo
As minhas expressões enternecidas.
A sincera Amizade que nutrimos,
Sem as dolosas manhas da lisonja,
Eterna brilhará, em qualquer parte
10 Aonde nos puser a sorte vária.
Tu és inseparável de meu peito,
Deste peito fiel que te descobre
Os ternos sentimentos mais ocultos.
Mas, ah, meu caro Amigo, que tormento
15 Não é o ver-me ausente do teu trato!
Aqui entregue ao pensamento vago,
Entre ideias tristonhas flutuando,
Não posso sopitar a interna mágoa
Que em mim se aterra e dolorosa cresce,
20 Sem ser possível minorá-la ainda

Dos longos tempos a carreira alada.
Sinto os efeitos, ignorando as causas
Por que a Sorte cruel assim me fere;
Eu me vejo na flor da prima idade,
25 Coberto sempre de fatal tristeza,
Gemendo aferrolhado ao peso insano
Dos pesados desgostos que me oprimem,
Sem ser possível divisar num dia
Suspensa a roda da Fortuna vária,
30 Pois cega gira com veloz carreira,
De novo urdindo penetrantes mágoas,
As triste mágoas que ferozes lutam
Em torno de meu peito entristecido.
O perverso destino que me rege,
35 Com bárbaro preceito, irrevogável,
M'intima a duração do meu desterro;
Qual triste Ovídio no gelado Ponto,
Chorando a ausência dos fiéis Amigos,
Assim me vejo aqui, com pena e mágoa,
40 Ora vagando por incultas serras,
Calcando o frio gelo embastecido,
Ora tratando com grosseiras Gentes,
Que só diferem das brabias Feras
Em dar, com desarranjo, algumas vozes.
45 'té os usos daqui se não dif'rençam
Daqueles que encontrara o Invicto Gama
Na Costa Malabar e Cafraria.
Ao justo Céu não peço, Caro Amigo,

Injustas pertensões alucinado;
50 De Midas os tesouros não invejo
Nem jamais me recreia a fantasia
O triunfo da mísera vaidade.
Somente ao justo Céu suplico e rogo,
Ou que apresse a carreira dos meus dias,
55 Ou que em prémio dos males que padeço,
Me torne a conduzir à cara Pátria,
Aonde possa desfrutar contente,
Na grata companhia dos Amigos,
O cândido prazer que não possuo
60 Neste duro degredo em que me vejo,
Por força duma Estrela dura, impia,
Que não cessa cruel de flagelar-me,
Para qualquer lugar que me dirija.
Mas pondo já de parte o triste fio
65 Das minhas duras queixas doloridas,
Quero saber também da tua vida:
Como passas o dia e as longas noites;
Se inda meditas no ligeiro curso
Dos Corantes Planetas Luminosos;
70 Se inda calculas na porosa pedra
Dos largos campos as distâncias certas;
Ou se acaso, chorando a triste morte
Do Príncipe infeliz, do Grão Josino,
Ao som das vagas do cerúleo Tejo,
75 Vais saudoso formando canções tristes,
Ferindo as cordas da canora Lira.

Deste infeliz sucesso bem conheço
Qual fora tua dor, tua amargura;
Mas quem sustar não pode a mão do Fado
80 Nem indagar incógnitos segredos,
Deve rev'rente sujeitar os colos
Aos tremendos decretos do Destino.
As esp'ranças que ainda conservava
De em breve tempo ver a cara Pátria
85 Fizeram, meu Leitão, que retivesse
Uma Peça que fiz em elogio
Das gratas Núpcias do Ilustre Melo;
Mas já que a dilação do meu degredo
Me não faz ser o próprio mensageiro,
90 {A}inda que tarde, agora ta remeto,
A fim de lh'entregares sem demora,
Pedindo-lhe perdão da minha parte
Dos toscos versos, d'apoucada frase;
Mas quem voa somente a certa altura
95 Mais alto voaria se pudesse.
Aos Amigos que ainda se lembrarem
De meu Nome infeliz e de meu trato,
Com saüdades mil me recomenda;
Enquanto neste sítio me conserva
100 A minha dura sorte desabrida,

90. A métrica impõe esta aférese.

98. A diérese é determinada pela métrica.

FRANCISCO TOPA

Peço-te, caro Amigo, que alivies
As pesadas tristezas de meu peito
Com as tuas notícias desejadas.

A epístola é formada por decassílabos brancos.

32. Epístola *Sábio Leitão, Amável companheiro*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 78r-79v]

Epístola

Sábio Leitão, Amável companheiro
Dos ternos passatempos que algum dia,
Com mão sincera, a plácida ventura
A meu alegre peito ocasionava:
5 Aqui cheguei ao sítio desgraçado
Que o Destino cruel, com voz medonha,
Me ordena para encerro de meus dias.
Agora neste vale, que a Natura
Em torno o circulou de incultas penhas,
10 O vago pensamento, entristecido,
Com dura agitação os voos lança
Aos míseros desgostos que residem
No meu sensível peito acabrunhado.
O silêncio fiel que mudo gira
15 Por esta alcantilada penedia,
Ensopa a minha ideia na tristeza
E faz soltar dos meus ca[n]sados olhos
O terno coração desfeito em pranto.
Aqui vejo, no quadro que reside
20 Na minha alma tristonha debuxado,
Os lances dolorosos com que a sorte

Desde a primeva idade me maltrata.
Minha ideia se afixa neste ponto,
E seguindo os impulsos que a domina,
25 Contempla cega nos tristonhos males
Que em mim se reuniram por desgraça.
A sã filosofia não aparta
O triste pensamento revoltoso
Da lembrança cruel de meus tormentos.
30 Ao justo Céu, com lágrimas aflitas,
Maldigo a sem-razão com que me fere;
Pequeno desaforo de quem sente
Em funesto combate o triste peito.
Se ao menos, meu Leitão, aqui tivesse
35 A tua amena e grata companhia,
Quão ditoso seria nestas brenhas,
Aonde as minhas vozes se confundem
Com os gárrulos pios espantosos
Que atroz soltam agoureiras Aves.
40 As mágoas que borbulham no meu peito
A tua companhia deleitosa
Desfizera bem, como o solto Noto,
Numa densa manhã do triste Inverno,
Dissipa a neve que cerrada oprime
45 As verdes sementeiras renascentes.
Aqui, junto ao Dão, que gira quedo,
Lambendo as faldas destes altos montes,
Ao som da tua Avena sonora
Repetira mil versos inocentes

50 Que fossem gratos à risonha Ceres
 E ao Nume protector das tortas cepas.
 Aqui renovaríamos contentes
 Os santos usos da Primeva idade,
 Sem que a dura ambição sinistra entrasse
55 Nos puros sacrificios da Amizade.
 De través não verias nosso fumo
 Subir aos ares das vulcâneas Aras,
 E a Deusa encantadora acolheria
 Os nossos cultos com severo gosto.
60 Mas tu, fiel Leitão, meu bom Amigo,
 Não podes separar-te de Lisboa,
 Pelos doces afagos carinhosos
 Da tua Lília, que constante adoras;
 Nem eu, no triste encerro em que me vejo,
65 Posso mais suspender os soltos voos
 Com que o meu pensamento vai buscar-te,
 Dirigindo também o cego rumo
 Aonde a minha Anarda carinhosa
 Geme triste por mim a todo o instante.
70 Seu gesto enternecido de minha alma
 Não se aparta também um só momento,
 Co'os impulsos fiéis da viva chama
 Que em meu peito lançou rapidamente
 O voltejar dos seus formosos olhos.
75 Mas deste bem real, restante gosto
 Que tinha entre os tormentos que tu sabes
 E que terno estimava mais que tudo,

A sorte me privou enraivecida,
Querendo que em mim só se reunissem
80 As desgraças cruéis do Mundo inteiro.
Se eu fosse turbador da Humanidade,
Mandar não poderia o Céu injusto
Mais hórridos castigos a meus dias.
Mas quem se pode opor à mão da sorte,
85 Inda que injusta nos oprima e canse?
Basta já, meu Leitão, de queixas tristes,
Que servem d'enganoso desafogo;
Quando n'alma se arreiga a dor e mágoa,
Baldados são também os bons desejos,
90 Porque a Urna do Fado silenciosa
Em si a causa oculta por que oprime
A quem cumpre co'as leis da Natureza
E tem no coração morais virtudes.

A epístola é formada por decassílabos brancos.

F. ELEGIAS

33. Elegia *Não são os regozijos da Ventura*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 73r-75v]

Elegia

Não são os regozijos da Ventura
Nem do campo as delícias inocentes
Que junto a Dão {e}spalhava minha Musa;
A tristeza que n'alma me reside
5 Me faz soltar a voz entrecadente,
Ao som do lento Rio que murmura
Pelas faldas fragosas destes Montes.
Nem já a triste Avena enrouquecida
Pode soltar as vozes dos Prazeres
10 Que algum dia soavam junto ao Tejo;
De minha Anarda agora aqui lamento,
Com impulsos fiéis de mágoa e pena,
A triste soledade desta ausência.
Na Urna que o Destino a todos veda,
15 Fecharam-se os prazeres de meus dias,
Lançando-me a medonha desventura
Para este sítio agreste, aonde vejo
As míseras tristezas enlaçadas
Revoarem por cima destes montes,

3. A aférese é imposta pela métrica.

20 Que verde-negro mato só produzem,
Por entre as juntas das porosas pedras
Que parece que ao Céu estão vizinhas.
Infeliz situação em que me vejo,
Que não tem p'ra disfarce a minha pena
25 Os verdes pavilhões dos densos bosques,
Aonde, à fresca sombra reclinado,
Pudesse minorar o meu tormento,
Da Natureza as graças contemplando.
Aqui tudo redobra minhas mágoas,
30 Para ser esta ausência mais sensível;
Voando a triste ideia, a todo o instante,
Com dura agitação à minha Anarda,
Renovando as lembranças do passado
E os prazeres que o seu amante peito
35 Com fêrvida paixão me concedia.
As Aves que aqui voam não recreiam,
E o seu medonho, taciturno canto
Novas tristezas lança no meu peito,
Parecendo que os ecos agoureiros,
40 Pranteando comigo fielmente,
Vaticinam as largas desventuras
De meus futuros dias desgraçados.
Ah, minha Anarda bela, quem pudera,
Sobre as asas dos Zéfiros ligeiros,
45 Inviar-te estas minhas queixas tristes,
Que a mísera saudade dolorosa
Me faz sair do íntimo do peito,

Co{m} os míseros gemidos que retumbam
Pelas côncavas sombras deste serro,
50 Que até de dia impede ao sol os raios.
Quem ao menos pudera nestas brenhas,
Ainda que não visse o teu semblante,
Ouvir por um momento as tuas vozes,
Que em minha alma as mágoas cessariam;
55 Bem como o rijo Noto, que dissipa
As nuvens que nos ares se reúnem.
Estes montes, perdendo a sua asp'reza,
D'agradáveis produtos s'encheriam,
E caminhando após da voz severa,
60 Estas penhas subira sem canseira
Nem temera das serpes enroscadas
O sarrilhoso dente venenoso.
Mas quem no Mundo viu, em curta idade,
O semblante da mísera desgraça,
65 Em vão concebe n'alma inda desejos,
Porque a túrbida sorte não s'esquece
De prodigar os lances que perturbam
O sossego feliz dos tristes peitos.
Ausente de teus olhos, Bela Anarda,
70 Minha alma não respira senão mágoas,
Renovando, com voos apressados,
As sensíveis feridas que conserva
Um coração fiel estando ausente.

48. A métrica determina esta apócope.

Não sei por que destino a dura Estrela
75 Os meus dias perturba desde a infância,
Escondendo do gosto a nívea fronte,
E a meus cansados olhos, nunca enxutos,
Mostrando-me da sorte enraivecida
O medonho semblante, em ira aceso,
80 Sem que eu jamais manchasse as leis primevas
Que a próvida razão prescreve a todos;
Nem sobre as Santas Aras da Amizade
Espargisse das vítimas o sangue
Qu'implora ao justo Céu alta vingança.
85 Em te amar não ofendo a Natureza:
É esta a Lei geral, que obriga a tudo
Que teve neste mundo nascimento.
Eu sou também porção d'humana Gente;
O Céu me deu uma alma enternecida
90 E a ti encheu de Graças e Virtudes,
Que em meu peito lançaram gratas chamas;
A ti sacrifiquei a Liberdade,
Entregando-te uma alma indivisível,
Que o Céu me destinou para adorar-te.
95 Eu jamais profanei os firmes votos
Que à tua vista fiz, pedindo à Terra
Que ao centro me lançasse se algum dia
As juras iludisse que formava.
Os meus votos ainda estão intactos;
100 Nem os anos, por mais que alados corram,
Em minh'alma verão a feia mancha

De infringir, Bela Anarda, a fé jurada.
Mas nada disto impede à mão do Fado
Para turbar cruel meus tristes dias,
105 Lançando-me no mísero desterro,
Como se fosse réu d'atrozes culpas.
Aqui os meus cansados tristes olhos
Não cessam de regar os negros matos
Que espin[h]osos se criam entre Fetos
110 Nestes alcantilados brutos montes;
Aqui não tenho mais algum recreio
Do que soltar as minhas queixas tristes
A estes rotos penedos, que respondem
Com ecos mil à minha voz saudosa;
115 Sem receio também que humana Gente
Possa oculta escutar da minha mágoa
Os tristes ais que aos ares vão subindo.
Se ao menos, minha Anarda, já tivesse,
Neste sítio infeliz, notícias tuas,
120 Pode ser que os meus olhos mais constantes,
Vedando o triste pranto que desprendem,
Pudessem ver do dia a luz brilhante.
Mas já por duas vezes tenho visto,
Neste duro sertão inabitado,
125 Redonda inteiramente a Lua vaga,
Sem que o peso cruel que n'alma sinto
Pudesse suspender com terno gosto
Tuas gratas notícias desejadas.
Para Ovídio não foi mais triste e duro

- 130 O desterro fatal do frio Ponto
Como foi para mim o agreste sítio
Do seco São Gemil, aonde me vejo,
Em triste encerro, com brabias feras.
Aqui se escutarão, Gentil Anarda,
135 Minhas queixas fiéis, a todo o instante,
Co'os tristes ecos das nocturnas Aves;
E banhado em misérrima saudade,
Às Feras contarei e às duras Penhas
As ferinas tristezas que padece
140 Meu terno coração de ti ausente.

132. São Gemil (Sangemil) – Localidade da freguesia de Lardosa do Dão, conselho de Tondela, distrito de Viseu.

A elegia é formada por decassílabos brancos.

G. ENDECHAS

34. Endechas *Anarda, chegou*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 100r-101r]

Endechas

Anarda, chegou
´té onde podia
A triste agonia
Da minha paixão.

5 Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
Atende, que morro
Sem consolação.

Os duros revezes
10 Que os Fados fulminam,
Cruéis arruinam
O meu coração.
Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
15 Atende, que morro
Sem consolação.

De noite e de dia,
Nos montes partidos,

Meus ternos gemidos
20 Ouvindo-se estão.
Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
Atende, que morro
Sem consolação.

25 Nas margens do Tejo,
As lágrimas ternas
Profundas cavernas
Abrindo já vão.
Anarda, piedade;
30 Anarda, socorro;
Atende, que morro
Sem consolação.

Embebem as ondas,
Que os ares amansam,
35 O pranto que lançam
Meus olhos em vão.
Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
Atende, que morro
40 Sem consolação.

As Aves se espantam
De ouvir meus queixumes,
Que formam negrumes

- No meu coração.
45 Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
Atende, que morro
Sem consolação.
- Mil duros tormentos
50 Combatem meu peito,
Que deles efeito
As lágrimas são.
Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
55 Atende, que morro
Sem consolação.
- São muito maiores
[Que] os males eternos
Que lá nos Avernos
60 Infunde Platão.
Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
Atende, que morro
Sem consolação.
- 65 Profunda-me a brecha
Teu génio fatal;

58. Parece-me uma gralha do original.

Aumenta o meu mal
A tua isenção.
Anarda, piedade;
70 Anarda, socorro;
Atende, que morro
Sem consolação.

O sangue que solta
Meu peito ferido
75 Não é precedido
De novo farpão.
Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
Atende, que morro
80 Sem consolação.

Se quero queixar-me
Da sorte enraivada,
A voz congelada
Me tira a expressão.
85 Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
Atende, que morro
Sem consolação.

Do mal que padeço
90 Tu és causadora;
Meu Bem, tem agora

De mim compaixão.
Anarda, piedade;
Anarda, socorro;
95 Atende, que morro
Sem consolação.

A endecha é formada por conjuntos estróficos resultantes do agrupamento de duas quadras de redondilha menor, funcionando uma delas como refrão ao longo de todo o poema. O esquema rimático é sempre do tipo ABBC.

H. QUINTILHAS

35. Quintilhas *Agora que o sono brando*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 101v-103v]

Quintilhas

Agora que o sono brando
O denso véu levantou
E o meu corpo foi largando
A moleza, que ficou
5 Em torno de mim voando;

Anarda, sem mais demora,
Desta sorte a ti me chego,
A saber se tens melhora,
Pois não pode ter sossego
10 Um coração que te adora.

Como os dias tens passado,
Manda-me, Anarda, dizer;
Alivia o meu cuidado
E não queiras mais reter
15 Um desejo disvelado.

Tu bem sabes, minha vida,
Que a terna paixão d'amor

A minha alma traz rendida
E que o fogo abrasador
20 M'incendeia sem medida.

Depois que me retirei
De teu belo, gentil rosto,
Em minha alma não achei
Aquele prazer e gosto
25 Que contigo exp'rimentei.

Quem pudera a noite e o dia
Contigo sempre passar,
Pois os lances d'agonia
Não viriam mais turbar
30 Esta minha fantasia.

Da feliz Humana Gente
Não teria mais inveja;
Em teus braços felizmente
Zombara da vil peleja
35 Que me faz a sorte ingente.

Mas pondo de parte a pena
Que a meu terno coração
O triste Fado me ordena,
Vou contar-te uma função
40 Que era digna d'alta avena.

Logo que me retirei
De teu gesto encantador,
Eu, e mais Lacerda, entrei
Pela casa do Doutor,
45 Onde então um Baile achei.

A tal casa de Madamas
Achava-se singular:
Pareciam todas Amas,
E uma tal, de quem fui par,
50 Tinha as mãos cheias de escamas.

As cadeiras desta sala
Eram pés d'antigo leito;
Nenhum adorno lhe iguala;
Parecia no respeito
55 Armazém de Pólv'ra e Bala.

Metida num Lampião,
A luz já mortal se via,
Pois o fétido morrão
Com denso fumo impedia
60 A livre respiração.

Ao som de cruéis Bandurras,
As Ninfas se bamboleiam,
E saltando como Burras,
Largo espaço pinoteiam,

65 Dando aos seus parceiros surras.

Feita a mixórdia da Dança,
O pálido humor se alimpa;
«Isto muito tempo cansa»,
Diz uma, com voz de grimpa

70 E gesto de Sancho Pança.

No meio da tal função,
Abrasado em vivo fogo,
As palmas bate o Mourão,
E franzindo o rosto logo,

75 Repetiu uma canção.

«Brabo, brabo, que cantor!»,
Dizem-lhe as Primas amadas;
Criou com isto furor,
E pondo as faces inchadas,
80 Começa a falar d'amor.

Para mais cómodo o ouvir,
Olhando se pôs alerta,
Começou a repetir
E viu-se co'a boca aberta,
85 O Doutor sem se sentir.

Em aplauso do seu estro,
Duas Ninfas se ajuntaram;

Ambas tinham igual sestro
E nas vozes que soltaram
90 Pareciam ter sequestro.

Acabaram finalmente
A modinha ao som de palmas,
E o Gazeta de repente,
Com voz de pedir p'ras Almas,
95 As louva benevolente.

Franzindo de novo a testa,
Dá mil pulos sobre a barra,
De falar os beiços cresta;
Parecia um novo Esbarra
100 Que fazia ali a festa.

De Lacerda então diviso
No rosto alteração,
Mas antes que o nosso riso
Desmanchasse a tal função,
105 Retirar-nos foi preciso.

Eis aqui, Gentil Anarda,
Como a tal noite passei
Nesta Assembleia galharda;
Mas isto que te contei
110 No peito em silêncio guarda.

O mais fica para a vista,
Que será com brevidade;
Farei das Madamas lista,
Porque desta sociedade
115 Quero ser o coronista.

O poema é formado por quintilhas com versos de redondilha maior, tendo um esquema rimático do tipo ABABA.

36. Quintilhas *Apenas teu Nome ouvi*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 108v-110v]

Quintilhas

Apenas teu Nome ouvi,
Gentil Anarda formosa,
Pular o meu peito vi
E a chama d' Amor gostosa
5 Em minha alma pressenti;

Debalde, Anarda, queria
Esconder no coração
O fogo que em mim crescia
Quando a fiel narração
10 Da tua Beleza ouvia.

Minha ideia arrebatada
As néveas asas bateu;
O ar cruzou apressada
E nos campos de Viseu
15 Os voos parou cansada.

Por três vezes rodeou
O teu leito enternecido;

Mudos ais ali soltou
E cruzando o ar fendido,
20 Para o Tejo então voltou.

As mágoas que em mim cresciam
De não ver o teu semblante,
Os meus olhos descobriam,
Publicando a todo o instante
25 Os efeitos que sentiam.

O meu mal em crescimento
Descobria d' hora em hora;
Sopitava meu lamento
A chama devassadora
30 Que nutria o pensamento.

No Tejo, o coração meu
Já não tinha refrigério;
Só nos campos de Viseu
Poderia achar remédio
35 O saudoso Amante Alfeu.

Em ameno sono brando,
Eu já não me contentava
Com Teu gesto ir sonhando,

29. *A última palavra resulta de uma emenda, assinalada na margem direita. A forma original era conquistadora*

34. *No original, remédio está sublinhado.*

Porque apenas acordava,
40 As mágoas vinham chegando.

Numa tarde que gemendo
Estava, em silêncio triste,
Em um vale feio, horrendo,
A pena que em mim existe
45 Na lembrança revolvendo;

Por impulso arrebatado,
Protestei largar o Tejo
E buscar teu campo amado,
Aonde na ideia vejo
50 O prazer entrelaçado.

A um curvo lenho m'entrego,
Sem ter mais demora alguma;
E meus braços sem sossego
Cortaram a branca espuma,
55 'té que cheguei ao Mondego.

Meu corpo ali descansou;
Depois co'o remo servil,
De novo as águas cortou,
'té entrar em São Gemil,

59. São Gemil (Sangemil) – Localidade da freguesia de Lardosa do Dão, conselho de Tondela, distrito de Viseu.

60 Aonde, meu Bem, estou.

Agora por desafogo
Da minha terna paixão,
Te suplico, peço e rogo
Que atendas por compaixão
65 De minha alma o vivo fogo.

Pois já que deixei os Lares
Para ver teu rosto belo,
Acolhe nos teus Altares,
Com meiguice e com disvelo,
70 Meus afectos singulares.

Acredita o Vencimento
Que tu me fizeste só,
E deste golpe cruento,
Que aos penedos mete dó,
75 Tem, Anarda, sentimento.

A cena de mágoa e dor,
Anarda, faze mudar
Em prazer encantador,
Que jamais o posso achar
80 Sem te ver a meu favor.

Não seja esse génio teu
Insensível, duro, ingrato,

Com o triste Amante Alfeu;
Ah, faze que um dia grato
85 Veja d'Amor o trofeu.

Segue as leis da Natureza,
Pisa a vereda d'Amor,
E verás com ligeireza
Do peito do teu Pastor
90 Desterrar-se a vil tristeza.

A minha queixa mortal
Desculpa, Anarda, desculpa,
Pois busco remédio ao mal;
Nem o ter amor é culpa,
95 Mas efeito natural.

Enquanto, Anarda Gentil,
Não vejo o teu semblante
Nas Caldas de São Gemil,
Saudoso a todo o instante,
100 Soltarei suspiros mil.

Buscar-te-ei, meu Bem amado,
Tanto que se acabe Agosto;

98. De acordo com Manuel de Jesus Ferreira Morais (1990: 10), as Caldas de Sangemil são conhecidas desde o início do século XVIII. A primeira referência escrita data de 1726, sendo devida a Francisco Fonseca Henriques, médico de D. João V.

A meu peito incendiado
Darei o prazer e gosto
105 Por que tenho suspirado.

Mais não quero amargurar
O teu livre coração;
Queira Amor felicitar
Esta apertada prisão
110 Que em meus pulsos veio atar.

O poema é formado por quintilhas com versos de redondilha maior, tendo um esquema rimático do tipo ABABA.

I. CANTIGAS

37. Cantigas *Armânia, teus lindos olhos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 62r-62v]

Cantigas

Armânia, teus lindos olhos
Os meus olhos cativaram,
E sem armas ruidosas
A minha alma trespassaram.

5 Ai lé, Preceito,
 As chamas d'Amor
 Abraçam-me o peito.

Retinem já nos meus pulsos
Os Grilhões do Deus vendado;
10 Os meus olhos te descobrem
 Os sinais de namorado.

 Ai lé, Ternura,
 De ti me procede
 A minha ventura.

15 Acredita que os meus ais
 São nascidos da paixão,
 Que brilhante se arreigou
 No meu terno coração.

 Ai lé, Ardor,

20 Debalde se escondem
 Efeitos d'amor.

 Os teus olhos só dominam
 A minha alma enternecida;
 Para ti o Céu benigno
25 Me deu coração e vida.
 Ai lé, Crueldade,
 Amor me castigue
 S'Eu falto à verdade.

 Depende de teu querer
30 De meus dias a ventura,
 Pois serei feliz, ditoso,
 Se me olhares com ternura.
 Ai lé, Invejo,
 Não negues Armânia,
35 O Bem que desejo.

 Não faças, meu terno Amor,
 Baldados os meus gemidos;
 Alivia de minh'alma
 Os queixumes doloridos.
40 Ai lé, Veemência,
 Dos meus sentimentos
 Já tens exp'riência.

 Não queiras que o meu amor

Me conduza à campa triste;
45 A um coração atende
Aonde teu gosto existe.
Ai lé, Estremece,
Meu peito fiel
Teus prémios merece.

50 Enquanto a perversa morte
Os dias me não cortar,
Eu te juro, caro Bem,
Que te hei-de firme adorar.
Ai lé, Portento,
55 Eterno será
O meu juramento.

A cantiga é formada por conjuntos estróficos que resultam da junção de uma quadra e de um terceto. Os versos da quadra são de redondilha maior e o esquema rimático é do tipo ABCB. No terceto, o primeiro verso é tetrassílabo, ao passo que os dois restantes são de redondilha menor. O esquema rimático é ABA.

38. Cantigas *Os teus olhos, linda Anarda*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 104r-105r]

Cantigas

Os teus olhos, linda Anarda,
Têm em si um tal poder
Que irados causam temor
E meigos fazem render.

5 Ai lé, Ternura,
 Eu pus nos teus olhos
 A minha ventura.

Sem duras setas pungentes,
Teus olhos me cativaram;
10 Em meus pulsos venturosos
 As prisões d'Amor ficaram.

 Ai lé, Alegria,
 Eu beijo este laço
 De noite e de dia.

15 Eclipsam do sol os raios,
 Na terra dão alma às Flores;
 Geme rendida ao ciúme
 A mesma Mãe dos Amores.

20 Ai lé, condição,
 Teus olhos prenderam
 O meu coração.

 Com brando sussurro grato,
 Para verem os teus olhos,
 Pulam as vagas do Tejo,
25 Por entre os rotos escolhos.
 Ai lé, primores,
 Teus olhos mais podem
 Que o Deus dos Amores.

 Sobre as asas se suspendem
30 Os Zéfiros voltejantes,
 Quando avistam de teus olhos
 Os fulgores cintilantes.
 Ai lé, Poder,
 Sem armas o Mundo
35 Podiam vencer.

 Para rebeldes conquistas,
 Em teus olhos matadores
 Envenena o Deus travesso
 Os seus férreos Passadores.
40 Ai lé, resguarda,
 D'Amor ninguém fuja,

19. Este verso tem 5 sílabas.

Só tremam d'Anarda.

Enquanto teus olhos vir,
Eternos serão meus laços;
45 As prisões com que me prendes
Não quebram humanos braços.
Ai lé, não te minto:
Criaram raízes
As chamas que sinto.

50 Os teus olhos dão nova alma
À minha alma, quando os vê;
Quisera o Céu que esta ventura
A sorte sempre me dê.
Ai lé, forcejo,
55 Em mais não consiste
Meu cego desejo.

Os desejos de meu peito,
Sem duras setas a molhos,
Desafiam com ternura
60 O mover desses teus olhos.
Ai lé, poder,
Eu quero por gosto
Contigo morrer.

47. Este verso apresenta 5 sílabas.

52. O verso tem 8 sílabas.

Abençoe o Deus d' Amor
65 Aqueles ditosos Prados
 Em que vi a vez primeira
 Os teus olhos namorados.
 Ai lé, grata sorte,
 De Anarda serei
70 Até vir a Morte.

68. O verso apresenta 5 sílabas.

A cantiga é formada por conjuntos estróficos que resultam da junção de uma quadra e de um terceto. Os versos da quadra são de redondilha maior e o esquema rimático é do tipo ABCB. No terceto, o primeiro verso é tetrassílabo, ao passo que os dois restantes são de redondilha menor. O esquema rimático é ABA.

39. Cantigas *Tristes águas do Mondego*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 105v-106v]

Cantigas

Tristes águas do Mondego,
Apressai o curso manso,
Vinde ouvir a terna queixa
De um peito sem ter descanso.

5 Ai lé, Ausência,
 Ao Fado Travesso
 Não há resistência.

 Ressoem os meus queixumes
 Pelas grutas cavernosas;
10 O grato prazer se esconda
 Destas margens arenosas.
 Ai lé, Asp{e}reza,
 Os vales se cubram
 De mole tristeza.

15 Ausente da minha Anarda,
 Perco a vida a todo o instante;
 Não pode viver feliz

12. A síncope é imposta pela métrica.

Em ausência um peito Amante.
Ai lé, condição,
20 Saudades oprimem
O meu coração.

As lembranças deste bem
Enternecem minha ideia;
Agora com meus gemidos
25 Só meu peito se recreia.
Ai lé, soledade,
Que efeitos não causa
A triste saudade.

Não podem humanas forças
30 Minhas lágrimas vedar,
Pois o que no peito sinto
Meus olhos querem mostrar.
Ai lé, Ardor,
Debalde s'escondem
35 Impulsos d'Amor.

Já não podem estes campos
Disfarçar o meu tormento,
Pois vejo de dia em dia
O meu mal em crescimento.
40 Ai lé, Desgosto,

19. e 26. Estes versos têm 5 sílabas.

A mágoa incessante
Se vê no meu rosto.

A roda da Desventura
Contra mim constante gira;
45 A minha alma encarcerada
Entre penas só respira.

Ai lé, assim quis
O Fado travesso
Fazer-me infeliz.

50 Sobre mim sacode as asas
A Deusa da tirania;
O prazer alado voa,
Só vejo minha agonia.

Ai lé, Amargura,
55 A sorte não quer
Que eu tenha ventura.

O peito me vaticina,
Em cruel agitação,
Que a minha triste desgraça
60 Já não tem quietação.

Ai lé, Poder,
Anarda somente
Me pode valer.

Enquanto aqui me detém

65 A vil sorte enraivecida,
 Ouvireis, fiel Mondego,
 Minha queixa desabrida.
 Ai lé, Espanto,
 As ondas se turbam
70 Com este meu pranto.

 As campinas d'Alpiâtre
 Sobre as fugitivas águas,
 Enviai à minha Anarda
 De meu peito as tristes mágoas.
75 Ai lé, Desfalece,
 N' ausência tirana
 O amor se conhece...

75. Este verso tem 5 sílabas.

A cantiga é formada por conjuntos estróficos que resultam da junção de uma quadra e de um terceto. Os versos da quadra são de redondilha maior e o esquema rimático é do tipo ABCB. No terceto, o primeiro verso é tetrassílabo, ao passo que os dois restantes são de redondilha menor. O esquema rimático é ABA.

40. Cantigas *Os protestos que te fiz*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 107r-108r]

Cantigas

Os protestos que te fiz
Abraam em grato ardor;
Existem, Anarda bela,
No peito do Teu Pastor.

5 Ai lé, Portento,
 O Nume vigia
 O meu juramento.

Os lances de mágoa e dor
Que a sorte me quer traçar
10 Afligem minha alma só,
 Mas não pode a fé manchar.
 Ai lé, Preceito,
 D'amor as raízes
 Não solta meu peito.

15 Pode a sorte e a desventura
 Submeter-me à campa fria,

4. *Este verso resulta de uma emenda, assinalada na margem direita. A versão original era No Templo do Deus d'Amor.*

Mas não poderá calmar
O fogo que em mim se cria.
Ai lé, Trespassa,
20 O Amor dura sempre,
Mas não a Desgraça.

Que importa que veja o Mundo
Falsária Gente infiel,
Se também o Mundo vê
25 O meu coração fiel?
Ai lé, contemplo,
Dos ternos Pastores
Serei o exemplo.

Por amante impulso terno,
30 A minha alma tu roubaste;
Entreguei-te a própria vida,
Senhora de mim ficaste.
Ai lé, simpatia,
Se houvesse mil vidas,
35 A ti cederia.

Maldiga embora os Grilhões
Quem adora a Liberdade,
Que eu tenho por estes laços
A minha felicidade.

33. Este verso tem 5 sílabas.

40 Ai lé, cadeia,
 Co' o som destes ferros
 Minha alma recreia.

 Se não fora ver no peito
 O teu semblante gentil,
45 Há muito que estava morto
 No sítio de São Gemil.
 Ai lé, Impede,
 Vê quanta ventura
 De ti me procede.

50 Aqui nesta solidão,
 Tu, Anarda, me acompanhas,
 Pois a minha ideia voa
 Contigo por estas penhas.

 Ai lé, União,
55 De ti não se aparta
 O meu coração.

 Estas lágrimas que solto,

40. *A última palavra resulta de uma emenda, assinalada na margem direita. A forma original era Enelio*

42. *A palavra final resulta de uma correcção, colocada na margem direita. A primeira versão era recreio*

46. São Gemil (Sangemil) – Localidade da freguesia de Lardosa do Dão, conselho de Tondela, distrito de Viseu.

Com ligeira actividade,
São efeitos da ternura
60 Que produz uma saudade.
 Ai lé, Abrolhos,
 De pranto e de mágoa
 Se nutrem meus olhos.

Disfarçar não posso ausente
65 A pena que me consome,
 Pois basta para tristeza
 Nos ecos ouvir teu Nome.
 Ai lé, contino,
 Teu Nome saudoso
70 Aos Montes ensino.

Acredita, Bela Anarda,
Que apesar do meu tormento,
Tu és só em quem se nutre
O meu terno pensamento.
75 Ai lé, {a}inda ausente,
 Meus voos rodeiam
 Teu peito inocente.

75. A métrica impõe esta aférese.

A cantiga é formada por conjuntos estróficos que resultam da junção de uma quadra e de um terceto. Os versos da quadra são de redondilha maior e o esquema rimático é do tipo ABCB. No terceto, o primeiro verso é tetrassílabo, ao passo que os dois restantes são de redondilha menor. O esquema rimático é ABA.

41. Cantigas *Tristes ais, cruéis gemidos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 114r-114v]

Cantigas

Tristes ais, cruéis gemidos,
O meu peito está vertendo,
Pois à força de saudade,
Bela Anarda, vou morrendo.

5 Ai lé, Transporte,
 Meu peito já sente
 As ânsias da morte.

Sobre mim as mágoas vejo
As negras asas batendo;
10 Ninguém já me dá socorro,
Bela Anarda, vou morrendo.

 Ai lé, Soledade,
 A morte me causa
 A triste saudade.

15 Os meus olhos dolorosos
 As lágrimas vão correndo;
 O cansado sangue esfria,

12. Este verso tem 5 sílabas.

Bela Anarda, vou morrendo.
Ai lé, Arcanos,
20 A vida perdi
Na flor de meus anos.

Já vai meu semblante aflito
A vermelha cor perdendo;
As faces se me carcomem,
25 Bela Anarda, vou morrendo.
Ai lé, Agonia,
Horrores me cercam
De noite e de dia.

A cabeça, sem vigor,
30 Sobre o peito vai pendendo;
Os braços já não levanto,
Bela Anarda, vou morrendo.
Ai lé, Compaixão,
De mágoas falece
35 O meu coração.

Neste sítio, aonde fui,
'té agora, sempre gemendo,
Neste já, ao desamparo,
Bela Anarda, vou morrendo.
40 Ai lé, Quimeras,

33. Este verso apresenta 5 sílabas.

Meu corpo, sem campã,
Devorem as Feras.

A cantiga é formada por conjuntos estróficos que resultam da junção de uma quadra e de um terceto. Os versos da quadra são de redondilha maior e o esquema rimático é do tipo ABCB. Note-se que o último verso da quadra se mantém constante ao longo do poema. No terceto, o primeiro verso é tetrassílabo, ao passo que os dois restantes são de redondilha menor. O esquema rimático é ABA.

J. IDÍLIOS

42. Idílio *Havia já três anos que Janido*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 115r-116v]

Idílio

Havia já três anos que Janido
Tinha deixado os campos do Mondego,
Aonde a mão do Fado enraivecido
Lhe foi roubando o plácido sossego;
5 Para as margens do Tejo apetecido
Caminhava o Pastor, d'amores cego,
Mas tanto que avistou o Rio grato,
Do campo quis deixar o antigo trato.

Dum pequeno saveiro, que boiava
10 Sobre as ondas do Tejo buliçosas,
Que a proa por acaso s'emparava
Numas pedras que o tempo fez limosas;
Deste Barco Janido se apossava,
Com dous restos de redes mal nodosas,
15 Acostumando o corpo desta sorte
Ao trabalho do remo duro e forte.

Havia já completos quatro Meses
Que estava no exercício de Barqueiro,
Tirando as redes d'água as mais das vezes

20 Sem colher algum fruto lisonjeiro;
Da sorte experimentava iguais revezes
Como na vida em que era Pegureiro,
Porque ainda pescando pelas Grutas,
Em vão colhia as salpicadas Trutas.

25 Por mais que n'alta noite se cansasse,
Armando n'água o rústico Tresmalho;
Por mais que sobre o Barco vigiasse,
Acossado dos ventos e d'orvalho;
Por mais que a testa com suor regasse,
30 Varando a curva proa com trabalho;
Sempre via, no fim da sua lida,
Perdido o tempo e trabalhosa a vida.

Mas destes duros males dolorosos
Janido não se queixa, porque sente
35 Outros ainda mais calamitosos,
Que o peito lhe trespassam cruelmente;
Nos seus cansados olhos lagrimosos
A mágoa lhe reside eternamente,
Pois vê que sem 'sperança terna e grata
40 Segue o peito falsário duma Ingrata.

Em um dia que os ares pouco a pouco
De nuvens denegridas s'enlutavam
E nas Penhas o Mar bramia rouco,
Com as ondas qu'ali se desdobravam,

- 45 O terno Pescador, de mágoas louco,
Aflito com os ventos que sopravam,
Olhando para as margens arenosas,
Falava assim, com vozes dolorosas:
- «Já, ó Lília cruel, estás segura,
50 Vendo que a vida acabo nestas ondas;
Não me ouvirás chamar-te mais perjura
Nem quero que a estas vozes me respondas;
Findou-se neste dia a desventura;
Tu mais de meu semblante não t' escondas,
55 Porque a fúria do Mar encapelado
O fim me vai mostrando desgraçado.
- «Os braços com os remos já respondem;
Apenas entram inda as pontas n'água
Que a força destas ondas os sacodem,
60 Quebrando pela proa em viva frágua;
Os homens nesta cena não m'acodem,
Cercado estou enfim d'horror e mágoa,
Lutando com os Astros fulminantes,
Sem, ó Lília, te ver por uns instantes.
- 65 «A meus olhos te mostra, enquanto os ventos
Não submetem nas ondas meu saveiro;
Alegra meus tristonhos pensamentos,
Ao menos neste instante derradeiro;
Ratificar-te quero os juramentos

70 Que te fiz noutro tempo lisonjeiro;
A essa praia, meu Bem, à pressa corre;
A quem te rende a vida, enfim socorre.

«Bem sabes que por ti deixei os Lares
Aonde tive o triste nascimento;
75 Amor me quis guiar aos teus lugares,
Só para ter descanso o pensamento;
Bem vês que eu muito giro nestes mares,
Entregue ao meu constante rendimento,
Sofrendo, por estar na tua terra,
80 Da triste sorte a furibunda guerra.

«Em vão do meu saveiro animo a vela,
Porque o vento a levou, quebrando o Mastro;
Mas ainda nesta hórrida procela,
Os teus Grilhões, ó Lília, ainda arrasto;
85 Embora a minha iníqua e dura estrela
Do Barco me arrebatou o pobre Lastro,
Que ainda assim, lutando com a morte,
Por ti eu chamarei da mesma sorte.

«Por três vezes as ondas têm levado
90 Meu fendido Batel ao Céu iroso;
Outras tantas a quilha tem tocado
No escuro baixo centro pedregoso;
O Mar diviso dum e doutro lado,
Em altas serras d'água montuoso;

95 Em vão a linfa que entra lanço fora,
 Pois já por quatro rombos entra agora.

 «Mas ah! Não chegues, Lília, agora ao Tejo,
 Porque já sobre as ondas vou boiando;
 O mísero Batel também não vejo:
100 A pique o grosso Mar o foi levando.
 Com os braços, em vão, eu já forcejo;
 De meus olhos a luz me vai faltando.
 Ah! Foge desta cena enternecida,
 Sabe só que por ti perdi a vida.»

105 Entre o triste sussurro que fazia
 O Mar em altos Montes levantado
 E os hórridos trovões que desprendia
 O negrume que o Céu tinha forrado;
 Com sentidos acentos de agonia,
110 O triste Naufragante desgraçado
 Por três vezes se ouviu pedir ao Céu
 Que escondesse de Lília o corpo seu.

O idílio está composto em oitava-rima.

43. Idílio *A ruidora porta que refreia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 117r-119r]

Idílio 2

A ruidora porta que refreia
Na caverna de Eolo os rijos ventos,
De par em par agora se franqueia,
Pelas mãos dos três Velhos tremulentos;
5 O Euro suprimido não penteia
Dos troncos os cadentes ornamentos,
Arrancando as raízes mais anosas
As cerradas procelas pavorosas.

O Céu com pardo manto s'escurece,
10 Parecendo alta noite o mesmo dia;
O Mar com feros roncões s'enfurece,
Cavando a onda a rude penedia;
Com rápido fulgor à terra desce
De Jove fulminante a massa impia;
15 Gemem as pedras com o som horrendo
Que o Trovão nas cavernas vai fazendo.

Vê-se o Monte de gelo já coberto,
Abafando as lavouras lisonjeiras;
O Noto cresta o renascido Enxerto,

20 Que apontava risonho nas videiras;
De Manadas o campo está deserto,
Pelas grossas enchentes das Ribeiras,
Que as Pontes, com tremor, por terra prostra;
Tudo cruel desgraça aos olhos mostra.

25 Enquanto o fero tempo não deixava
Cuidar qualquer Pastor no seu amanho,
Janido nos seus lares procurava
O frio mitigar do Inverno estranho;
Co'as faces regeladas assoprava
30 O fogo que acendia um tosco lenho,
E ao som da chama ainda pouco forte,
Seus males lamentava desta sorte:

«Pesada condição do pobre estado
Que o destino me deu com face irosa,
35 Querendo que no Mundo desgraçado
Me fira a mão da sorte rigorosa;
Em turvo bando gira neste Prado
A lívida desgraça pavorosa;
As vozes do prazer daqui se arredam,
40 Mas dos peitos as mágoas não se vedam.

«Por três vezes neste Ano, com fadiga,
Lancei nos cultos campos a semente;
Outras tantas a chuva dura imiga
O Trigo m'afogou co'a viva enchente;

45 Agora que já via a verde espiga
A quarta vez nascida reluzente,
Grata esp'rança de meus teimosos males,
A cheia ma levou por esses vales.

«Em vão o duro campo, em vão retalho
50 E alargo as valas com disvelo imenso;
O corpo não retiro ao frio orvalho
Nem me assusta do sol o ardor intenso;
Do mais penoso e ríspido trabalho
O corpo fatigado não dispenso;
55 Mas que importa lançar-me o Ano inteiro,
Se prémio nunca tenho lisonjeiro?

«Sem vaidade, os que habitam na Ribeira
Não se igualam comigo na ciência,
Pois eu sei das Estrelas a carreira
60 E conheço dos signos a influência;
Os efeitos da Lua lisonjeira
Me ensinaram na minha adolescência;
Até posso contar por vários modos
Os Nomes, um por um, dos ventos todos.

65 «Mas que importa saber o próprio Astro
Em que se deve empar da cepa a vara,
Se do lagar não vejo o fundo lastro
No rico Outono as uvas que enxertara?
Se também no Estio não arrastro

70 Para o celeiro o Trigo da seara?
Por mais que entregue o corpo ao tempo vário,
Contra mim tudo vejo adversário.

«Fugiu do campo há muito aquela Idade
Que os Primeiros Mortais chamavam d'ouro;
75 As Terras, sem cruel penalidade,
Se viam produzir o Trigo louro;
Mas a sorte, com dura crueldade,
A paz roubou dos campos e o tesouro;
Teatros de miséria são agora,
80 Pois somente a desgraça neles mora.

«Se ao menos neste vale aonde vivo
Minha Anarda gentil também morasse,
Este mal que me cerca sensitivo
Com seus olhos talvez mo minorasse;
85 Embora meu teimoso Fado esquivo
Com tormentos cruéis me flagelasse,
Que a Bela Anarda com meiguice pura
Suspenderia a mão da desventura.

«Mas tu, meu Bem, resides noutra Prado
90 E as chuvas cobrem inda as altas Pontes;
Ninguém pode passar o Rio a nado,
Pelas águas que descem destes montes;
As nuvens de negrume recamado
Não se apartam dos curvos horizontes;

95 Fogem as esperanças de meu peito
E só vejo da mágoa o triste efeito.»

Os penosos soluços atalharam
O fio do queixume de Janido;
As lágrimas pendentes lhe ficaram
100 Pelo magoado rosto enternecido;
Os braços voluntários se cruzaram
Sobre o cansado peito emudecido,
Expressando o Pastor nesta figura,
Mais que as vozes, a sua desventura.

O idílio está composto em oitava-rima.

44. Idílio *Já os raios de Délio vão subindo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 119v-122v]

Idílio 3

Já os raios de Délio vão subindo
Por detrás deste monte pedregoso;
As nuvens que deixou o sol rosadas,
Com vistoso desmaio, em leves cintas,
5 A cor de branco gelo vão tomando.
A lua como é linda, quando nasce
Em uma clara noite que não tolda
Em pesado negrume os ares puros!
Parece que os Prazeres adejando
10 As brancas subtis asas, abre o trilho
Para as rodas mover do níveo carro
Que em torno deste Globo nunca pára.
Das mimosas Estrelas os fulgores
Os efluxos da Terra não eclipsam.
15 Agora claramente se descobrem
Do puro Céu as maravilhas raras,
Que os Homens desconhecem e não podem
Investigar a causa por que foram
Tão sublimes portentos fabricados.
20 A grata Natureza se está rindo
E em silêncio fiel atenta escuta

O som das mansas vagas cristalinas
Que o Tejo desenrola brandamente,
Lambendo pinguíçoso a ruiva Praia.
25 Os Zéfiros, nas tranças dos Arbustos,
Ao grato som das águas vagarosas,
Também se balanceiam sossegados,
Fazendo companhia às meigas Aves,
Que dormem juntas co'os implumes Filhos.
30 Somente da risonha Filomela
Se escuta o grato canto com que alegra
A cara Esposa, que fiel intenta,
Nas frescas balsas do viçoso prado,
Os ovos animar que produzira.
35 Tudo em silêncio está e nada estorva
O sereno da noite clara e bela;
Os ventos que açoitavam estas várzeas,
Com letal sono agora se prenderam;
Nem se escuta o rugido pavoroso
40 Nas Grutas {a} onde estão adormecidos.
Das Flores o fragor se vai sentindo
Com mais actividade do que ainda
Nas serenas montanhas em que passeio,
Por este ameno sítio borrifado
45 Do brando orvalho que nos manda Junho.
As lindas Trepadeiras, pouco a pouco,
Redobram as cerradas subtis folhas,
Que na cerúlea cor o Céu imitam.
Oh, venturosa Noite, quem pudera

50 Toda a vida gozar-te desta sorte!
Enquanto lutam nas ideias vagas
Que o sono gera dos Mortais insanos,
A sórdida ambição, o vil capricho
E os remorsos que têm do mal que fazem.

55 Quem pudera gozar-te em paz serena,
Co'a minha Lília bela, a vida inteira,
Sem mais outros cuidados do que aqueles
Que Amor espalha nos rendidos peitos!
Embora sinta a fúria desabrida

60 Da Granada voraz que aos ares leva
As vítimas que expõe o Rei avaro,
Julgando ser pequeno o Mundo inteiro
Para modificar a louca sede
Que não se apaga do faminto peito.

65 Mas eu, meu Bem, contigo me contento,
Pois gozo na candura de tua alma,
Com sossego feliz e deleitável,
Do Mundo inteiro o dilatado Império.
As Armas não sustentam ruidosas

70 O Régio trono aonde em paz descanso;
Das Vítimas o sangue não se escuta
Pedir ao justo Céu alta vingança;
Nem perturbam também os Nossos peitos

40. A aférese é imposta pela métrica.

43. Este verso tem 11 sílabas.

Os lúgubres gemidos penetrantes
75 Daquelas Infelizes que inda choram
O triste desamparo em que ficaram
Pelas mortes cruéis d'Esposo e Filhos.
Ah, minha Lília, o Céu me tire a vida
S'em minha alma se nutre algum desejo
80 Que s'oponha ao tranquilo sentimento
De tu seres somente o meu tesouro.
Em ti vejo as venturas e os prazeres,
Que alegres douram meus jucundos dias;
Em te formar, a Sábua Natureza
85 Mostrou o seu poder altipotente
E a mão versada pôs em ti a meta
Da mais rara e sublime formosura.
Eu nada mais desejo e nada quero
Senão ver-me em teus braços descansado,
90 E tenha quem quiser do Mundo as honras.
Ditoso foi o Dia em que nos vimos;
Entregámos a Amor as nossas almas,
As vontades unindo estreitamente
Com as firmes prisões que nos enlaçam.
95 Ah, minha Amada Lília, quantas vezes
Ao Céu me viste já render as graças,
Com sincera expressão d'amor nascida,
Por gozar o teu peito, que parece
Que a Natureza o tinha destinado
100 Para ligar-se ao meu, que só possui.
Ah, minha Amada Lília, quantas vezes

Ausente de teus olhos, destes vales
Nos lisos Troncos das copadas Faias,
Tenho gravado o teu amante Nome,
105 Que o tempo guarda ileso dos rigores
Das várias Estações que os troncos quebram.
O seco Estio à casca não enruga,
Parecendo que a linda Primavera
Não se afasta das Árvores risonhas
110 Onde teu Nome existe permanente.
Tu bem viste também, Amada Lília,
Como sem rega alguma foi crescendo
Aquele meu Pomar de Macieiras
Onde gravei em cada pé destinto:
115 «Venere o Tempo as renascentes pontas,
Que todas são a Lília consagradas».
Em breve espaço os Troncos engrossaram
E nas pontas dos ramos encurvados,
As redondas Maçãs, que a cor imitam
120 Das tuas rubras faces majestosas,
Entre as folhas se viam balançando
Co'os brandos Euros, que sopravam meigos.
Um lustro pareciam ter de idade,
Quando apenas contavam mal três Meses,
125 Que na própria Estação as fui plantando,
Sem que o gelo crestasse os tenros gomos
Nem a pedra manchasse a lisa casca
Do Fruto renascido dentre as Flores.
Bem haja, ó Lília, sempre o teu afecto,

130 Pois sou com ele ainda mais ditoso
Do que aqueles Mortais que em férreas burras
Contam largos Tesouros encerrados.
Mas tu agora, ó Lília, estás dormindo,
Cansada do trabalho que tiveste
135 Em procurar os dous cordeiros brancos
Que esta tarde fugiram da Manada,
Enquanto à sombra do copado Freixo
Estávamos então entrelaçados,
Do nosso amor gozando os ternos frutos,
140 Ao grato som das Aves que cantavam
Naquele baixo arbusto, cujas ramas
Fielmente retrata as puras águas
Do nosso Tejo quando corre manso.
A tua fantasia, que jaz presa,
145 Talvez com grato sonho apetecido,
Não quero, minha Lília, despertar-ta.
Enquanto assim descansas, eu resguardo
O teu casal de algum sanguíneo Lobo,
O sereno gozando ao mesmo tempo
150 Desta Noite risonha, clara e bela,
Que nunca mais brilhante e deleitável
Meus olhos {a}inda viram neste Prado.
Ah, dorme, ó Lília, dorme, que inda agora
O Galo falador a vez segunda
155 A rija voz levanta poderosa.

152. A métrica impõe esta aférese.

Da Lua os vivos raios {a}inda brilham
E as nítidas Estrelas cintilantes
Não afroixam os lúcidos fulgores;
Descansa, minha Lília, que eu não durmo
160 Enquanto não raiar da Estrela d'Alva
O luzente clarão com que anuncia
A chegada feliz da bela Aurora,
Que terna espalha, nas pendentes folhas,
O brando orvalho, que sereno e puro,
165 De novas forças, contra o sol ardente,
As gratas Flores deixa revestidas.
Descansa, minha Lília, que eu não durmo,
E sentado na margem deste Rio,
Daqui mesmo vigio a tua casa.

156. A aférese é determinada pela métrica.

O idílio é formado por decassílabos brancos.

45. Idílio *Salve, ameno Vergel, aonde habita*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 123r-126v]

Idílio 4.º

Damintas e Licore

Damintas

Salve, ameno Vergel, aonde habita
Sempre a cândida paz, tranquila e pura!
Os ditosos Pastores que em ti moram
Nunca viram seus dias maltratados
5 Pela mão da Discórdia turbadora,
Que tanto a minha Aldeia contamina.
Parece que os produtos deste campo
Por alma destra são abençoados;
Ainda no Inverno desabrido
10 Aqui se vêm os vales matizados
Co'as lindas Flores do sereno Maio;
As espelhadas Faias não desprendem,
Na cadente Estação, as Folhas vanas,
Parecendo que a fresca Primavera
15 Arreigou neste Prado o Verde Manto.
Aqui não marcha hirsuta, brava Fera

O Rebanho, que pasce a branda relva
Pelas floridas balsas, sem vigia.
Venturosos lugares, onde giram,
20 Em livre Bando, os Cândidos Prazeres;
Ditoso Prado, aonde teve o berço
A minha formosíssima Licore,
Honra desta campina e das Pastoras.
Mas lá vejo cortar daquele Arbusto
25 As curvadas vergontas florescidas.
Que será isto? Mas, se não m'engano,
Pelo traje Licore me parece!
O que virá fazer tão cedo à selva?...
Mas ela já me viu e os lindos olhos
30 Dirige para mim, com livres passos.

Licore

Ah, meu caro Damintas! Quanto estimo
Ter-te agora encontrado neste sítio!
Mas tu deixas tão cedo a tua Aldeia?

Damintas

Não é, Licore, não, em mim estranho
35 Vir tão cedo buscar a tua selva,
Aonde a Paz reside e tu habitas.
Todos os dias vejo o sol dourado
Raia primeiro neste bosque ameno
Do que nos tristes campos onde a sorte
40 A lânguida morada me destina.

Aqui venho saudar, Licore bela,
Aquele grato sítio venturoso
Aonde pela sesta nos falámos.
Mas dize-me, Licore, que motivo
45 Te fez largar tão cedo a tua Aldeia,
Pois encontrar-te aqui eu não esp'rava?

Licore

Deste louro mortal, que há pouco viste
Cuidadosa cortar daquele Arbusto,
Formar pertendo para as Nossas frentes
50 Duas festivas lúcidas Grinaldas.
É hoje o grato Dia venturoso
Em que todas as Ninfas desta selva,
Sobre as Aras do Nume semicapro
Renovam ternas os votivos cultos.
55 Também quero que ao Templo me acompanhes,
Neste Dia a prazeres destinado;
E para que, sem custo, me destingas
Da vaga multidão das outras Ninfas,
A tua c'roa igual à minha faço
60 E aqui mesmo ao teu lado principio.
Senta-te, meu Damintas, e entretanto
Toca na Lira as imortais Endechas
Que cantaste no Dia dos meus Anos;
Quero ver se me fica na memória
65 A sonora, engraçada toadilha.

Damintas

Sim, Licore, eu começo a grata letra
Que me fez vencedor do grande Elpino;
Que em sinal da vitória assinalada,
A frente me cingiu co'a tua c'roa.

70 Licore formosa,
 Meu peito fiel,
 Com fino pincel,
 Te vai retratar;
 Agora só peço
75 Aos ternos Amores
 As lúcidas cores
 Da Terra e do Mar.

 Teus louros cabelos
 Favónios ondeiam;
80 Ali se recreiam
 Com terno prazer;
 Os Génios travessos,
 Por eles pendentes,
 Os laços ardentes
85 Estão a tecer.

 A testa de neve
 Tem tal formosura
 Que a mesma Natura
 Melhor não formou;

90 Mais bela e gentil,
Em quadro subido,
Jamais com sentido
Apeles pintou.

Mas gela-se o peito
95 Teus olhos traçando,
E vai tremulando
Na mão o Pínel;
Oh, Deuses, socorro!
O peito palpita;
100 De novo se agita
A chama fiel.

Teus olhos gentis
O Sol escurecem;
Estrelas parecem
105 No vivo fulgor;
Sem Dardos, as brechas
Nos peitos avivam;
Só elas cativam
O túbido Amor.

110 Nas faces nevadas,
A sábia Natura
Risonha mistura
O rubro carmin;
Os brancos Junquinhos,

115 As pudicas Rosas,
 Não são mais vistosas
 Em culto Jardim.

 A boca divina
 Eu vou desenhar-te,
120 Mas temo que a Arte
 Lá possa chegar;
 Partidos Morangos,
 Aljofres luzentes,
 Teus Beiços e Dentes
125 Só podem formar.

 A voz que desprendes
 Os ventos refreia;
 Nenhuma d'Aldeia
 Te pode igualar.
130 Só para a ouvir,
 Levantam pasmadas
 As frentes molhadas
 As Ninfas no Mar.

 Vontades cativa,
135 As almas encanta,
 A bela Garganta
 Que o Céu te formou;
 Amor a defende,
 De setas coberto;

140 Meu peito liberto
 Dali cativou.

 Os lisos Botões,
 De Rosa orvalhados,
 Teus peitos nevados

145 Só pode imitar;
 Aqui os desejos,
 Com ais veementes,
 Em chamas ardentes
 Se vêm revoar.

150 Teus Braços na cor
 Excedem os gelos,
 Pois inda mais belos
 O Céu quis formar;
 Imitam Jasmins

155 As tuas mãos breves;
 Nem são Pincéis leves
 Que as podem traçar.

 As Artes não fazem
 Delgada a cintura;

160 A mesma Natura
 Assim a talhou.
 A vê-la Neptuno
 Das águas surdiu,
 Mas tanto que a viu

165 Suspenso ficou.

 O mais que eu não posso,
 Cupido, retrata,
 Pois já se arrebatava
 O meu coração;
170 No peito se ateia
 O fogo cruel;
 Não pode o Pincel
 Suster-se na mão.

 Chegai, ó Pastoras,
175 Do Monte escabroso
 Ao Prado pomposo
 A Amor ajudar;
 Trazei nos regaços
 As Flores mais puras,
180 Que eu vou firmes juras
 Nos Troncos gravar.

 Licore

 Oh, quanto me recreias com tal canto!
 Quem pudera retê-lo na memória;
 Torna, Damintas, torna a repeti-lo.

 Damintas

185 Tudo enfim te farei por te dar gosto.
 Mas repara que as tuas companheiras

Já para aqui se vêm aproximando.

Licore

De nada dava tino; adeus, Damintas,

No sacro Templo nos veremos logo.

O idílio é formado por decassílabos brancos. A parte correspondente às endechas apresenta-se em quadras – agrupadas aos pares – de redondilha menor, sendo o esquema rimático do tipo ABBC.

L. ÉGLOGAS

46. *Égloga Depois que o frio Inverno carrancudo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 127r-131r]

Égloga 1.^a

Ditirâmbica

Alfeu e Anfriso

Depois que o frio Inverno carrancudo
De branco gelo tem coberto os Prados
E os Troncos quebram, com o vento agudo,
Dos rígidos carvalhos levantados,
5 Nenhum Pastor se atreve a sair fora
Da rústica choupana aonde mora.

Um Dia, mais que os outros negro e frio,
Parecendo que os ares desfaziam
Em líquido cristal o firme seio
10 E os ventos os casais estremeciam,
Alfeu, de manso Gado Pegureiro,
Dizia para Anfriso companheiro:

Alfeu

Enquanto, caro Anfriso, a chuva triste

Alaga a nossa Aldeia cruelmente
15 E a lâ que nos envolve não resiste
Ao Noto que penetra subtilmente,
Acendamos o Lar e junto a ele
Demos cultos ao Filho de Semele.

Anfriso

Sim, companheiro Alfeu, é mais que justo
20 Um pouco disfarçarmos nossos males,
Já que o chuvoso Inverno feio, adusto,
Agora nos impede monte e vales;
Acende, caro Amigo, acende o fogo,
Que eu vou tirar da dorna o Vinho novo.

Alfeu

25 Traze por uma vez o jarro cheio;
Mas vê lá, não o entornes, tem cuidado,
Que eu firo o lume já e o fogo ateio
Nesta lenha que troixe do montado.
Já bebes! Não o deixes em vazio;
30 Não tardes, que não sinto as mãos com frio.

Anfriso

Oh, Divino Licor, a Baco aceito,
Tu só, mudar só podes d'improviso
Do mais enregelado, aflito peito,

18. Filho de Semele (Sémele) – Dioniso, ou Baco.

A pálida tristeza em brando riso;
35 Empina, Alfeu, o jarro deleitoso,
Onde o prazer reside venturoso.

Alfeu

Evoé! O calor me vai girando
Pelos frígidos membros regelados,
Vão-se as faces de novo incendiando
40 E os mortíferos beijos descorados;
Eis mais, em honra tua, bebo agora.
Ah, que somente o cheiro corrobora!

Anfriso

Desta vez, forte bote lhe pregaste!
Vou enchê-lo, já quasi vê-se o fundo;
45 Apenas só dous golos lhe deixaste.
Em teu louvor, ó Baco rubicundo,
Com altos vivas, este jarro empino.
Como pica o faceto humor divino!

Alfeu

O grato frenesi que n'alma gira
50 Já reprimir não posso, caro Amigo;
Tempera, Anfriso, a tua doce Lira,
Que os sacros versos cantarei contigo.
Agora venceria, com meu canto,
Ao Pastor que no Tejo causa espanto.

Anfriso

- 55 Embora se festeje na cidade
A Deusa bissemblante enganadora;
Que a Santa Paz, a Cândida Amizade,
Longe dos altos Tectos, longe mora.
Sem destes cotilhões alevantados,
60 Também nos aquecemos sossegados.

Alfeu

- Enquanto abala o vento sibilante
Das fracas portas os puídos eixos
E o rápido Ribeiro sussurrante
Arroja enfurecido brutos seixos,
65 Louvarei, junto à chama que cintila,
Do Prado a vida plácida e tranquila.

Anfriso

- Por três vezes no Tejo celebraram
Meu Nome, em altos vivas, os Pastores;
De Pâmpano frondoso me c'roaram,
70 Com terno riso, dous vindimadores;
Quando, formosa Nise, em verso brando,
Fui teu gentil semblante decantando.

Alfeu

{A}inda conservo a concha portentosa

73. A aférese é determinada pela métrica.

75 Que tem gravada a forma bela d'Io,
Errante pelos bosques pressurosa,
Que a Vinandro ganhei em desafio,
Quando, Márcia, louvei teus olhos belos,
Teus compridos e lúcidos cabelos.

Anfriso

80 Formosa Nise, se a gentil Aurora,
Numa clara manhã da Primavera,
Matiza os campos da brilhante Flora
E nas águas os raios reverbera,
{A}inda não é tão bela com brandura
Como de teu semblante a formosura.

Alfeu

85 As ruivas conchas da risonha Praia,
Que gotejam a linfa diamantina
Quando a onda loquaz voraz se espraia
Pela arenosa margem cristalina,
Não são, Márcia, a meus olhos tão vistosas
90 Como inda as tuas faces amorosas.

Anfriso

De Médicis a Deusa venerada

83. A métrica impõe esta aférese.

74. Io – Jovem de Argos, sacerdotisa de Hera Argiva e que Zeus amou.

Que foi da névea espuma produzida,
{A}inda que a seta vibre açacalada,
Em Tártaro veneno submergida,
95 Não fere tanto os peitos num instante
Como faz, minha Nise, o teu semblante.

Alfeu

As húmidas Deidades que o Mar sondam
Sobre equóreos Tritões acelerados,
Para côncavos hórridos se escondam,
100 Co'os míseros semblantes enfiados,
Enquanto dominar na ruiva areia
Márcia bela, que a todos senhoreia.

Anfriso

Minha formosa Nise, se tu vistes
Por ti soltar meus olhos terno pranto,
105 Dize-me só, cruel: por que resistes
À sensível paixão que pode tanto?
Atende um pouco o teu Pastor Anfriso,
Mostra-lhe um dia, ao menos, brando riso.

Alfeu

Se o teu Nome Tu vês frequentes vezes,
110 Bela Márcia, nos Troncos entalhado,

93. A aférese é imposta pela métrica.

Quando levas as tuas mansas Reses
A pastar nos contornos deste Prado,
Por que duvidas, Márcia, de meu peito,
Se te dou provas mil d'amor perfeito?

Anfriso

115 Nunca tanto a meus olhos agradara,
No brando Julho, o Zéfiro sereno
Ir imitando as ondas na seara,
Com sopro lisonjeiro, grato, ameno,
Como de Nise ver a linda frente,
120 Quando adormece junto à clara Fonte.

Alfeu

Ver no Tejo as brilhantes argentias,
Quando as ondas se elevam prateadas;
Ver as altas, musgosas penedias
Também na clara veia retratadas;
125 Não modifica tanto o meu tormento
Como inda estar com Márcia um só momento.

Anfriso

Com cem juntas lavar eu não desejo
As amenas campinas deleitosas
Que vai banhando o Pátrio manso Tejo,
130 Co[m] as festivas águas ruidosas;

130. A métrica torna esta emenda obrigatória.

Só quando rasga a Aurora o negro manto,
Desejo ouvir de Nise o doce canto.

Alfeu

Vindimar não invejo as roixas uvas
Que os férteis Montes d'Alto Douro cria;
135 Mas só no triste Inverno, enquanto as chuvas
As campinas alaga, eu só queria,
Ao som da minha Avena sonora,
Ver a Dança de Márcia portentosa.

O canto aqui findaram os Pastores,
140 Porque a noite se vinha aproximando;
Depois, enchendo os copos faladores,
Novos cultos a Baco foram dando;
Até que finalmente embriagados,
A Morfeu entregaram seus cuidados.

A égloga é formada por sextilhas de versos decassilábicos, sendo o esquema rimático do tipo ABABCC.

47. Égloga *Graças ao Céu, Cifrânio, que te vejo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 131v-135r]

Égloga 2.^a

Termindo e Cifrânio

Termindo

Graças ao Céu, Cifrânio, que te vejo
Outra vez nestes campos dilatados,
Aonde os verdes anos lisonjeiros
Passámos felizmente pastorando.

Cifrânio

- 5 Sim, Termindo Pastor, de novo agora
Venho habitar na plácida campina,
Que sempre me foi grata e deleitosa.
De todo abandonei do Vouga as margens,
Porque lá não se encontra a Paz ditosa
10 Que este Prado respira alegremente.
As Pastoras no trato são grosseiras,
As Tranças trazem sempre desgrenhadas,
E as Grinaldas que tecem para as frentes
São de compridos Juncos e Barbasco.
15 Qualquer das nossas Ninfas, a mais rude,
No canto vence a todas e no Baile;

Os Pastores também se não robustam
Com os Jogos da Luta e da Carreira;
Apenas mal entram na sanfona
20 Alguma cantilena, tão antiga
Que sempre, quando a ouvia, me lembravam
As cantigas do Nosso velho Cirto.

Termino

Não pensava que tanto afecto ainda
Te merecessem estes Nossos Campos.
25 Muitas vezes dizia, e com que mágoa!,
Quando ao Luar n'Aldeia se ajuntavam
Os ternos habitantes deste Prado,
Que mais a estes sítios não tornavas.
As Ninfas, lamentando a tua falta,
30 Invejavam a sorte das Pastoras
Que as Ribeiras do Vouga povoavam.
Quantas vezes a tua Márcia bela,
Ainda na distância mais amante,
Saudosa perguntava a toda a gente
35 Que notícias lhe davam de Cifrânio!

Cifrânio

Pois {a}inda se recorda do meu Nome,

36. A aférese é imposta pela métrica.

19. Este verso tem 9 sílabas.

Sentindo aquele mesmo antigo impulso?

Termindo

Deu sempre de constância provas certas.
Queres saber, Cifrânio, o que acontece,
40 Ainda um mês não há, na Nossa Aldeia?
O Filho de Fenício, conhecido
Pelos grandes Montados e Fazendas
Que tem em torno destes Nossos Campos,
Intentou para Esposa a linda Márcia,
45 Narrou-lhe seus afectos face a face;
Mas Ela forte lhe interrompe o fio
E os olhos abaixando, lhe responde:
Que mais lhe não falasse em tal matéria,
Pois sua alma a Cifrânio tem entregue,
50 Enquanto lhe durar a própria vida;
Depois, virando as costas, foi enchendo
De lágrimas fiéis o peito amante.
Pela constância Márcia se conhece,
Ainda além do Tejo dilatado.

Cifrânio

55 Ah, meu caro Termindo! Mais gostosa
Agora me foi esta novidade
Do que vencer no Vouga por dez vezes
O chefe dos Pastores do Mondego,
Sendo Juiz de todas as contendias
60 O famoso Discípulo de Albano,

Que em sinal da Vitória derradeira
Esta Concha me deu, de preço raro.
Aqui se vê pintado o Mar undoso,
Que se agita, parece, com os ventos
65 E a Praia açoita com as crespas ondas;
Como no meio aquela Nau perdida
Leva os Mastros caídos sobre a Proa
E as velas co'a tormenta derrotadas.
Olha com que destreza a mão do Mestre
70 Não mostrou os aflitos Naufragantes,
Uns ao leme agarrados com fadiga,
Outros boiando mortos sobre as ondas!
Que é Obra-prima todos o confessam,
Nem poderia Zêuxis imitá-la.
75 Esta of' recê-la quero à Bela Márcia,
Como trofeu das plácidas Vitórias
Que louvando-a alcancei por tantas vezes.

Termindo

Uma Peça tão rara e majestosa
É só digna de ter a linda Márcia;
80 Melhor eu nunca a vi e muito excede
Aquela Taça do Pastor Evandro.

Cifrânio

Agora, enquanto Márcia está dormindo
E vai d'Alva raiando a clara Estrela,
Sentemo-nos debaixo desta Faia,

85 Fazendo repetir, como algum dia,
Os Nossos Versos aos remotos vales;
Toca a Lira, Pastor, que a Frauta afino.

Termindo

Torne-se a renovar o belo tempo
Que na primeva Idade aqui passámos;
90 Mas tange tu primeiro a tua Frauta,
Que eu já destro não sou na minha Lira.

Cifrânio

Torno a ser venturoso, pois de novo
Venho habitar no campo aonde a fonte
Me deu o ser Primeiro afortunado;
95 Aqui vejo outra vez o terno Amigo,
Fiel consolação da minha vida.

Termindo

Graças ao Deus caprino, que sensível,
Atento ouviu um dia os Nossos rogos,
Dando-nos outra vez o bom Cifrânio.
100 Já fogem destes campos assustados
As negras sombras da cruel tristeza.

Cifrânio

Nunca no Vouga vi manhã tão bela!
Parece que outra Aurora, mais brilhante,
Nasce nesta campina afortunada,

105 Pois logo mostra, com risonhas graças,
Viçosos campos, prateados Montes.

Termindo

Há dous Lustros não viam Nossos Prados
Tão risonha nascer a Bela Aurora!
Cobria sempre a Névoa embastecida
110 O puro Céu e os curvos Horizontes,
Sustando até do sol os vivos raios.

Cifrânio

Como os brandos Favónios lisonjeiros,
Uns se vêm nos Arbustos pendurados,
Levemente as Vergontas balançando;
115 Outros, em bando alegre, pelos ares
Fazem mover as Folhas subtilmente.

Termindo

Como saltam contentes pelos ramos
A turba dos alígeros cantores,
Chamando com gorjeio os ternos Filhos!
120 Como os Cisnes, erguendo os níveos colos,
As vozes soltam nos serenos lagos!

Cifrânio

Da Bela Márcia os Zéfiro ondeiem
O verde Trigo, no frondente Março;
No Julho ardente, ileso então descubra,

125 Em altas Medas, nas calcadas Eiras,
O louro Grão, da Palha desbulhado.

Termindo

Nos curvos ramos de pomposas vides
Veja Márcia nascer as roixas uvas;
Depois, no rico Outono sossegado,
130 Ao belo som d'alegres cantilenas,
Veja espremer no Tanque o rubro vinho.

Cifrânio

Os leves Gafanhotos enfadonhos
Revoem longe dos risonhos campos
Aonde vive Márcia com sossego;
135 Nunca faminto Lobo devorante
Lhe faça presa no Rebanho grato.

Termindo

Sempre as pardas Abelhas sussurrantes
Produzam para Márcia mil enxames;
Nevada cera tire dos cortiços
140 E de puro gostoso Mel dourado
Imensas Talhas veja transbordando.

Cifrânio

Quando a sonora voz desprende Márcia,
Dos Zéfiros não soam os suspiros;
Para ouvi-la, as Napeias montanhesas

145 Suspendem o trabalho que exercitam
E os níveos colos erguem com espanto.

Termindo

Quando Márcia gentil os Bailes forma,
As Dríadas nos Rios aparecem;
E pouco a pouco, as águas ca[u]dalosas,
150 Suspendendo a carreira costumada,
Nos leitos esquecidas se demoram.

Cifrânio

Paremos nosso canto, pois já vejo
Os Pastores nas portas das choupanas;
Vamos, Termindo, andando para a Aldeia,
155 Enquanto o sol mais alto não s'eleva.

Termindo

Sim, Pastor, vem fazer ditoso o Vale;
Vem alegrar a tua Márcia Bela,
Que por ti suspirava enterneçada.

A égloga é formada por estrofes irregulares de decassílabos brancos.

48. Égloga *Fugiam dos curvados horizontes*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 135v-139v]

Égloga 3.^a

Janido e Cifrânio

Fugiam dos curvados horizontes
As sonolentas sombras pavorosas,
Quando a Aurora subindo aos altos Montes,
As campinas mostrava deleitosas;
5 Dos dourados cabelos desprendia
O orvalho, que a relva guarnecia.

O Rio, que de noite se escutava,
Com rouco tom, correr d'altos Rochedos,
Parecendo que a veia arrebetava
10 Os mais fortes e amenos Arvoredos,
Vê-se agora, com giro sossegado,
Ir regando as Boninas deste Prado.

Os suaves Favónios lisonjeiros,
Uns estavam lascivos balançando
15 As floridas vergontas dos salgueiros,
Outros nas águas plácidas brincando;
Alegre já saltava dentre as Flores

A Turba dos Alados voadores.

- Mas ainda rumor se não sentia
20 Em nenhuma das rústicas choupanas;
Ainda pelo campo se não via
As pisadas recentes das serranas;
Só o triste Janido, suspirando,
Ia outra vez a noite desejando.
- 25 Era este Pastor atormentado
Pela cruenta mão da sorte acesa,
Pois sempre conheceu em todo o estado
Da desgraça a bárbara fereza,
Sem ser possível, nem sequer um dia,
30 Ver raiar o semblante da alegria.

- Já querendo fugir à desventura,
Deixou de ser Pastor e, sem sossego,
Foi ver se encontraria mais ventura
Nas Ribeiras do plácido Mondego,
35 {A} onde um Lustro passou tão desgraçado
Como dantes vivia no Montado.

Passava muitas noites invernosas
Sobre as errantes águas, com trabalho,
Pondo na veia as redes cavilosas,

35. A métrica impõe esta aférese.

40 Sem temer o rigor do frio orvalho;
Mas depois, quando as redes levantava,
Em vão achava o prémio que esperava.

Mas destes cruéis males turbadores
Janido não se queixa amargamente,
45 Porque outros {a}inda mais inquietadores
O peito lhe trespassam cruelmente:
Vendo que as tristes lágrimas que chora
São vertidas por uma enganadora.

Em erma solidão, nos fundos vales,
50 Os dias importunos vai passando,
Ora aos altos rochedos os seus males,
Sua vida infeliz comunicando,
Ora esculpindo, em dura pedra forte,
Os tormentos cruéis da sua sorte.

55 Enquanto aflito estava consid'rando
Na falsa Fé da Nífa a quem amava,
Ao Céu os turvos olhos levantando,
Do peito mil suspiros exalava;
E banhando com lágrimas o rosto,
60 Ao Prado assim contava o seu desgosto:

Já não diviso deste campo ameno

45. A aférese é determinada pela métrica.

O louro sol dourar os altos Montes;
Nem já ouço também, com tom sereno,
As águas murmurar das claras Fontes.

65 Tudo enfim se mudou, com meu cuidado;
Quanto pode o costume da tristeza!
Até me julgo já desamparado
Pela destra da mesma Natureza.

Ah, Jónia Ingrata, Bárbara, Perjura!
70 Tu és causa do meu tormento aflito;
Permita o justo Céu que a desventura
Não castigue, Falsária, o teu delito.

Não eras tu a Ninfa que algum dia
Terníssimos amores me juravas,
75 Quando banhada em plácida alegria,
Com Grinaldas a frente m'enfeitavas?

Aonde a Fé existe, dize, Ingrata,
Se o teu falsário peito desabrido
As cadeias d'amor assim desata,
80 Fugindo até da sombra de Janido?

Vai, Perjura, riscar dos lisos Troncos
Os protestos que neles entalhaste,
Pois {a}inda que não falam e são broncos,

83. A métrica torna a aférese obrigatória.

Ali o teu amor eternizaste.

85 Não queiras que te notem de perjura,
Pois a Nossa Amizade foi patente;
Terei mais de teus males amargura
Do que do meu tormento permanente.

Eu em ti não espero achar mudança;
90 É o amor com o vidro comparado:
Quem o quiser unir em vão se cansa,
Pois remédio não tem, sendo quebrado.

Vive em paz, Fementida, nesta Aldeia;
Queira o Céu que os remorsos turbadores
95 Não consternem jamais a tua ideia
Nem o novo combate dos Amores.

Que eu sempre vagarei por estes Prados,
Chorando a minha triste desventura,
Até que enfim os meus cruéis cuidados
100 Se venham a encerrar na sepultura.

Mas já de novo aponta o sol dourado
E lá desce um Pastor aquela serra;
Descanse agora o corpo fatigado,
Já qu' o mal não descansa qu' alma encerra.

Cifrânio

105 Oh, como é bela, grata e deleitosa

A verde Primavera colorida!
Bem haja a Natureza portentosa,
Que já nos mostra a Várzea florescida.

Os despidos e negros Arvoredos,
110 Que {a}inda há pouco se viam desnudados,
Já maneiam por cima dos rochedos
Os ramos novamente emaranhados.

Tu enches de prazer e d'alegria
Os ternos corações da Humana Gente,
115 Pois sepultas da mágoa a sombra iníqua
Que traz o frio Inverno impertinente.

Se para qualquer parte a vista lanço,
Por mais broncos que sejam os lugares,
Tristezas não encontro e só alcanço
120 A face dos Prazeres singulares.

Mas que gemidos ouço deste lado?
Ah, se não se alucina o meu sentido,
Aquele que diviso ali deitado
Me parece o infeliz Pastor Janido.

125 É sem dúvida o mesmo desditoso
Que os dias, noites, meses vai passando

110. A aférese é imposta pela métrica.

Em queixar-se do Fado rigoroso
Com que Jónia o foi sempre maltratando.

Mas ele sonha!... Julga estar com ela!....

130 Oh, quanto pode a triste fantasia!
Quanto influi o rigor da dura Estrela,
Que {a}inda em sonhos o priva da alegria!

Janido sonhando

Detém os passos, Falsa, não te escondas
De meus cansados olhos lagrimosos;
135 Tal não peço, cruel, que correspondas
A estes meus suspiros dolorosos.

Deixa-me ao menos ver o lindo rosto,
Inveja da Vulcânea Divindade;
Concede-me por fim só este gosto,
140 Já que tu me roubaste a liberdade.

Mas Tu chamas aflita por Diana?...
Queres que vá teu corpo convertendo
Em frondífero Arbusto ou verde cana?...
Ah, que violentar-te eu não pertendo!

145 Aqui fico, não canses na carreira...
Mas de meus olhos já desaparece?

132. A métrica obriga a esta aférese.

Queira o Céu que ao passar lá da ribeira
A minha Jónia p'rito não tivesse.

Cifrânio

Oh, quanta compaixão me deve a sorte
150 Deste pobre Pastor amargurado;
Pois com estes delírios busca a morte,
Em vez de suavizar o seu cuidado.

Não quero que mais tempo vá nutrindo
Na triste ideia o vil tormento amargo,
155 Que até o segue quando está dormindo.
Acorda já, Pastor, desse letargo.

Janido

Oh, Céus! Que mal te fiz, ó caro Amigo?
Deixa que neste campo solitário
O meu cuidado fique só comigo
160 E que me acabe a vida voluntário.

Cifrânio

Desfaze, Pastor, loucas fantasias,
Pois nesse labirinto vais gastando,
Alucinado, os meses, noites, dias,
Tu mesmo os teus pesares aumentando.
165 Eu sei a triste causa por que choras,
Procurando o mais lúgubre retiro;

Mas não sabes, Janido, que as Pastoras,
Por falsas, não merecem um suspiro?

Lembra-te dos sucessos inconstantes
170 Que têm acontecido em toda a parte;
Recorda o fim dos míseros Amantes
Que suspiraram ternos por Lisarte.

Eu já senti o mal que agora sentes;
Vivi, por muito tempo, atribulado;
175 Mas tive dos suspiros veementes
Também o mesmo prémio costumado.

Se tu vês, meu Janido, que o veneno
D'Amor é tão subtil e de tal sorte
Que basta um brando riso, um leve aceno,
180 Para estragos fazer e dar a morte;

Por que susténs ainda no teu peito
O furibundo fogo envenenado?
Não queiras mais a Jónia estar sujeito;
Em a deixar também estás vingado.

Janido

185 Não posso, caro Amigo, abandoná-la,
Quebrasse embora a Fé sincera e pura;
Que a paixão de minha alma não se abala
Até depois de entrar na sepultura.

Esta impressão é filha da vontade,
190 Embora o Mundo a chame vil fraqueza;
Amor foi sempre igual a Liberdade;
Quem o culpa crimina a Natureza.

Que nasce o teu conselho, estou ciente,
Da Amizade fiel que nos enlaça;
195 Mas tu sabes também que o fogo ardente
Mais se ateia nos lances da desgraça.

Antes quero perder a triste vida
Do que Jónia riscar do pensamento;
E apesar de ser Falsa e desabrida,
200 Gostoso sofrerei o meu tormento.

Só um favor te peço enternecido:
Que se vires a Ninfa por quem morro,
Dize que o mesmo Céu compadecido
A meu mal já não pode dar socorro.

Cifrânio

205 Tudo, Pastor, farei por te dar gosto;
E adeus, que vou cuidar no meu rebanho;
Podes crer que também no teu desgosto
Com ternura e amizade te acompanho.

Janido

O Céu, Pastor, te faça afortunado;

210 Para as Reses teus campos dêem verdura;
Vivam sempre os Prazeres a teu lado
Como vive comigo a Desventura.

A égloga é formada por decassílabos, agrupados em sextilhas e em quadras. As primeiras têm como esquema rimático o modelo ABABCC, ao passo que o das segundas é do tipo ABAB.

49. Égloga *É este o belo campo aonde Elisa*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 140r-142v]

Égloga 4.^a

Lisandro e Dorindo

Lisandro

- É este o belo campo aonde Elisa
Costuma conduzir o seu rebanho,
Quando os raios do sol directamente
Espalham sobre a Terra os seus ardores.
5 Ao pé daquela Fonte, que sonora
Vai regando as raízes destas Faias,
É o sítio feliz aonde a Ninfa,
Com plácido sossego, sobre os braços
Encosta as lindas faces e adormece.
10 Com que graça a corrente fugitiva
Não retrata, nos círculos que forma,
Da minha Elisa as faces rubicundas
E os olhos com o sono quebrantados!
Que Génios não revoam junto dela!
15 Uns enlaçando os lúcidos cabelos;
Outros, enamorados de seu peito,
Sonoros Beijos estalantes furtam.

Quando acorda, com que risonho modo
A meu rosto os seus olhos encaminha!
20 Então, com que expressões, d'amor nascidas,
Não me conta a paixão que me consagra!
A cândida paixão, que desde a Infância
Dos brincos inocentes foi nutrindo;
Com que meigas palavras não m'acusa,
25 Se quando estou presente a não acordo!
Venturos[o] lugar, em ti descubro
Fiel consolação nos meus trabalhos;
Aqui as minhas penas se mitigam
E os tormentos cruéis que a sorte impia
30 Arroja contra mim, com mão cruenta.

Mas que rumor aflito vou sentindo
Na grata Aldeia aonde Elisa mora!
Achariam talvez alguma Fera,
Enredada co{m} as míseras ovelhas
35 Dalgum pobre Pastor daquele vale?
Mas lá diviso sem sossego ao longe
As Ninfas co[m] as mãos cobrindo os olhos,
Correndo incertas através das ruas,
Como se a firme Terra se abalasse
40 Ou vissem derramado algum Rafeiro!
Não posso distinguir qual seja a causa
De tanta confusão e aflito pranto.
Ah, que o sangue nas veias se me gela
E o coração presago m'anuncia

45 Algun triste desastre lastimoso!
 Mas lá vem caminhando a toda a pressa
 Um Pastor, que a Dorindo se assemelha...
 É o mesmo! Talvez que saiba a causa
 De tão geral e triste sentimento,
50 Pois lhe vejo o semblante amargurado.
 Já não posso conter no peito o susto!
 Vou saber de Dorindo o triste caso.
 Olá, Dorindo, dize o que há de novo,
 Agora acontecido no teu vale,
55 Pois vejo em confusão a Terra toda
 E aqui mesmo retumbam vivos ecos,
 Que o peito me trespassam cruelmente.

Dorindo

 Ah, triste Amigo! Foge destes vales;
 Os Deuses contra nós se conspiraram.
60 Não queiras saber mais, Lisandro; fuge.

Lisandro

 {A}inda me assusta mais o que me ocultas
 Do que o presago peito me anuncia.
 Fala... dize-me... e não m'encubras nada.

34. A apócope é imposta pela métrica.

37. A métrica torna obrigatória esta emenda.

61. A métrica determina esta aférese.

Dorindo

Bem quisera, Lisandro, que este caso,
65 Que a todos geralmente nos consterna,
Te ocultassem por tempo dilatado
Ou que estranho Pastor to declarasse.
Ah, infeliz Lisandro! Elisa é morta!
Ah, Lisandro infeliz, morreu Elisa!

Lisandro

70 Justos Deuses!... Que escuto!... É morta Elisa?
Bárbaro Céu!... Dorindo, que me dizes?
Pois é certo... Morreu a minha Amada!
E eu existo ainda?... Tu me enganas...

Dorindo

Quisesse o justo Céu que fosse engano!
75 Mas já que fui o triste Mensageiro
De tão penosa e lúgubre notícia,
Eu te conto o princípio deste caso.
Querendo Elisa preparar o Templo
Do Nume Defensor dos Nossos Prados
80 Com votivos fastões de frescas Rosas;
Ainda o sol os Montes não dourava
Quando saiu da Paternal choupana,
A convidar as ternas companheiras
Para colherem dos vergeis frondosos
85 Os rosados Botões ainda intactos;
Bando imenso de Ninfas a acompanha,

Umás cantando plácidos Amores,
Outras louvando a bela Madrugada;
E no meio da cândida tarefa
90 Eis súbito saltou da fria relva
Uma enroscada serpe venenosa,
Que tocando no pé da triste Elisa
Co'a boca lhe gravou mortal veneno.
Da dor acerbos ais aflita exala
95 E perdendo os sentidos pouco a pouco,
Três vezes quis suster-se sobre a terra,
Até que enfim caiu desfalecida,
Lançando em borbotões já preto o sangue.
As Ninfas diligentes a socorrem,
100 Mas são baldados todos os remédios,
Porque a peste imbebida pelas veias
Lhe devorou as míseras entranhas.
Logo à sua choupana foi levada,
Mas de si não deu mais algum acordo.

Lisandro

105 Oh, caso lastimoso! Eu desfaleço.
É possível que mais não veja Elisa?
Por que lhe deste a vida, Céu injusto,
Se havias de roubar-lha em tenra idade?
Que atroz delito fez uma inocente?
110 Ah, dura lei da triste Natureza!
Cruel não sejas tu por outro modo:
Cerra de todo já meus tristes olhos,

Que eu terei por ventura a campa fria.

Dorindo

Fujamos destes sítios pavorosos,
115 Pois os celestes Numes se conspiram
Até contra os Pastores inocentes.
Eu quero, como Amigo, acompanhar-te,
Pois bem precisa a tua dor interna
Quem também tome parte em teus pesares.

Lisandro

120 Vamos, fiel Dorindo, e dá-me o braço,
Pois sinto-me acabar a todo o instante.
Enquanto a grata morte que desejo
Não troca de meus dias o cansaço,
Vamos c'roar as frentes de cipreste
125 E adornar minha casa desgraçada
De lúgubres insígnias ltuosas.

A égloga é formada por decassílabos brancos, agrupados em estrofes irregulares.

50. Égloga *Havia longos tempos que Janido*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, I, [f. 143r-146r]

Égloga 5.^a

Janido e Marília

Havia longos tempos que Janido
Por Marília constante suspirava,
E por mais que encontrasse endurecido
O peito da Pastora a quem amava,
5 Não via diminuto no seu peito
Da ferina paixão o antigo efeito.

Em fadiga cruel, passava os dias
Reflectindo na causa de seus males,
E apossado de tristes agonias,
10 Mais medonhos fazia os tristes vales,
Aonde se entranhava com tristeza,
Queixando-se da mesma Natureza.

Um dia, por acaso, caminhando
Pelas margens do Tejo cristalino,
15 Ia consigo aflito recordando
Os azares cruéis do seu destino;
Ora manso falava, ora gemia,

Sem Janido saber o que fazia.

Num tronco de salgueiro retorcido
20 Encostou o seu corpo fatigado,
Ficando muito tempo emudecido,
Pondo os olhos no Tejo dilatado;
Mas reter não podendo o que a alma sente,
Desta sorte falava intercadente:

Janido

25 Fugitiva corrente deste Rio,
Detém o curso, escuta os meus clamores;
Sê tu comigo só, o brando e pio,
Ouve o mais desditoso dos Pastores.

Eu sou aquele pobre desgraçado
30 Pela mão da justiça perseguido,
Alvo constante do maligno Fado,
Pois só para tormentos fui nascido.

Eu de Marília sou o infausto Amante,
De Marília gentil que o Céu retrata,
35 Que de todos os peitos triunfante,
O meu também enleia, fere e mata.

Eu sou fruto infeliz da desventura,
Pois minha sorte não me deu Montados;
De meu não tenho mais, nesta espessura,

40 Senão tristes e lúgubres cuidados.

O lanudo Rebanho que apascento
Nos altos Montes e viçosos vales,
São da mesma Pastora que o tormento
Não quer sustar de meus penosos males.

45 Em servi-la consumo o inteiro dia,
Até de noite o seu casal vigio;
Mas nada do que faço tem valia,
Pois seu peito descubro sempre frio.

Se algumas expressões lhe digo Amante,
50 Se alguns gemidos verto perturbado,
Abaixa os lindos olhos num instante,
Fala-me logo em cousa do Montado.

Por mais excessos que por ela faça,
Por mais que aflito gema enternecido,
55 Não é possível, não, cair-lhe em graça;
Seu génio vejo mais endurecido.

O mal que te acontece, undoso Tejo,
Quanto do que eu padeço é diferente;
Pois s'empolado alguma vez te vejo,
60 Tornas a serenar a fúria ingente.

Só eu, pelo contrário, acumulados

A meus tormentos, vejo mais tormentos,
Sem poder nunca achar modificados
Estes penosos males violentos.

65 Mas ah! Se não m'engana a fantasia,
Esta Ninfa, o meu Bem, se me figura;
Não cega tanto a luz do claro Dia
Como de seu semblante a formosura.

Vou falar-lhe, ainda com receio
70 De não ser outra vez bem quisto dela;
Mas que presságio em mim de novo leio:
Minha convulsa voz se prende e gela!

Oh, quem pudera, com fiel valor,
Contar-lhe o que contei ao Pátrio Tejo;
75 Mas só para narrar a minha dor
Tive expressão, ausente de sobejo.

Deus te guarde, Marília! Escuta um dia
Com mágoa a narração dos meus tormentos,
Pois bem merece a minha dor impia
80 Achar em ti já novos sentimentos.

Por muitas vezes tenho-te indicado
O puro amor de meu sincero peito;
E sem colher ainda um leve agrado,
O Céu a ti me uniu em laço estreito.

85 Ah, tem dó de meus males doloridos,
Atende uma paixão que não se abala.
Mas Tu, meu Bem, desprendes mil gemidos!
Incendeias o rosto!... Fala... fala.

Marília

Esses mesmos tormentos que padeces
90 Vou também por Almeno padecendo;
Tu compaixão, Janido, me mereces,
Mas não te posso ir correspondendo.

Se tu mudar não podes de Amizade,
Se te cativa só o meu semblante,
95 Por certa simpatia da vontade,
Desprezando das mais o agrado amante;

Da mesma sorte sou, Pastor Janido:
Minha alma só por ele se arrebatada,
Por ele o peito sinto enternecido,
100 Só Almeno m'enleia, fere e mata.

Eu bem sei que o Pastor a quem adoro
Não suporta por mim o mesmo efeito;
Bem conheço, Janido, que não moro
No seu ingrato e regelado peito.

105 Mas é tal a paixão que em mim se gera

Que inda violando os seus cruéis rigores,
Antes perder a vida, antes quisera,
Do que deixar um dia os meus Amores.

Assim não me crimines de falsária,
110 Pois nunca te jurei, senão a Almeno;
A tua sorte é, como a minha, vária:
Se padeces por mim, por ele peno.

Em paz te fica, o Céu te dê ventura;
Quando me vires, em amor não fales,
115 Pois tu a meus tormentos não dás cura
Nem eu poso também curar teus males.

Janido

Detém, Marília, os passos, não te ausentes,
Pois não merece o meu Amor perfeito
Não escutares mais os inclementes
120 Males que sofro só por teu respeito.

Marília

Não sejas importuno. Não duvido
Me adores com ternura verdadeira,
Mas a minha alma já eu não divido;
Esta é a sentença derradeira.

Janido

125 Justos Céus! Que farei com tal sentença?

Aonde, aonde irei, que venha a morte?...

Desçam Feras do Monte, sem detença,

E a meus dias dêem já o duro Corte.

É justo que de todo acabe a vida

130 Quem sem ventura vê a luz do dia,

Que viu sempre cruel e desabrida

A furibunda mão da sorte impia.

E vós, fiéis serranos deste Outeiro,

Se algum dia encontrardes na espessura

135 Morto desta campina um Pegureiro,

O corpo lhe não deis à sepultura.

E para que não venha sem horrores

Mais Festas celebrar a este Prado

A Turba das Serranas e Pastores,

140 Este Epitáfio aqui deixo gravado:

Nesta Praia perdeu Janido a vida;

Morreu d'amores, por Marília Bela;

Tristes Espect[r]os, sempre em dura lida,

Girem, de noite e dia, em torno dela.

A égloga é formada por decassílabos, agrupados em sextilhas e em quadras. As primeiras têm como esquema rimático o modelo ABABCC, ao passo que o das segundas é do tipo ABAB.

M. SONETOS

51. Soneto *Com os finos cabelos esparzidos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 29r]

Com os finos cabelos esparzidos,
Pelos mimosos ombros torneados,
Ariadna exalava ternos brados,
Ao Céu erguendo os olhos doloridos;

5 Os pendentos rochedos carcomidos
Os seus ternos queixumes consternados,
Com penosos suspiros duplicados,
Repetiam também enternecidos.

10 Dos côncavos lugares horrorosos,
As Filhas de Nereu apareceram,
Sobre olhar, com aspectos pavorosos;

Porém, vendo a Infeliz, se condoeram,
E pondo as mãos nos olhos lagrimosos,
Para o medonho centro se esconderam.

52. Soneto *Aqui exposta às Feras pavorosas*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 29v]

«Aqui exposta às Feras pavorosas,
Deixas neste lugar a quem te amava!»
Ariadna infeliz assim formava
De Teseu justas queixas dolorosas:

5 «É possível que as vozes mentirosas
Te unissem a quem sempre te enganava?
E à esposa que terna te adorava
Deixes só nestas grutas cavernosas?

10 «Vinga, Himeneu sagrado, a aleivosia
Dum Falso que manchou a santa jura,
Dum Falso que me causa esta agonia!

«Mas, ah, suspende a mão da desventura,
Que {a}inda Teseu verá com mágoa um dia
Meu cadáver aqui, sem sepultura!»

13. Esta aférese é imposta pela métrica.

53. Soneto *Mais me recreia Márcia em traje pobre*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 30r]

Mais me recreia Márcia em traje pobre,
Com as justas roupinhas de baeta,
Sem adorno a comprida trunfa preta,
Do que altas Damas de ornamento nobre.

5 O lindo peito, quando se descobre,
Mais alvo do que a neve ou a Mosqueta,
É mais grato aos meus olhos que o Planeta
Que de vivo fulgor a terra cobre.

10 Que importa ter saial de lã grosseira,
Andar c'ó pé descalço na chinela,
Se tem uma alma pura e verdadeira?

Em Márcia pus a meta à minha Estrela,
Pois desprezo a ventura lisonjeira
Que depois com o tempo se rebela.

54. Soneto *Da noite o negro manto se estendia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 30v]

Da noite o negro manto se estendia,
As asas adejando vagarosas;
Das nítidas Estrelas luminosas,
Escassa a luz no Céu raiar se via;

5 O Tejo dormitando, parecia
Que serenava as ondas buliçosas,
Porque apenas nas margens arenosas
As vagas, com pirguiça, desfazia.

O silêncio não rompe o surdo vento,
10 E a noite sossegada me convida
A dar algum alívio ao pensamento;

Solte-se a minha mágoa reprimida,
Não cale mais o peito o vil tormento
Que padeço por Márcia fementida.

55. Soneto *Enquanto as vivas chamas devoravam*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 31r]

Enquanto as vivas chamas devoravam
Os Palácios de Tróia desgraçada,
A sonolenta Gente destroçada
Em vão socorro aos Deuses imploravam;

5 Os confusos suspiros revoavam
Em torno da cidade devastada,
Sem que o fero rigor da Grega espada
Sustasse os duros golpes que vibravam.

10 As míseras Matronas respeitosas,
Levando os ternos Filhos entre os braços,
Não se livram das Armas belicosas;

Quebram-se de Neptuno os rijos laços,
Cai o Templo co'as chamas ruidosas,
Escapa Eneias só dos Gregos aços.

56. Soneto *Em um vale, que fica situado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 31v]

Em um vale, que fica situado
Na base de três lúgubres penedos,
Aonde verde-negros arvoredos
Impedem o fulgor ao sol doirado;

5 Neste sítio, que as mágoas têm mudado
Até das Aves os reclamos ledos,
Soando nos altíssimos rochedos
Das Galhas o queixume amargurado;

Menaleia, de Pastor largando o trato,
10 Neste vale s'embrenha e nele intenta
Perder a triste vida, sem recato;

Ficar aqui sem campa não lamenta,
Só o fero castigo que o Céu grato
Dará um dia a Márcia o atormenta.

57. Soneto *Enquanto a prima idade nos obriga*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 32r]

Enquanto a prima idade nos obriga
A sofrer de Cupido o fogo ardente,
Minha Anarda, não deixes indolente
Correr dos anos a estação amiga;

5 Olha que a sorte às vezes nos castiga,
Escondendo do gosto a bela frente;
Não queiras enraivá-la injustamente,
Já que agora risonha nos abriga.

Os dias que se passam mais não tornam,
10 Nem os Génios também, dos seus regaços,
Os gostos, sobre cãs, jamais entornam;

Não faças infelizes os meus laços;
Enquanto a rubra cor as faces ornam,
Meu amor recompensa, nos teus braços.

58. Soneto *Ao chão lançou a Aljava o Deus vendado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 32v]

Ao chão lançou a Aljava o Deus vendado
E as setas uma a uma foi quebrando;
Depois, co'as leves asas adejando,
Os ares cruza dum e doutro lado.

5 Com o triste semblante amargurado,
Por Vénus e Vulcano ia chamando;
Depois, com mil suspiros, foi entrando
Pela forja do Pai, acelerado.

10 «Vulcano amado, disse o Deus Cupido,
Uma seta forjai-me a todo o custo
Para render um peito endurecido»;

«Hoje não, lhe tornou o Pai robusto,
Pois quero este Padrão já ver polido
Para gravar de Márcia o Nome Augusto.»

59. Soneto *Qual branca Borboleta, namorada*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 33r]

Qual branca Borboleta, namorada
De ver a luz ao longe estar brilhando,
Bate as asas, ligeira vai voando
Para onde a luz está depositada;

5 Sem ainda ficar desenganada
Que a viva labareda a vai crestando,
Em torno da luz, cega vai girando,
Até morrer na chama encendiada;

10 Assim, vendo também, o Pobre Alcino,
De Márcia os belos olhos matadores,
Faz excessos, com louco desatino;

E sem ver desta Ninfa os vis rigores,
O peito crava no farpão ferino
Que lh'arma a falsa mão dos seus amores.

60. Soneto *Quantas vezes das redes se esquecia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 33v]

Quantas vezes das redes se esquecia
Albano, pescador do mar undoso,
Banhando o triste peito doloroso
C'o pranto que dos olhos desprendia;

5 Quantas vezes a vaga fantasia,
Sobre as ondas do Tejo deleitoso,
Lhe pintava o semblante majestoso
Da Pastora por quem morrer se via;

10 Quantas vezes, no côncavo saveiro,
Parando os duros remos consternado,
Lamentava o seu triste cativoiro.

{A}inda se ouvem, com som amargurado,
Nas margens deste plácido Ribeiro,
Os queixumes d'Albano desgraçado.

12. Esta aférese é imposta pela métrica.

61. Soneto *Morreu-me de improviso o manso Gado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 34r]

Morreu-me de improviso o manso Gado,
O Rafeiro fugiu-me espavorido,
Até um furacão embravecido
O meu pobre casal tem derrubado;

5 Entrou o undoso Tejo pelo prado,
Reolveu todo o chão endurecido
E levou-me entre as ondas confundido
Tudo quanto já tinha semeado.

10 Que mais queres de mim, Sorte inumana?
Embora, cruel, vive descansada,
Co'as minhas pobres Rezes e choupana;

Que aflito vou buscar a minha Amada,
E se Marília achar ainda humana,
Então, Fado cruel, não perdi nada.

62. Soneto *Sentado junto às margens do Ribeiro*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 34v]

Sentado junto às margens do Ribeiro
Que vai regando as flores deste prado,
Eu vi um dia, em lágrimas banhado,
Anfriso, deste vale Pegureiro;

5 Deixando pelo vale, pelo outeiro,
Exposto às bravas Feras o seu Gado,
Em doloroso pranto consternado,
Lamentava o seu triste cativoiro.

Ora na branca areia, consumido,
10 O Nome de Amarílis esculpia,
Ora no seu cajado endurecido,

Ao cândido Rafeiro que o seguia,
Ensinava a beijar, enternecido,
O mesmo ingrato Nome que escrevia.

63. Soneto *Farta, ó Ninfa, o desejo furioso*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 35r]

Farta, ó Ninfa, o desejo furioso
D'extinguires cruel a minha vida;
Alça uma vez a seta desabrida,
O peito me trespassa desditoso;

5 Não temas que no lance pavoroso
D'arrojares o golpe enfurecida,
As costas vire, em rápida fugida,
E afrouxe a cor do rosto valoroso.

Mas não deixes passar um só momento;
10 Despede finalmente o duro corte,
Satisfaze cruel o teu intento;

Acaba-me e não temas minha sorte,
Pois é maior ainda o meu tormento
Do que os golpes fatais da fria morte.

64. Soneto *Adeus, Lorana ingrata, adeus, pesares*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 35v]

Adeus, Lorana ingrata, adeus, pesares;
Já tudo se acabou; com valentia
Sacudi o grilhão que me prendia,
As algemas lancei aos leves ares;

5 Passo pelo Casal, pelos lugares
Onde teu gentil rosto alegre via,
Ora sendo alta noite, ora de dia,
Sem já pelo sentido me passares.

10 Graças ao Céu que já desenganado
Meu peito zomba agora de Lorana,
Pastora mais cruel do nosso Prado;

E para envergonhar a esta ufana,
Meu Grilhão aqui deixo pendurado,
Na sua mesma porta da choupana.

65. Soneto *Sonhei, ó Céus! (ainda congelado)*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 36r]

Sonhei, ó Céus! (ainda congelado,
O sangue pelas veias me não gira),
Que o peito cristalino de Nancira
Com duros golpes era trespassado!

5 Eis que vejo um Pastor mal encarado,
Alçando o torpe ferro, aceso em ira;
Tiranos golpes com furor atira,
Contra a pobre Inocente conspirado.

Exclama em alta voz então dizendo:
10 «Vem, Alcino, vingar, vem sem demora,
O sangue que meu peito está vertendo»;

Acordei e só vi que a roixa Aurora,
Rasgando as nuvens, vinha aparecendo,
E foi sonho o desastre da Pastora.

66. Soneto *Apenas que Leandro a facha via*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 36v]

Apenas que Leandro a facha via
Com que a triste Hero a Torre iluminava,
Na praia, que fronteira lhe ficava,
O desvelado Amante se despia;

5 Com os braços as ondas dividia,
Mas o Rio, qu'então se encapelava,
Ora às nuvens Leandro levantava,
Ora em medonhos baixos o metia.

Os fracos braços vai em vão movendo,
10 Socorro pede, para a Torre olhando,
Até que a luz dos olhos foi perdendo;

A onda à praia o corpo foi levando,
Até depois de morto parecendo
Que aquela por quem morre vai buscando.

1.-14. O soneto toma por motivo a história de Leandro e Hero, referida por Ovídio. Leandro vivia em Abidos – cidade situada no lado asiático do estreito dos Dardanelos – e todas as noites atravessava a nado o Helesponto para visitar a sua amada Hero, sacerdotisa de Afrodite na cidade de Sestos, na costa europeia do mesmo estreito. O jovem orientava-se por uma tocha que Hero acendia na torre da sua casa. Uma noite a tempestade apagaria a tocha, provocando o afogamento de Leandro. Na manhã seguinte, Hero avistou o cadáver, que tinha sido trazido pelas águas, e, desesperada, lançou-se sobre ele, morrendo.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

67. Soneto *Louvem embora mil apaixonados*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 37r]

Louvem embora mil apaixonados
De Lorinda Gentil os olhos belos;
De Nise louvem outros os cabelos,
Que tremulam nos ombros torneados;

5 Louvem de Alcina os beijos nacarados,
Pintem-na mui fermosa e com desvelos,
Exponham-se a sofrer cruéis duelos
Sobre quem m{e}recerá os seus agrados.

10 Louve embora Lereno a sua Amada,
Pinte-lhe as faces de vermelhas cores,
A garganta de neve congelada;

Que eu sempre louvarei os meus Amores,
D'Amarílis a boca delicada,
D'Amarílis os olhos matadores.

8. Esta aférese é imposta pela métrica.

68. Soneto *Achando o Templo aberto do Vendado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 37v]

Achando o Templo aberto do Vendado,
Entrei só para ver o Deus Cupido;
Corri o sacro Templo destemido,
Sem me ficar o sangue congelado.

5 D'Arco, Setas cruéis, Farpão ervado,
O Régio Sólido estava guarnecido;
Tinha pelas paredes esculpido
Os corações que havia dominado.

Eis que Amor me aparece de repente,
10 Sem Aljava, Farpão e Passadores,
E me fala, gemendo ternamente:

«Não temas, Jónio, os meus cruéis rigores;
Foge de Márcia, pois infelizmente
Não a pode vencer o Deus d'Amores.»

69. Soneto *O Frígio Capitão, de Dido amado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 38r]

O Frígio Capitão, de Dido amado,
De Tíria não partiu com tanto aferro
Como Eu parto de Ti para o desterro
Em que a sorte me põe encarcerado;

5 Que desse à vela Eneias, foi mandado,
Não por pena do seu terrível erro,
Mas para ter, depois do triste encerro,
Um Império no Mundo dilatado.

10 Quanto é vária, na Terra, a dura sorte!
Eneias, por Traidor, a glória alcança,
E eu sofro, por ser firme, a pena forte!

Mas nesta ausência, Anarda, enfim descansa,
Que ainda guerreando com a morte,
Da minha Fé terei fiel lembrança.

70. Soneto *Ao longo do fraguedo cavernoso*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 38v]

Ao longo do fraguedo cavernoso
Por onde corre o Dão arrebatado,
Se via, num penedo recortado,
Janido, com semblante doloroso;

5 Olhando para o Rio pavoroso,
O pranto lhe caía amargurado,
Expressando o Pastor, {a}inda calado,
As mágoas de seu peito desditoso.

Do sol o resplendor já não se via,
10 E a noite pavorosa, negra e feia,
À pressa as pandas asas sacudia;

Não vendo então Janido a luz Febeia,
A fraca voz soltou, que assim dizia:
«Por ti, Anarda, morro nesta Aldeia.»

7. Esta aférese é imposta pela métrica.

71. Soneto *C'os braços nus, os golpes alternavam*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 39r]

C{o}'os braços nus, os golpes alternavam
Os Filhos de Neptuno valorosos,
Com os rígidos maços poderosos,
Num luzente Padrão, que martelavam;

5 Os tectos da Oficina ressoavam,
Ao som dos negros ferros ruidosos,
E os semblantes dos Brontes horrorosos
Com as ígneas cintilas se crestavam.

Acaba-se a tarefa e o Mestre ardente
10 De José ali grava os verdes Anos
E de Louros lhe cinge a nívea frente;

«É este, diz, ó Plácidos Humanos,
De quem Júpiter já mostrou contente
Os futuros incógnitos Arcanos.»

1. Esta supressão é imposta pela métrica.

2. Parece haver aqui um lapso: Neptuno era o deus dos mares; o deus do fogo era Vulcano.

8. cintila – O mesmo que *centelha*.

72. Soneto *Saudades são efeitos da ternura*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 39v]

Saudades são efeitos da ternura,
Que n'ausência cruel se nutre e gera,
Quando o sensível peito se apodera
Da flama da paixão, constante e pura.

5 Este penoso mal e desventura
O Mundo não conhece por quimera;
Mas como prima Lei, que não se altera
Enquanto houverem Filhos da Natura.

10 Se o sol reduces só a duas cores,
A duas mil reduzo a fortaleza
Das saudades, nos ternos Amadores;

Este efeito sentir, não é fraqueza,
Porque as saudades nascem dos amores
E o grato Amor nasceu da Natureza.

73. Soneto *Se sentisses o meu apartamento*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 40r]

Se sentisses o meu apartamento
Como Eu chego a sentir de noite e dia,
Residira na tua fantasia
A mágoa que me turba o pensamento;

5 De meus ecos terias sentimento,
E apartada de toda a companhia,
Buscarias somente a sombra fria,
Para teres algum contentamento.

Mas Tu gozas enfim de liberdade,
10 Nem te passa sequer pelo sentido
O terníssimo efeito da saudade;

Eu não sou o teu Bem apetecido,
Porque em vária tens só realidade
E tudo o mais conheço que é fingido.

74. Soneto *Vendo Amor os costumes corrompidos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 40v]

Vendo Amor os costumes corrompidos
E o sacro Altar de Gnido profanado,
Por três vezes bramiu, quebrando irado
Os seus férreos Farpões endurecidos.

5 Mas Vénus, que escutava os seus gemidos,
D'improviso aparece ao Filho amado;
E pegando-lhe no pulso delicado,
Ternos beijos lhe dá enternecidos.

«Não chores, Filho, não, lhe diz afável;
10 Que importa que os Mortais perversos, rudes,
Quebrem a Santa Fé inalterável?

«Teu peito denodado não escudes,
Pois Valíntia no séc'lo detestável
Respeita Amor e guarda as sãs virtudes.»

7. Este verso apresenta 11 sílabas métricas. Uma emenda plausível seria a supressão do pronome.

75. Soneto *Numa noite que o Céu se escurecia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 41r]

Numa noite que o Céu se escurecia
Com opaco negrume recamado,
Carpindo o triste Alfeu seu duro fado,
Pelas margens do Vouga discorria;

5 Olhando para o Rio que corria,
Suspirava o Pastor amargurado,
Desta sorte expressando, {a}inda calado,
De sua alma a cruel melancolia.

10 Num Tronco de salgueiro retorcido,
À força do transporte d'amargura,
Estes versos gravou enternecido:

«Sabe, ó Márcia Gentil, cruel, perjura,
Que apesar de teu génio desabrido,
Sou, nas Aras d'Amor, vítima pura.»

7. Esta aférese é imposta pela métrica.

76. Soneto *Eu vi um dia, oh Céus, que triste dia!*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 41v]

Eu vi um dia, oh Céus, que triste dia!,
Surgir da Terra, em turba ruidosa,
A vaga prole da Fortuna irosa,
Co'a Tartárea Megera dura, impia.

5 O Averno fogo a Fúria já trazia,
Em serpentina massa pavorosa,
E com Círcea Magia revoltosa,
Mil azares nas chamas refervia.

Consuma a obra, às mais prestou aceno,
10 E dando todas juntas um só brado,
Soltou em mim o rábido veneno;

Gemeu a Terra, por me ter criado,
De nuvens se enlutou o Céu ameno,
Mas Eu fiquei 'té à morte desgraçado.

4. Megera – Uma das Erínias, ou Euménides, génios infernais responsáveis pela punição dos crimes.

77. Soneto *Irra! Tal não consinto; é corriola*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 42r]

Irra! Tal não consinto; é corriola
Desta sorte levarem-me o Dinheiro;
Julgam que Filho sou dalgum Mineiro
Ou que cevada como, preso à argola?

5 As Cartas para mim só têm a mola
De darem vinte e dous, mais dum milheiro,
E as caixas vis do tímido Parceiro
Me depenam sem ser em ar de esmola!

Basta, não quero forra; e quem diria
10 Que sem verem de Maia o vucó morno,
Soubessem tanto Cálculo e Geometria?

Ora mandem fazer agora ao torno
Parceiros que os aturem noite e dia,
Que para tais Tafuis, Tafuis de corno.

1. corriola – De acordo com Morais, vaia, arruaça; fig. engano, logro.

9. forra – Provavelmente o mesmo que *desforra*.

10. vucó – Talvez se trate de uma variante de *bucó* (o vão, bojo, capacidade, porte do navio), aqui utilizado em sentido figurado.

78. Soneto *Por três vezes, Marília, quis louvar-te*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 42v]

Por três vezes, Marília, quis louvar-te,
Movendo o Plectro meu enternecido,
Mas outras tantas vi espavorido
Do Céu lançar um raio o fero Marte;

5 Intentando o louvor continuar-te,
Eis que uma voz, com eco desabrido,
Me disse: «Tu, que intentas atrevido,
Ah!, quebra o Plectro e a Lira põe de parte.

«{A}inda não sabes, rústico serrano,
10 Que do Castálio até ao alto cume
Marília rege o Coro veterano?

«Conhece que a Minerva faz ciúme
E do seu gentil rosto soberano
É só próprio Cantor o Délio Nume.»

9. Esta aférese é imposta pela métrica.

10. Castálio – Relativo a Castália, fonte de Delfos consagrada a Apolo.

11. Coro – O coro das nove Musas

79. Soneto *Apenas que os Humanos profanaram*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 43r]

Apenas que os Humanos profanaram
As Aras da Virtude majestosa,
Da Miséria a Caterva revoltosa
Os inocentes campos empestaram;

5 Debalde os curvos ferros trabalharam
Para emendar a Terra pesarosa;
Debalde os Homens, na Estação calmosa,
Recolhiam os Frutos que enxertaram.

Dos corpos a Moléstia se apodera;
10 Como efeito seguiu-se a dura morte,
Da triste culpa humana lei severa;

Nada sustém da Parca o duro Corte,
E Eu já mesmo o tributo lhe rendera,
Se a Ti me não mostrasse a minha sorte.

80. Soneto *Ordena o Pai dos Deuses que um só Dia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 43v]

Ordena o Pai dos Deuses que um só Dia
Fuja das mãos do Tempo o apressurado;
Assim sucede, e o velho amargurado
Debalde o busca, em trémula agonia.

5 Por entre o cego rumo que seguia,
Por Júpiter exclama perturbado,
Mas o Nume lhe mostra respeitado
O furto, sobre as Asas da Alegria.

Então, os rijos braços estendendo,
10 Lhe diz: «É este o Dia portentoso
Que o Imortal Josino viu, nascendo»;

Sossega o Tempo o gesto pavoroso,
E aos Decretos de Jove obedecendo,
O Herói respeita e o furto venturoso.

81. Soneto *Passaram as Idades venturosas*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 44r]

Passaram as Idades venturosas
Em que os Homens viviam felizmente,
Gozando a bela Paz resplendente
Ainda nas Aldeias Populosas;

5 Sem receio, nas Várzeas paludosas
Lançavam e colhiam a semente;
Alegres se ajudavam mutuamente,
Nas tarefas do campo deleitosas.

A Ambição sepultou a sã verdade,
10 E o culto que se deu ao Metal Louro
Profanou os Altares da Amizade;

Só tu, Ilustre Silva, sem desdouro
Te vê o Mundo, na corrupta Idade,
Como via os Mortais na Idade d'Ouro.

82. Soneto *Ao som das grossas vagas, que lambiam*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 44v]

Ao som das grossas vagas, que lambiam
As grutas dos rochedos levantados,
Janido, lamentando os seus cuidados,
Mil lágrimas dos olhos lhe corriam;

5 Do mar os alvos Montes pareciam
Que escutavam seus ais amargurados;
E do triste queixume penetrados,
Com horríssono som estremeciam.

10 Erguendo ao Céu os olhos lagrimosos,
Com pendente expressão, assim dizia,
Olhando para os Astros luminosos:

«Sabe, Anarda, meu Bem, minha alegria,
Que os meus cansados olhos dolorosos
Sem Ti não podem ver a luz do Dia.»

83. Soneto *Campos da minha glória já passada*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 45r]

Campos da minha glória já passada,
Eu vos deixo, com mágoa penetrante,
Por cumprir o Decreto fulminante
Que a minha sorte manda acelerada;

5 Ficai, amena várzea, descansada,
Que o meu triste queixume delirante
Vai soar noutro sítio mais distante,
Onde a tristeza gira desgrenhada.

Não pode quem nasceu sem ter ventura
10 Ver parado, com gesto lisonjeiro,
O braço da medonha desventura;

Zéfiro que soprais aqui ligeiro,
À minha Bela Anarda, com ternura,
Levai o meu queixume derradeiro.

84. Soneto *As pandas asas solta carregado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 45v]

As pandas asas solta carregado
O Inverno, escurecendo o sol luzente;
A lâ, à grossa chuva impertinente,
O corpo não aquece regelado;

5 Revolve todo o campo já lavrado
Dos Ribeiros a rápida corrente;
O manso gado busca diligente
Algum sítio da chuva reparado.

Os campos ternas mágoas vão mostrando;
10 Até com som horrendo se ouve triste
Nos Pinheiros as Galhas sussurrando;

Ah, Bela Anarda! O peito que feriste
Mais tristonho que o Inverno vil, nefando,
Sem teu rosto gentil, agora existe.

85. Soneto *Entrou no Averno Lília e de repente*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 46r]

Entrou no Averno Lília e de repente
As Três Filhas da Noite se esconderam;
De Tício e Salmoneu ali cresceram
Os tormentos que sofrem cruelmente;

5 As Fúrias infernais, caladamente,
As mãos nos olhos pondo, então gemeram;
Porque em torno de Lília apareceram
Hórridos Monos de figura ingente.

O Demo, quando a viu, tremeu de medo,
10 E sentindo os cabelos arriçados,
Chamou os Habitantes em segredo;

«Eis, lhes disse, fujamos apressados,
Pois aquela que entrou com Mágio enredo
Dará novo tormento aos condenados.»

2. As Três Filhas da Noite – As Erínias, ou Fúrias: Alecto, Tisífone e Megera.

3. Salmoneu – Um dos filhos de Éoloe e de Enarete. Emigrando para a Élide, aí fundou a cidade a que chamou Salmone. Extremamente orgulhoso, tentou imitar Zeus, que acabaria por fulminá-lo.

86. Soneto *Em vão pertendes, Sílvio, com ternura*

Testemunhos manuscritos: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 46v] = A / BM, Flores do Parnaso, III, [f. 58r] = A₁

Versão de A

Em vão pertendes, Sílvio, com ternura,
Inculcar-te por Moço às Ninfas Belas,
Pois não se fazem nítidas capelas
Para quem toca já na sepultura;

5 De teus dias a plácida verdura,
Debalde, terno Sílvio, ainda zelas,
Porque já tuas faces amarelas
Oitenta anos denotam, sem usura.

Ah! Segue, Amigo, segue um novo trilho,
10 Encomenda tua Alma ao Padre Eterno
E deixa o namorar para teu Filho;

Não te faças Quixote de Salerno,
Pois irás brevemente de codilho
Ser Amante infeliz no triste Averno.

1. Sílvio] Canto A₁

6. terno Sílvio] Amigo Canto A₁

9. Amigo] Canto A₁

87. Soneto *Na Forja de Vulcano acelerados*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 47r]

Na Forja de Vulcano acelerados,
Cujos Brontes os Foles vão erguendo,
Outros em duro bronze estão fazendo
Olhos gentis, cabelos delicados.

5 Pelos hirsutos peitos abrasados,
O suor, gota a gota, vai correndo;
Os Malhos uns às vezes vêm descendo,
Outros se vêm no ar alevantados.

Eis que falo, e parando os servidores,
10 Pergunto-lhe a que Deusa se destina
O Padrão de sublimes resplendores.

O Mestre me responde da Oficina:
«Nesta Medalha, querem os Amores
Eternizar os Anos de Anardina.»

88. Soneto *Alvíssaras! Amor ficou vencido*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 47v]

Alvíssaras! Amor ficou vencido,
Anardina o deixou bem mal tratado;
Ninguém já tema as setas do Vendado,
Zombem todos agora de Cupido.

5 Em um triste penedo carcomido
Se foi meter, em lágrimas banhado;
Fugiu do velho Templo envergonhado,
Deixando as setas e o Farpão buído.

Sem Armas, sem vibrar os Passadores,
10 Anardina venceu o Deus d'Enganos;
Quanto podem seus olhos vencedores!

E se Amor causou no Mundo tantos danos,
Agora desta Deusa dos Amores
Fujam à pressa míseros Humanos.

12. Este verso apresenta 11 sílabas métricas. Uma emenda possível seria a supressão da conjunção copulativa.

89. Soneto *Oh! Como passa alegre a curta vida*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 48r]

Oh! Como passa alegre a curta vida
O pobre lavrador no seu montado;
Ora guiando ao vale o manso gado,
Ora tangendo a Fruta enternecida;

5 Isento da lisonja fementida,
Que tanto nas cidades tem grassado,
Sem aparatos vive descansado,
Em nada a vária sorte o entemida.

De noite não acorda espavorido,
10 Com medo que lhe roubem o tesouro
Que jaz em férreos cofres escondido;

Vestindo lã, calçando o pardo couro,
Goza o Pastor no Prado apetecido
O mesmo que os Mortais na Idade d'Ouro.

90. Soneto *Se nas cidades todos se vestissem*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 48v]

Se nas cidades todos se vestissem
Como no campo o lavrador se veste;
Se a casa que de sedas se reveste
De Tarros as paredes só cobrissem;

5 Se de todas as Mesas se abolissem
Os Manjares que são à vida peste;
Se a mesma paz que há no campo agreste
Os cidadãos na Corte possuísem;

Oh, quão feliz passara a vida humana,
10 Isento do capricho que atropela
Nas Cortes a vaidosa gente ufana!

Infeliz não chamara à minha Estrela,
Pois teria sequer uma cabana
E tu serias minha, Lília Bela.

91. Soneto *Embora em pobre lenho destroçado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 49r]

Embora em pobre lenho destroçado
Me veja, com as ondas combatendo,
Ora lá junto ao Céu aparecendo,
Ora em medonhos baixos sepultado;

5 Embora cruel Lobo atraídoado,
Direito a mim, veloz venha correndo,
E que por lhe fugir me esteja vendo
Duma rocha cair precipitado;

10 Embora o Trigo veja submergido,
A cheia as pobres Reses vá levando,
O meu casal no chão veja abatido;

Por mais que o Fado bárbaro e nefando
Oprima com rigor o meu sentido,
De ti, Marília, me estarei lembrando.

92. Soneto *Debaixo destes cedros levantados*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 49v]

Debaixo destes cedros levantados,
Que à vista infunde horror e gera medo,
A Bela Inês passava tempo ledado,
Com Pedro e com os Filhos adorados;

5 Viam-se então brincar por estes Prados
Zéfiros gratos, com sussurro quedo,
E em torno deste altíssimo rochedo,
Os Pássaros cantando namorados.

Mas tudo transtornou a sorte impia;
10 Foi morta a Bela Esposa, meiga e pura,
Pela bárbara mão da tirania;

As Ninfas desta fúnebre espessura,
Com tristeza fatal, de noite e dia,
{A}inda choram d'Inês a desventura.

14. Esta aférese é imposta pela métrica.

93. Soneto *Ao rude tom de ríspidos Tambores*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 50r]

Ao rude tom de ríspidos Tambores
E de canoras Frautas afinadas,
Com as setas na Aljava despontadas,
Marchava atrás d'Amor milhões d'Amores;

5 Mostravam os Favónios voadores,
Nas festivas Bandeiras desatadas,
Com letras d'ouro fino recamadas,
Da Bela Márcia os Dotes superiores.

Na terra bate o pé o Deus Vendado;
10 Firmam-se logo os Génios inumanos
E fica um pouco tudo sossegado;

Eis que dando o sinal os mais vet'ranos,
O longo Batalhão insinuado
Salva de Márcia Bela os verdes Anos.

94. Soneto *As portas torna a abrir da noite escura*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 50v]

As portas torna a abrir da noite escura
Da Terra a bela Filha lagrimosa;
Desce de novo à margem pavorosa
A Deusa d'enlutada vestidura;

5 Já canta Dáulia a sua desventura,
Com voz encantadora e maviosa,
Nas Faias da Ribeira deleitosa,
Que pelos seixos plácida murmura.

10 As lúcidas Estrelas se escurecem
E já de novo os Campos e o Montado
Com borrifadas flores aparecem;

Vejo alegre a Campina, o Bosque e o Prado,
Mas só nunca prazeres resplendem
Neste peito de penas trespassado.

95. Soneto *Foge dos impinados altos Montes*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 51r]

Foge dos impinados altos Montes
Da tenebrosa Noite o negro manto;
A roixa Aurora já com débil pranto
Passeia nos curvados horizontes;

5 Já malham na Bigorna os sujos Brontes
Os pesados Grilhões do Deus d'Espanto;
Já solta o Rouxinol o doce canto,
Em torno das sonoras, claras Fontes.

10 Por entre as ondas, o rugoso Tejo
Vai a verde cabeça levantando,
Para saudar o Dia, com festejo;

Vai a Aurora as campinas alegrando,
Mas só Janido ali agora vejo
Ir outra vez a Noite desejando.

96. Soneto *Albano, por acaso caminhando*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 51v]

Albano, por acaso caminhando
Pelas margens do Tejo caudaloso,
Ao som do brando Plectro sonoro,
A sua glória antiga foi louvando;

5 Enquanto estava nisto recreando
O seu cansado peito doloroso,
Viu que o lúcido sol no Mar undoso
Os froixos raios ia sepultando.

Largando então o Plectro tristemente,
10 Na praia com os dedos escrevia,
Gemendo a cada passo ternamente;

O mísero leteiro assim dizia:
«Aqui o triste Albano antigamente
Os pesados Grilhões em paz sofria.»

97. Soneto *Rasgou enfim o véu da noite escura*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 52r]

Rasgou enfim o véu da noite escura
Do sol a Precursora lisonjeira;
Já cintila na húmida Ribeira
Das conchas a brilhante formosura;

5 Os suaves Favónios, com brandura,
Giram contentes a campina inteira;
Vê-se no Tejo a plácida carreira
Qu'os Peixes formam n'água clara e pura.

Tudo em sossego, tudo agora vejo;
10 Ah! Bela Aónia, deixa o teu Montado,
Desce também comigo ao manso Tejo;

Aqui te oferece um Prémio o Deus vendado;
Ah! Caro bem, não tardes, pois desejo
Contigo ver nascer o sol dourado.

98. Soneto *Já, sem murmúrio, o Tejo caudaloso*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 52v]

Já, sem murmúrio, o Tejo caudaloso
Se estende pelas margens dilatadas;
Já não se vê, nas ondas enroladas,
Das Nereidas o coro deleitoso;

5 As Ninfas, com semblante lastimoso,
Desenfeitam as Tranças ondeadas;
Retumbam, nas montanhas escarpadas,
Amargos sons de pranto lagrimoso.

Espalhou, com acerba ligeireza,
10 Mil azares cruéis neste Montado
A desabrida mão da vil tristeza;

Ah! Bela Aónia, torna a este Prado;
Tu verás como a sábia Natureza
Contigo alegre o rosto amargurado.

99. Soneto *Por mais que os olhos meus ao chão inclino*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 53r]

Por mais que os olhos meus ao chão inclino
Quando vejo essa tua formosura,
Não sei depois que impulso da Natura
Os eleva ao teu rosto peregrino;

5 O meu amante peito de contino
Que é lícito adorar-te me segura;
Mas também a razão, com força dura,
Acusa-me do louco desatino.

10 Eu me vejo, Natércia, desta sorte,
E para que a minha alma te deteste,
Há-de a vida cortar-me a fria morte;

Justos Céus, por que não me concedeste
Mais duro o coração que o bronze forte
Ou mais branda a virtude não fizeste?

100. Soneto *Onde existem, Aónia, os juramentos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 53v]

Onde existem, Aónia, os juramentos
Que tu gravaste, cheia de ternura?
Aonde existe a fé sincera e pura
E de tua alma os firmes rendimentos?

5 Se não tinhas d'amor os sentimentos,
Por que razão, ó Ninfa acerba e dura,
Os pesados Grilhões da desventura
Me lançaste, cruel, com fingimentos?

10 Quanto pode, em teu peito, a variedade,
Pois desatas, por um que não conheces,
As antigas cadeias d'amizade;

De falsa o feio Nome só mereces;
Enfim, tu és Mulher, e na verdade
Este prémio esperava que me desses.

10. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 3-10.

101. Soneto *É Lei indispensável da Natura*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 54r]

É Lei indispensável da Natura
Ter amores, amar e ser amado;
Tanto o que está no Trono colocado
Como ainda o mais pobre da ventura;

5 Amarem-se com fé e com ternura
Em tudo se divisa que é criado;
As Aves se namoram pelo prado,
Os mesmo Peixes n'água clara e pura.

Todos sentem d'Amor a potestade,
10 Trazem todos nos pulsos, com firmeza,
As sensíveis cadeias d'amizade;

Ah! Perde, Anarda, perde tal dureza;
Reflecte, caro Bem, nesta verdade:
Quem não ama desmente a Natureza.

102. Soneto *Bela Márcia, não foi por ser tirano*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 54v]

Bela Márcia, não foi por ser tirano
Que rompi os teus laços apertados;
Nem foram os meus olhos cativados
Por outra alguma Ninfa, não t'engano.

5 Mas o tempo, com fero desengano,
No meu amor mostrava conjurados
Os revezes cruéis dos duros Fados
Que tua alma turbaram mais dum ano.

Eu te adoro, meu Bem, da mesma sorte;
10 Tu vives na minha alma retratada,
Por impulso d'amor activo e forte;

Em meu peito serás eternizada;
Pois {a}inda além da fria, dura morte,
As cinzas te dirão que és minha Amada.

13. Esta aférese é imposta pela métrica.

103. Soneto *Não vires, Bela Márcia, o lindo rosto*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 55r]

Não vires, Bela Márcia, o lindo rosto
Ao pranto que desprendo amargurado;
Não queiras aumentar o meu cuidado
Com os golpes cruéis d'outro desgosto;

5 Basta a dura aflição em que estou posto
Para abrandar o peito mais irado;
Embora t'enraiveça o triste Fado,
Não lhe faças, meu Bem, jamais o gosto.

10 Não digo que me adores com ternura;
Basta somente para minha glória
Que escutes meus gemidos, com brandura.

Meus excessos aviva na memória;
Recorda na tua alma terna e pura
Do nosso antigo amor a longa história.

104. Soneto *A venda tira Amor dos olhos belos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 55v]

A venda tira Amor dos olhos belos,
Aos Brontes anuncia que descansem,
Manda às risonhas Graças que lh'entrancem
De brancas Açucenas os cabelos;

5 Calca aos pés os Dardos amarelos,
Para que mais vitórias não alcancem;
Pede aos vários Destinos que abonancem
As rodas que fomentam guerra e zelos.

Erguendo ao Céu os olhos matadores,
10 Vê em risonha nuvem d' alegria
A caterva dos Numes vencedores;

Eis que Amor com a chusma assim dizia:
«A Bela Márcia, Deusa dos Amores,
Os verdes Anos conta neste Dia.»

105. Soneto *Manda, gentil Anarda, o meu destino*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 56r]

Manda, gentil Anarda, o meu destino
Outros campos pisar amargurado,
Aonde viva em mágoas embrenhado,
Ausente de teu rosto peregrino;

5 Acredita que em louco desatino
O meu peito já fica sepultado,
E que no meu semblante descorado
O pranto já borbulha de contino.

10 Cumpra-se embora o Fado triunfante,
Que Eu, bem como penedo firme e duro,
Nunca terei a nota d'inconstante;

Esta Fé, minha Anarda, que te juro,
Este amor que protesto, o mais constante,
Verás brilhar na ausência e no futuro.

106. Soneto *Não julgues, Bela Márcia, que a tristura*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 56v]

Não julgues, Bela Márcia, que a tristura
Que vês no meu semblante verdadeira
É por sentir a falta da Parceira
Que três noites sofri com amargura;

5 Causas maiores tem minha alma pura
Para mostrar, ainda que não queira,
Os reveses que a sorte lisonjeira
Me teceu, com medonha desventura.

As Desgraças o berço m'embalaram;
10 No meu sinistro lado, em turvo bando,
As Galhas, com as asas, me tocaram;

Foi-me o tempo os agouros acelerando,
E as mágoas que em minha alma rebentaram
São causa destes ais que vou soltando.

107. Soneto *Entreí no triste Reino de Cocito*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 57r]

Entreí no triste Reino de Cocito,
Achando um dia em sonhos a Aqueronte,
Que encostando no Barco a turva frente,
Não varava co'a proa o seu distrito.

5 Dos tristes habitantes o conflito
 Vi no seio do amargo, escuro monte;
 Mas o Nume, que estava ali defronte,
 Me fala assim, com rouco, acerbo grito:

10 «Pára, Mortal! Não sejas temerário;
 Este lugar espera, em breves dias,
 O Rancho castigar que te é contrário»;

 Eis que ouço da Barbuda as vozarias
 E vejo em lutuoso vestuário
 A Castro, todo o Rancho e minhas Tias.

108. Soneto *Vendo a Castro o focinho um certo dia*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 57v]

Vendo a Castro o focinho um certo dia,
Ao vidro, que o semblante lhe juntava,
Compor a ruga pele desejava,
Antevendo que o Mundo a deixaria;

5 Longas horas co'o dedo se brunia
E o seu amor vaidoso lhe intimava,
Quando na velha face meditava,
Que {a}inda a tocha d'Amor acenderia.

Mas vendo em vão o seu trabalho forte,
10 Deixa o Mundo, por Deus, e humilde fala
No Padre São Bernardo, com transporte.

Com falsa hipocrisia a todos rala,
E da cebola Egípcia até à morte
As saudades que tem no peito cala.

8. A aférese é imposta pela métrica.

109. Soneto *Caldas de São Gemil, em dous d'Agosto*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 58v]

Caldas de São Gemil, em dous d'Agosto;
Chegou Vernei, da entrega fez-se Acto,
E o Guarda inexorável, com recato,
Numa estreita prisão o deixou posto;

5 Da Terra o São Juiz, banhado em gosto,
Se foi para um Quartel imediato,
A fim de ouvir melhor o som ingrato
Dos ais que dava o Triste com desgosto.

Passou a noite em pranto consternado,
10 'té que d'Alva raiando a clara Estrela,
Achou-se morto o Preso desgraçado.

Agora aqui se questiona e zela
S'há-de o Tal enterrar-se em chão sagrado
Por chamar 'té ao fim por Nance Bela.

1. Caldas de São Gemil (Sangemil) – Situam-se na margem direita do rio Dão, na freguesia de Lardosa do Dão, conselho de Tondela, distrito de Viseu.

110. Soneto *Prudente Guardião, o Santo Zelo*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 59r]

Prudente Guardião, o Santo Zelo
Com que respeito a vossa caridade
Me faz queixar agora de um seu Frade
Que é mais brutal ainda que um camelo;

5 É o caso... Mas tremo de dizê-lo,
Pois mais atroz não viu a Cristandade,
Por ser de quem professa castidade
E o fausto deixa só por um capelo.

10 Amando um traste vil com indecência,
Fez-lhe uns versos só dignos de chicote
E as chagas lhe imprimiu da Penitência;

De noite sai às Moças de Capote,
E nesses claustros tem Vossa Rev'rência
Envolto num burel a Dom Quixote.

N. GLOSAS

111. Glosa *Pode, Anarda, o rijo Fado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 151r-151v]

Mote

*Bem pode o tempo tirar-me
A glória de poder ver-te;
Só tempo para querer-te
Não pode o tempo tirar-me.*

Glosas

Pode, Anarda, o rijo Fado,
Com duro, ferino rosto,
Tramar lances de desgosto
A meu peito incendiado;
5 Mas não pode acelerado
D'Amor o incêndio apagar-me,
Nem mais poderá calmar-me
O ardor da interna ferida,
{A}inda que, com mágoa, a vida
10 *Bem pode o tempo tirar-me.*

Tu jamais verás profanos

9. A aférese é determinada pela métrica.

Da paixão os firmes votos;
Nem verás os laços rotos,
Por mais que passem os anos;
15 A minha alma, sem enganos,
Mais se ateia em bem querer-te,
Quer em tudo obedecer-te,
Humilhada até à morte,
{A}inda que me roube a sorte
20 *A glória de poder ver-te.*

Na mais triste solidão
Ainda que esteja posto,
Ao teu belo, gentil rosto
Voará meu coração;
25 Aos ares meus ais irão,
Com a mágoa de não ver-te;
Este lance de perder-te
Solitário chorarei,
Mas aflito aqui terei
30 *Só tempo para querer-te.*

Não podem humanos braços,
Por mais que busquem ideias,
Desatar estas cadeias
Que retinem nos meus braços;
35 Divididos estes laços,

19. A aférese é determinada pela métrica.

Jamais poderão achar-me;
Pode o tempo maltratar-me,
Por efeito da vingança,
Mas do meu Bem a lembrança
40 *Não pode o tempo tirar-me.*

Mote: ABBA; Glosa: ABBAACCCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

112. Glosa *Os reveses da tristeza*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 152r-152v]

Mote

*Em todos faz seu efeito
O tempo na duração;
Todos mudam com ventura,
Só Eu, por desgraça, não.*

Glosas

Os reveses da tristeza
De tal sorte me maltratam
Que a minha alma desbaratam,
Com dura, cruel fereza;
5 A pesada sorte acesa,
Sem ter dó, me fere o peito;
O meu coração sujeito
Sente as penas d'agonia,
Quando a plácida alegria
10 *Em todos faz seu efeito.*

Maldigo, por desafogo,
Com fero, cruel transporte,
A minha cruenta sorte,

Que me abrasa em vivo fogo;
15 Mas o meu sentido rogo
Já não tem aceitação;
Da sorte a travessa mão
De ferir-me não se cansa,
Porque em mim não faz mudança
20 *O tempo na duração.*

Oh, quanto melhor me fora
Ao mundo não ter nascido
Do que ver-me combatido
Deste mal, que não minora;
25 Aumenta-se d' hora em hora
Minha triste desventura;
A Deusa perversa e dura
Não me afroixa os tristes danos,
Quando os míseros Humanos
30 *Todos mudam com ventura.*

Torna a ver a luz do dia
Aquele que em triste encerro
Arrastava o rijo ferro
Que o peito lhe entristecia;
35 Com impulsos d' alegria,
Canta livre da prisão,
Recreia seu coração,
Com prazer o mais jucundo;
Todos sossegam no Mundo,

40 *Só Eu, por desgraça, não.*

Mote: ABCB; Glosa: ABBAACCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

113. Glosa *Não fujas, Gentil Nancira*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 153r]

Mote

A minha alma só respira

Doce paz, doce alegria.

Glosa

Não fujas, Gentil Nancira,

Destes meus ligeiros passos;

Bem sabes que entre os teus braços

A minha alma só respira;

5 De meu coração retira

Os impulsos d'agonia;

Ah, não queiras ser impia,

Satisfaze o meu desejo,

Pois sinto, quando te vejo,

10 *Doce paz, doce alegria.*

Esta glosa reveste a forma de colcheia: o mote é constituído por dois versos, retomados como 4.º e último da décima.

ABBAACDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

114. Glosa *O tormento em que está posto*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 153r]

Mote

Cuidados, negros cuidados

Glosa

O tormento em que está posto
O meu terno coração
Declara, sem expressão,
A pálida cor do rosto;
5 Já de nada fazem gosto
Os meus olhos desgraçados;
Bem como raios vibrados
Que das nuvens se fomentam,
Assim, Márcia, me atormentam
10 *Cuidados, negros cuidados.*

ABBAACDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

115. Glosa *Tristes campos desditosos*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 153v-154r]

Mote

*Minha Lília já morreu,
Eu toquei mesmo os sinais;
Quem não sabe desta morte
Escute meus tristes ais.*

Glosa

Tristes campos desditosos,
Dissecai as verdes flores,
Porque a Ninfa dos Amores
Não vos faz jamais ditosos;
5 De seus olhos luminosos
Os fulgores já perdeu;
O corpo à terra se deu,
E sobre o Túmulo quis
Pôr um letreiro que diz
10 «*Minha Lília já morreu*».

No fatal e triste dia
Que soltou o froixo alento,
Crassa névoa o rijo vento

Pelos ares estendia;
15 A Natureza gemia
Com os míseros mortais,
Mas entre impulsos fatais,
Com a fruta enrouquecida,
Desta morte desabrida
20 *Eu toquei mesmo os sinais.*

A funesta dor do peito
As vozes m'embaraçavam,
Porque os olhos derramavam
O meu coração desfeito;
25 Não fiquei ali sujeito
Ao mesmo ferino corte,
Porque m'ordenou a sorte,
Largando-me o negro manto,
Que soubesse, com meu pranto,
30 *Quem não sabe desta morte.*

As cores de meu semblante
Em pálidas se trocaram,
E os olhos se cravaram
Com a mágoa penetrante;
35 Pelas brenhas vacilante,
'té contava aos Animais
Minhas desgraças fatais;
Quem quiser inda saber
Desta desgraça o poder

40 *Escute meus tristes ais.*

Mote: ABCB; Glosa: ABBAACCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

116. Glosa *Triste Fado, por que ordenas*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 154v-155r]

Mote

*Todos vivem d'esperanças,
Só as minhas já morreram;
Matou-as um desengano,
Logo tanto que nasceram.*

Glosas

Triste Fado, por que ordenas
Tão medonha desventura
À minha alma terna e pura,
Que se nutre só de penas?
5 Dize enfim: por que envenenas
D'Amor as pungentes lanças?
Ah! Cessa tais vinganças,
Vê que a mágoa em mim existe,
Quando neste mundo triste
10 *Todos vivem d'esperanças.*

Meus tormentos dolorosos

7. Este verso tem 6 sílabas.

Em vão pretendo ocultar,
Porque os vejo publicar
Por amantes ais saudosos;
15 De meus olhos lacrimosos
Os prazeres s'esconderam;
Felizes todos nasceram;
No mundo, por vários modos,
De ventura gozam todos,
20 *Só as minhas já morreram.*

Bem como ligeira Flor,
Que apenas que nasce, logo
De Febo sentindo o fogo,
Perde de repente a cor;
25 Assim 'speranças d'amor
Que nutriu meu peito humano,
Com prazer e sem engano,
Tanto que foram crescendo,
Com rigor o mais horrendo
30 *Matou-as um desengano.*

A cruel cogitação
Do mal que me oprimia
Consternava noite e dia
O meu terno coração;
35 Os prazeres da paixão
D'improviso s'esconderam;
Meus olhos desfaleceram,

Pois viram, com mil mudanças,
Extintas as esperanças,
40 *Logo tanto que nasceram.*

Mote: ABCB; Glosa: ABBAACCCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

117. Glosa *Depois que me separei*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 155v-156r]

Mote

*O rigor da tua ausência
Do campo as flores murchou;
Suspiros e saudades
Somente nele deixou.*

Glosas

Depois que me separei
De teu gesto encantador,
A mágoa, o tormento e a dor
Em minha alma só achei;
5 Dos olhos jamais vedei
O triste pranto d'ardência;
Mas crescendo a veemência
Do mal que m'ordena a sorte,
Sinto agora {a}inda mais forte
10 *O rigor da tua ausência.*

As tristes lágrimas ternas

9. A aférese é imposta pela métrica.

Que meus olhos esparziram
Neste seco chão abriram
Profundíssimas cavernas;
15 Nas grutas as mais internas
A minha queixa soou;
Tudo em tristeza ficou,
Foi sensível a Natura,
Pois co'a minha desventura
20 *Do campo as flores murchou.*

Os Pássaros s'espantaram
Com o som de meus gemidos,
E com voos repetidos
Os leves ares cruzaram;
25 Os castos ninhos deixaram,
Expostos a crueldades,
E em tristes escuridades,
Seguindo meus ais soturnos,
Soltam, em pios nocturnos,
30 *Suspiros e saüdades.*

Aqui, meu Bem, encerrado,
Não vêm senão os meus olhos,
Em torno destes escolhos,
Girar o tormento alado;
35 Aqui meu travesso Fado
Suas iras espalhou;
Os ternos gostos vedou,

E para maior vingança,
Da minha Anarda a lembrança
40 *Somente nele deixou.*

30. A métrica torna obrigatória a diérese.

Mote: ABCB; Glosa: ABBAACCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

118. Glosa *O caduco executor*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 156v-157r]

Mote

*O tempo, o terrível tempo,
Que tudo estraga e consome,
Não riscará de meu peito
Da gentil Marília o Nome.*

Glosas

O caduco executor
Do Fado, que tudo ordena,
Não pode com mágoa e pena
Macular meu firme amor;
5 Poderá, com vil rigor,
Carcomer as vinhas que empo,
Mas inda que em contratempo
Me lancem /*dano/ nos braços,
Não pode manchar meus laços
10 *O tempo, o terrível tempo.*

Nos fracos pulsos humanos,
{A} onde habita a froixidão,

12. A aférese é determinada pela métrica.

Poderá, com prontidão,
Enredar cruéis enganos;
15 Mas os seus traidores danos
Os meus laços não carcome;
Ah, talvez que as iras dome,
Desmaiado à minha frente,
Lembrando-se de repente
20 *Que tudo estraga e consome.*

Mais tarde que o bronze duro,
Que ao tempo sempre resiste,
Co'a firme constância existe
O meu puro amor seguro;
25 Verá o tempo futuro
Da minha paixão o efeito,
Pois inda que o ferro estreito
Em mim descarregue a morte,
A fé, que domino forte,
30 *Não riscará de meu peito.*

Na cruel tribulação,
No triste lance convulso,
{A}inda com amante impulso
Beijarei o teu grilhão;
35 Os meus olhos mostrarão
O fogo que me consome;

33. A métrica impõe esta aférese.

Mas antes que o corpo tome
D'hórrido espectro a figura,
Gravarei na campa dura
40 *Da Gentil Marília o Nome.*

40. Marília] Maria

40. Trata-se claramente de uma gralha do original.

Mote: ABCB; Glosa: ABBAACCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

119. Glosa *Como setas voadoras*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 157v]

Mote

*Correm velozmente as horas
Que se passam com prazer.*

Glosas

Como setas voadoras,
Como fumo e como vento,
Em grato divertimento,
Correm velozmente as horas;
5 De gosto as longas demoras
Parecem instantes ser;
Pois este tem tal poder
Que mostra como ficções
As amantes situações
10 *Que se passam com prazer.*

No manuscrito que venho editando, seguem-se mais duas glosas ao mesmo mote, ambas sem indicação de autoria: «Tornão as magoas traidoras» ([f. 157v]) e «Na pena, lentas demoras» ([f. 158r]).

Esta glosa reveste a forma de colcheia: o mote é constituído por dois versos, retomados como 4.º e último da décima.

ABBAACCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

120. Glosa *Tanto que a luz da razão*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 158v-159r]

Mote

*Pensei que o livre viver
Estava na minha mão;
Enganei-me, estou cativa,
Já não tem remédio, não.*

Glosas

Tanto que a luz da razão
Abriu de minh'alma os olhos,
Vi logo os cruéis abrolhos
Que nascem da sujeição;
5 Escutei com atenção
Dos rendidos o gemer;
Senti meu corpo tremer
E aflita, com mil ideias,
Ser melhor do que as cadeias
10 *Pensei que o livre viver.*

Na triste caterva escrava
Que o Fado a mágoas condena,
Por mais que encobrisse a pena,

Um mudo clamor soava;
15 Meus livres olhos fitava,
Neste quadro d'aflição;
Mas a voz do coração
Lisonjeira me dizia
Que fugir da lista impia
20 *Estava na minha mão.*

Nas falsárias vozes cri,
E não temendo fraqueza,
Os lances de grande empresa
Sem algum desmaio vi;
25 O meu coração meti
Entre a sombra vingativa,
E querendo ainda activa
Fugir ao lance do perigo,
Com que horror eu não o digo!,
30 *Enganei-me, estou cativa.*

Em vão meus convulsos passos
Liberdade procuravam,
Quando já roucos soavam
Os pesados férreos laços;
35 Debalde meus presos braços
Sacode o cruel grilhão,
Pois firme existe a prisão
Que me urdiu o injusto Fado;
Ah! que o meu penoso estado

40 *Já não tem remédio, não.*

36. cruel grilhão *resulta de uma emenda. Por baixo, vem grilhão cruel*

Mote: ABCB; Glosa: ABBAACCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

121. Glosa *Não zombem, Ninfas, d'Amor*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 159v-160r]

Outras

Não zombem, Ninfas, d'Amor,
Porque o Nume em toda a parte
Fere com veneno e arte
O peito de mais valor;
5 Seu dardo conquistador
Tem a glória de vencer;
Não julguem d'isentas ser,
Pois também Eu noutra idade
Que era filha da vontade
10 *Pensei que o livre viver.*

Nos peitos mais inocentes
Que duras paixões não cegam,
Com maior rigor s'empregam
D'Amor as setas pungentes;
15 Os seus tiros veementes
Rendem todo o coração;
É baldada a isenção;
Eu mesma livre julguei
Que o fugir à sua lei
20 *Estava na minha mão.*

Oh, quanto não foi errado
O meu cego pensamento,
Porque em rápido momento
Tudo enfim Eu vi mudado;
25 Sendo meu peito abrasado
Com a chama sensetiva,
E ficando pensativa,
Disse com fatal tristeza:
Quanto é fraca a Natureza!
30 *Enganei-me, estou cativa.*

Para ter maior tormento,
Pintava na ideia minha
O antigo prazer que tinha
O meu coração isento;
35 Ouvia com sentimento
Soar o duro grilhão;
Ah! Quem vê no coração
Do fogo d'Amor o abalo,
Por mais que intente fındá-lo,
40 *Já não tem remédio, não.*

Mote: ABCB; Glosa: ABBAACCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

122. Glosa *Tanto que o caos se uniu*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 160v-161r]

Mote

*Uma paixão por vontade
Dura enquanto a vida dura;
É igual à liberdade,
Acaba na sepultura.*

Glosas

Tanto que o caos se uniu,
Por alto mando de Jove,
Tudo o que se cria e move
Da mesma Terra saiu;
5 A natura s'imprimiu
Com a lei da igualdade;
Mas a mão da potestade,
Que jamais revela arcanos,
Travou nos peitos humanos
10 *Uma paixão por vontade.*

Ambos os sexos cresceram,
Produzindo o seu efeito,
Pois sendo grato o preceito,

Homens dos homens nasceram;
15 Os domínios s'estenderam
Da paixão constante e pura;
Este efeito da natura
Dos Mortais se não remove,
Porque a lei que ordena Jove
20 *Dura enquanto a vida dura.*

Não chame o Mundo fraqueza
À paixão que nos domina,
Porque esta lei se combina
Com a mesma natureza;
25 Não ofende a sã pureza
Os excessos d'amizade,
Pois de obrar a faculdade
Foi dimanada do Céu;
Este efeito que nos deu
30 *É igual à Liberdade.*

Se a gente degenerou
Ou se erra em amar com fé,
Jove, que o futuro vê,
Por que o não acautelou?
35 Se isto é mal, do Céu baixou,

20. a vida] o Mundo

20. Trata-se de uma gralha evidente do original, provavelmente por influência do verso seguinte.

Ao formar da criatura;
Mas se é um bem da natura,
Um prazer accidental,
Tudo por lei natural
40 *Acaba na sepultura.*

Mote: ABAB; Glosa: ABBAACCCDDC.

O verso usado é o heptassílabo.

V. ANEXO — Os cinco sonetos já conhecidos

Os dois sonetos iniciais foram editados pelo próprio Vernei. O primeiro – «Livraste, ó grande ARETE, os teus Pastores» – saíra numa publicação colectiva de 1744 que a Arcádia de Roma consagrara às melhoras de D. João V, e que foi dada a conhecer por Pina Martins (1960). O outro – «És feia; mas de sorte que horrorosa» – vem incluído no *Verdadeiro Método de Estudar* e, apesar de não apresentar indicação de autoria, tem sido unanimemente considerado pelos especialistas como sendo de Vernei.

Os dois seguintes, consagrados à morte da Infanta D. Francisca – «Que acção foi, Cloto indigna, Parca dura» e «À morte o golpe, à fermosura a glória» – eram inéditos que se conservavam na Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora (Fundo Rivara, Ms. CXXV/ 1-28, n.º 22). Foi Mariana Amélia Machado Santos (1942) a primeira a noticiar a sua existência e a publicar o segundo deles (p. 556). O outro soneto seria dado à estampa em 1965 por António Alberto de Andrade (p. 54). Foi também esse investigador a publicar, na mesma obra, o quinto poema – «Debalde a feres; sem razão rogá-la» –, que fazia parte de uma carta inédita de Vernei datada de 1 de Janeiro de 1753 (Andrade: 1965, p. 585).

Todos eles são aqui reeditados de acordo com as normas de transcrição seguidas para os poemas inéditos.

I. *Livraste, ó grande ARETE, os teus Pastores*

Testemunho impresso: *Adunanza Tenuta dagli Arcadi per la ricuperata salute della Sacra Real Maestá di D. Giovanni V Re di Portogallo*, Roma, Stamperia di Antonio de' Rossi, 1744, p. 154

Livraste, ó grande ARETE, os teus Pastores
De um susto justamente concebido.
Se tu vivendo haviam florecido,
Faltando, quais seriam seus temores!

5 Distribuindo entre eles mil favores,
Dos Árcades asilo tu hás sido;
Com que se Portugal sustos tem tido,
Arcádia e Roma teve não menores.

Vive, ó Pastor; prossegue felizmente;
10 As Musas honra, que recompensado
Serás com grande usura eternamente.

Quem merece é com gosto elogiado.
E que triunfo iguala dignamente
A o ser de um Mundo douto celebrado?

10. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 2-4-10.

II. *És feia; mas de sorte que horrorosa*

Testemunho impresso: *Verdadeiro Metodo de Estudar*, 1746, I, p. 155-156 e 203

És feia; mas de sorte que horrorosa
À tua vista é bela a fealdade;
Mas tens fortuna tal que a enormidade
Te consegue os tributos de formosa.

5 Cara tão feia, coisa tão pasmosa,
Todos observam e move a raridade.
Não desperta o comum a cur'sidade;
Ser rara é que te adula vaidosa.

Ama-se o Belo e cega o mesmo affecto.
10 O Feio, pois não liga o pensamento,
Deixa miudamente ver o objecto.

Isto faz que se observe esse portento.
Quanto estás obrigada a esse aspecto,
Se no enorme te dá merecimento!

8. A métrica torna obrigatória esta diérese.

III. *Que acção foi, Cloto indigna, Parca dura*

Testemunho manuscrito: BADE, FR, CXXV / 1-28, n.º 22, f. 314r

À morte da Senhora Infanta D. Francisca

Que acção foi, Cloto indigna, Parca dura,
Sepultar das formosas a Princesa?
Cuidaste (ocasionando esta tristeza)
Negar adorações à fermosura[?]

5 Sem efeito empregaste a fouce impura,
Debalde se empenhou tua fereza;
Que não perde os decoros a beleza,
Se faz altar da própria sepultura.

Tu erraste o discurso, se o projecto
10 Era negar-lhe o culto e a vaidade;
Matá-la foi buscar meio indiscreto;

Que o sepultar florida uma beldade
É, conservando ao sacrificio o objecto,
Erigir novo altar à saúde.

14. A métrica impõe a diérese na última palavra.

Leg. Infanta D. Francisca – Trata-se da irmã de D. João V, falecida a 15 de Julho de 1736, acontecimento que inspirou um grande número de poemas.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

IV. *À morte o golpe, à fermosura a glória*

Testemunho manuscrito: BADE, FR, CXXV / 1-28, n.º 22, f. 314v

À morte o golpe, à fermosura a glória
Conseguiu nesta mesma tirania;
Quis a morte entender que a conseguia,
Mas vê viva a beleza na memória.

5 Por não ter tanto à vista esta vitória,
Esconde a causa nesta pedra fria;
Mas que importa que acabe a Parca impia,
Se lhe serve este túmulo de história?

10 Quem não souber a láurea conseguida
(Se é que pode ignorá-la o pensamento),
Lê-la-á neste mármore esculpida;

Que como o que aqui jaz tudo é protento,
O Bronze fala, a pedra há-de ter vida,
Línguas a campa, voz o monumento.

V. Debalde a feres; sem razão rogá-la

Testemunho manuscrito: Carta de 1 de Janeiro de 1753, publicada por António Alberto de Andrade (1965, p. 585)

Debalde a feres; sem razão rogá-la
Intentas a que fale de sentida.
Bem agora queixoso da ferida
Fala Moisés e a mesma pedra fala.

5 Tão douta proporção soube animá-la
Que a voz lhe deu, pois lhe infundiu a vida.
E agora dessa injúria ressentida,
Falando muda, atentamente cala.

10 Se Moisés nessa estátua te falara,
A vista ilusa, a arte mentirosa,
Na voz que proferisse publicara.

Se é estátua, há-de ser silenciosa,
Que a voz com qualquer home a equivocara;
O silêncio a distingue e a faz famosa.

1.-14. O soneto é inspirado na estátua de Moisés da autoria de Miguel Ângelo Buonarota.

VI. BIBLIOGRAFIA

A. Testemunhos manuscritos

Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)

Ms. intitulado «Flores do Parnazo», vol. I

Ms. intitulado «Flores do Parnazo», vol. III

B. Outros manuscritos citados

Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora

– Fundo Rivara

Ms. CXXV / 1-28, n.º 22

C. Obras impressas citadas de Luís António Vernei

1744, *Adunanza Tenuta dagli Arcadi per la ricuperata salute della Sacra Real Maestá di D. Giovanni V Re di Portogallo*, Roma, Stamperia di Antonio de' Rossi.

1746, *Verdadeiro Metodo de Estudar, Para ser util à Republica, e à Igreja: Proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal*, Valensa, Oficina de Antonio Balle.

1949, *Verdadeiro Método de Estudar – Volume I: Estudos Linguísticos*, edição organizada por António Salgado Júnior; Lisboa, Sá da Costa.

1950, *Verdadeiro Método de Estudar – Volume II: Estudos Literários*, edição organizada por António Salgado Júnior; Lisboa, Sá da Costa.

1991, *Verdadeiro Método de Estudar (Cartas sobre Retórica e Poética)*, introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves Pires; Lisboa, Editorial Presença.

D. Ensaaios sobre Vernei e a sua obra

ANDRADE, António Alberto de

1965, *Vernei e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis.

CASTRO, Aníbal Pinto de

1973, *Retórica e Teorização Literária em Portugal – Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos.

CIDADE, Hernâni

1934, «A crítica literária de Verney. II – A poesia», in *Seara Nova*, n.º 397, 12 de Julho.

CIDADE, Hernâni

1984, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, vol. II, 7.^a ed., Coimbra, Coimbra Editora.

GIRODON, Jean

1961, *Verney: Documents*, Lisboa (separata do *Bulletin des Études Portugaises*, tome 23, pp. 252-341).

MARTINS, António Coimbra

s/d, «Luís António Verney», in *Dicionário de História de Portugal*, dir. de Joel Serrão, vol. VI, Porto, Figueirinhas, pp. 271-279.

MARTINS, José V. de Pina

1960, *Temas Verneianos*, Lisboa (separata da *Revista da Faculdade de Letras*, III série, n.º 4).

MONCADA, Luís Cabral de

1941, *Um “Iluminista” Português do Século XVIII: Luís António Verney*, Coimbra, Arménio Amado.

SANTOS, Mariana Amélia Machado

1942, «Inéditos de Verney», in *Biblos*, Coimbra, vol. XVIII, tomo 2, pp. 545-556.

SANTOS, Mariana Amélia Machado

1947, «Verney e o “Bom Gosto”», in *Seara Nova*, n.º 1016-1017, 25 de Janeiro, pp. 42-46.

SILVA, Vítor Aguiar e

1995, «Barroco e Neoclassicismo na Retórica e na Poética de Verney», in *Verney e o Iluminismo em Portugal – Actas do Colóquio “Verney e a Cultura*

do seu Tempo”, realizado na Universidade do Minho em 2 e 3 de Abril de 1992, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

TELES, Inocêncio Galvão

1951, *Verney e o Iluminismo Italiano*, Lisboa (separata da *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, n.º 7).

E. Outros estudos

MORAIS, Manuel de Jesus Ferreira

1990, *Termas de Sangemil – Um estudo hidrogeológico*, trabalho de síntese; Coimbra, Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, Centro de Geociências da Universidade de Coimbra, INIC.

SANTOS, J. J. Carvalhão

1991, *Literatura e Política – Pombalismo e antipombalismo*, Coimbra, Livraria Minerva.

F. Dicionários

FALCÓN MARTÍNEZ, C.; FERNÁNDEZ-GALIANO, E.; LÓPEZ MELERO, R.

1997, *Dicionário de Mitologia Clássica*, Lisboa, Presença.

GRIMAL, Pierre

1992, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, coordenador da edição portuguesa: Victor Jabouille; 2.^a ed., Lisboa, Difel.

SILVA, António de Moraes

1889, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Empreza Literaria Fluminense.

VII. ÍNDICE ALFABÉTICO DE PRIMEIROS VERSOS

DOS POEMAS EDITADOS

<i>A curvada Mulher que sempre fixos</i> (n.º 13)	121
<i>A fecunda estação gostosa a Baco</i> (n.º 4)	98
<i>A lenta melancolia</i> (n.º 29)	205
<i>À morte o golpe, à fermosura a glória</i> (n.º IV)	446
<i>A rugidora porta que refreia</i> (n.º 43)	282
<i>A venda tira Amor dos olhos belos</i> (n.º 104)	400
<i>Achando o Templo aberto do Vendado</i> (n.º 68)	364
<i>Adeus, Lorana ingrata, adeus, pesares</i> (n.º 64)	350
<i>Agora que o sono brando</i> (n.º 35)	243
<i>Agora que os ventos</i> (n.º 19)	145
<i>Albano, por acaso caminhando</i> (n.º 96)	392
<i>Alvissaras! Amor ficou vencido</i> (n.º 88)	384
<i>Anarda, chegou</i> (n.º 34)	235
<i>Ao chão lançou a Aljava o Deus vendado</i> (n.º 58)	354
<i>Ao longo do fraguado cavernoso</i> (n.º 70)	366
<i>Ao rude tom de ríspidos Tambores</i> (n.º 93)	389
<i>Ao som das grossas vagas, que lambiam</i> (n.º 82)	378
<i>Apenas que Leandro a facha via</i> (n.º 66)	362
<i>Apenas que os Humanos profanaram</i> (n.º 79)	375
<i>Apenas teu Nome ouvi</i> (n.º 36)	249
<i>Aqui exposta às Feras pavorosas</i> (n.º 52)	348
<i>Armânia, teus lindos olhos</i> (n.º 37)	257
<i>As pandas asas solta carregado</i> (n.º 84)	380
<i>As portas tornava a abrir da noite escura</i> (n.º 94)	390
<i>Ateie de novo</i> (n.º 20)	151

<i>Bela Márcia, não foi por ser tirano</i> (n.º 102)	398
<i>C'os braços nus, os golpes alternavam</i> (n.º 71)	367
<i>Caldas de São Gemil, em dous d'Agosto</i> (n.º 109)	405
<i>Campos da minha glória já passada</i> (n.º 83)	379
<i>Chegou, ó Bela Márcia</i> (n.º 26)	186
<i>Com os finos cabelos esparzidos</i> (n.º 51)	347
<i>Como setas voadoras</i> (n.º 119)	429
<i>Da noite o negro manto se estendia</i> (n.º 54)	350
<i>Debaixo destes cedros levantados</i> (n.º 92)	388
<i>Debalde a feres; sem razão rogá-la</i> (n.º V)	447
<i>Depois que me separei</i> (n.º 117)	423
<i>Depois que o frio Inverno carrancudo</i> (n.º 46)	305
<i>É este o belo campo aonde Elisa</i> (n.º 49)	332
<i>É Lei indispensável da Natura</i> (n.º 101)	397
<i>Em um vale, que fica situado</i> (n.º 56)	352
<i>Em vão pertendes, Sílvio, com ternura</i> (n.º 86)	382
<i>Embora em pobre lenho destroçado</i> (n.º 91)	387
<i>Enquanto a prima idade nos obriga</i> (n.º 57)	353
<i>Enquanto as vivas chamas devoravam</i> (n.º 55)	351
<i>Enquanto grossa chuva está caindo</i> (n.º 8)	108
<i>Enquanto não se aparta o branco gelo</i> (n.º 14)	123
<i>Entre no triste Reino de Cocito</i> (n.º 107)	403
<i>Entrou no Averno Lília e de repente</i> (n.º 85)	381
<i>És feia; mas de sorte que horrorosa</i> (n.º II)	444
<i>Eu fui um dia, em voos transportado</i> (n.º 6)	102
<i>Eu vi um dia, oh Céus!, que triste dia!</i> (n.º 76)	372
<i>Farta, ó Ninfa, o desejo furioso</i> (n.º 63)	359
<i>Foge dos impinados altos Montes</i> (n.º 95)	391

<i>Fogem batendo as asas</i> (n.º 12)	119
<i>Fugiam dos curvados horizontes</i> (n.º 48)	321
<i>Graças ao Céu divino</i> (n.º 25)	181
<i>Graças ao Céu, Cifrânio, que te vejo</i> (n.º 47)	313
<i>Graças ao Céu, Leitão, que já te vejo</i> (n.º 16)	128
<i>Havia já três anos que Janido</i> (n.º 42)	277
<i>Havia longos tempos que Janido</i> (n.º 50)	338
<i>Ilustre Pinto, companheiro Amigo</i> (n.º 30)	210
<i>Irra! Tal não consinto; é corriola</i> (n.º 77)	373
<i>Já os raios de Délio vão subindo</i> (n.º 44)	287
<i>Já piso as tristes Caldas</i> (n.º 24)	177
<i>Já que a dura distância me separa</i> (n.º 31)	216
<i>Já, sem murmúrio, o Tejo caudaloso</i> (n.º 98)	394
<i>Livraste, ó grande ARETE, os teus Pastores</i> (n.º I)	443
<i>Louvem embora mil apaixonados</i> (n.º 67)	363
<i>Mais me recreia Márcia em traje pobre</i> (n.º 53)	349
<i>Manda, gentil Anarda, o meu destino</i> (n.º 105)	401
<i>Meninas erraram</i> (n.º 27)	195
<i>Morreu-me de improviso o manso Gado</i> (n.º 61)	357
<i>Na Forja de Vulcano acelerados</i> (n.º 87)	383
<i>Não canto o fero Moço doutrinado</i> (n.º 9)	110
<i>Não de Milton, Voltair, Camões divino</i> (n.º 2)	91
<i>Não fujas, Gentil Nancira</i> (n.º 113)	415
<i>Não julgues, Bela Márcia, que a tristura</i> (n.º 106)	402
<i>Não são os regozijos da Ventura</i> (n.º 33)	227
<i>Não sei, ó bela Márcia</i> (n.º 23)	172
<i>Não vires, Bela Márcia, o lindo rosto</i> (n.º 103)	399
<i>Não zombem, Ninfas, d'Amor</i> (n.º 121)	433

<i>Nos Altares da Cândida Amizade</i> (n.º 7)	106
<i>Numa noite que o Céu se escurecia</i> (n.º 75)	371
<i>Numes da Poesia</i> (n.º 10)	113
<i>O caduco executor</i> (n.º 118)	426
<i>O Frigio Capitão, de Dido amado</i> (n.º 69)	365
<i>O Globo de Febo</i> (n.º 22)	164
<i>O tormento em que está posto</i> (n.º 114)	416
<i>O Véu da desgraça</i> (n.º 28)	198
<i>Oh! Como passa alegre a curta vida</i> (n.º 89)	385
<i>Onde existem, Aónia, os juramentos</i> (n.º 100)	396
<i>Ordena o Pai dos Deuses que um só Dia</i> (n.º 80)	376
<i>Os pesados grilhões que os roixos pulsos</i> (n.º 5)	100
<i>Os protestos que te fiz</i> (n.º 40)	268
<i>Os raios de Febo</i> (n.º 21)	159
<i>Os reveses da tristeza</i> (n.º 112)	412
<i>Os teus olhos, linda Anarda</i> (n.º 38)	260
<i>Passaram as Idades venturosas</i> (n.º 81)	377
<i>Pode, Anarda, o rijo Fado</i> (n.º 111)	409
<i>Por mais que os olhos meus ao chão inclino</i> (n.º 99)	395
<i>Por três vezes, Marília, quis louvar-te</i> (n.º 78)	374
<i>Prudente Guardiã, o Santo Zelo</i> (n.º 110)	406
<i>Qual branca Borboleta, namorada</i> (n.º 59)	355
<i>Quando, Felinto, desandar veremos</i> (n.º 17)	130
<i>Quantas vezes das redes se esquecia</i> (n.º 60)	356
<i>Que acção foi, Cloto indigna, Parca dura</i> (n.º III)	445
<i>Que fúnebre rumor, que aflito pranto</i> (n.º 3)	95
<i>Rasgou enfim o véu da noite escura</i> (n.º 97)	393
<i>S'algum dia na Lira decantava</i> (n.º 15)	126

<i>Sábio Leitão, Amável companheiro</i> (n.º 32)	221
<i>Salve, ameno Vergel, aonde habita</i> (n.º 45)	294
<i>Saudades são efeitos da ternura</i> (n.º 72)	368
<i>Se algum dia, na Lira desgraçada</i> (n.º 11)	116
<i>Se nas cidades todos se vestissem</i> (n.º 90)	386
<i>Se sentisses o meu apartamento</i> (n.º 73)	369
<i>Sentado junto às margens do Ribeiro</i> (n.º 62).....	358
<i>Sonhei, ó Céus! (ainda congelado)</i> (n.º 65)	361
<i>Subamos, Musa, aonde os Deuses moram</i> (n.º 1)	85
<i>Tanto que a luz da razão</i> (n.º 120)	430
<i>Tanto que o caos se uniu</i> (n.º 122)	435
<i>Tebeias Musas do partido Monte</i> (n.º 18)	137
<i>Triste Fado, por que ordenas</i> (n.º 116)	420
<i>Tristes águas do Mondego</i> (n.º 39)	264
<i>Tristes ais, cruéis gemidos</i> (n.º 41)	272
<i>Tristes campos desditosos</i> (n.º 115)	417
<i>Vendo a Castro o focinho um certo dia</i> (n.º 108)	404
<i>Vendo Amor os costumes corrompidos</i> (n.º 74)	370